MANOEL TEIXEIRA MACIEL—EDITOR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A SEREIA

2.ª EDIÇÃO

PORTO
TYPOGRAPHIA DOS DOIS IRMÃOS UNIDOS
8—Travessa da Picaria—8

1887.

A SEREIA

Em noutes de lua cheia,
Já se não ouve o cantar
D'aquella triste Sereia!

Oh pobre moça cahida,
Já sobre ti se fecharam
Os abysmos desta vida!

Diz-me, diz-me, ó lua cheia,
Choras tu na sepultura
D'aquella pobre Sereia?

Em que finar se vão findos
Aquelles cabellos d'ouro,
Aquelles olhos tão lindos!

Aguas malditas, podeste,
Tão linda e nova, matal-a
Matar a pomba celeste!

Ai! pobre anjo da má sorte!
Descança, em fim, que não voltas
Desses abysmos da morte!

Nos ceus passa a lua cheia
Para ouvir teus cantares,
E tu não voltas, Sereia!

Mas um raio de luz pura
Côa-se atravez dos vidros
Sobre a tua sepultura.

Estes melancolicos tercêtos, escriptos ha cem annos, que significação tiveram?

N'um livro manuscripto, e datado em 1768, os encontrei. Em cincoenta paginas de prosa do mesmo manuscripto, descobri o segredo dos versos.

I

ESTAMOS no dia 15 de maio de 1762.

N'aquelle tempo, os dias de maio, no Porto, eram temperados, alegres, perfumados, encantadores. A primavera, ha cem annos, apparecia quando o calendario a dava. Ninguem sahia de sua casa ás cinco horas d'uma tarde cálida de maio, com um casaco de reserva no braço para resistir ao frio das sete horas; nem o paralta portuense levava escondido na copa do chapeo o *cache-nez*, com que, ao anoitecer, havia de resguardar as orelhas da nortada cortante.

O globo, n'aquelle tempo, movia-se em volta do sol com a regularidade assignada pelos astronomos. A gente ditosa, que então viveu, podia confiar-se nos entendidos em rotação dos planetas; e os sabios po-

diam sem receio responsabilisar-se pela pontualidade das estações. Quem, á face da folhinha, se vestisse de fresco em maio, podia sahir á rua trajado de hollandilha ou vareja, que não entraria em casa a espirrar constipado pela subita frialdade que o surprehendeu. A gente fiava-se dos sabios, os sabios da sciencia, e a sciencia dos factos repetidos.

Depois, porem, d'aquella epoca, desconcertaram-se os systemas das regiões altas. As pessoas muito espirituaes receiam que este desconcerto venha a desfechar em acabamento do mundo; outras, mais racionalistas, pretendem que a desordem das estações proceda de causas que, volvido um indeterminado periodo, cessem de existir. Ninguem se lembrou ainda de conjecturar que as vaporações constantes das fornalhas e o fluido electrico de que o ambiente está saturado, possam ter influido na substancia dos solidos e fluidos componentes do machinismo celeste, alterando-lhes o modo de actuarem sobre a terra. Se algum sabio estivesse de pachôrra para demonstrar a profundeza d'esta minha hypothese original, ficavamos convencidos nós de que a civilisação do fumo e a dos arames electricos, a final, acabariam de todo com a primavera. Em compensação, os engenhosos destruidores das nossas alegrias de maio, haviam de inventar uns fogões commodos para nosso uso em julho.

De mais d'isso, o Porto da primavera de 1762, gosava-se de ar impregnado de aromas, porque,

n'aquella era, grande numero de ruas que hoje respiram vapores nocivos pelos ferreos pulmões de seus edificios e fabricas, eram quintas, arvoredos, jardins, ourelas e marginados verdejantes de limpidos regatos, que os ductos actuaes do gaz degeneraram em agua tufana d'essas dezenas de chafarizes em que tragamos peçonha.

Não era, todavia, o sol nem os aromas que extraordinariamente alegravam as familias mais gradas da cidade do Porto, no dia 15 de maio de 1762. As bandeiras que tremulavam, brandamente assopradas por olorosas brisas, por sobre os balcões e rotulos das janellas da rua Chan e Corpo-da-Guarda, significavam algum grande jubilo nacional, que certamente não era casamento de rei, nem nascimento de principe. Mais que no commum das familias burguezas, brincava o contentamento nas ridentissimas filhas do Chanceller governador das justiças Francisco José da Serra Craesbeeck de Carvalho, nas graciosas e folgasans meninas do governador general da Provincia João d'Almada e Mello, nas sobrinhas do Cabo-mór Miguel José de Moura, nas duas loiras irmans do senhor de Quebrantões e Gaya-pequena Alvaro Leite Pereira, e muitas mais, assim formosas que bem nascidas. E, depois, que trafego é este de costureiras que vão e vem; de alfaiates azafamados que sobem e descem d'uns palacios para outros? Por que está praguejando aquelle fidalgo impaciente contra os desgraciosos aneis da sua cabelleira, em

quanto a esposa vocifera contra a modista ignara que lhe estreitou as anquinhas, deixando-lhe quasi molduradas na seda flexivel as magras fórmas da natureza sovina? Por que tudo isto, todo este afan desusado na cidade menos de luxos e fidalgas folias?

É que, na noite d'aquelle dia, accendia-se no Porto, pela primeira vez, uma das mais refulgentes lampadas do altar da civilisação. É que n'aquella noite memoranda o burgo de D. Moninho Viegas entrava em communhão de delicias das artes encantadoras com as primeiras cidades da Europa. Digamol-o d'uma vez, em respeito á anciedade da leitora: abria-se n'aquella noite o primeiro theatro lyrico do Porto.

Muitos annos antes, no reinado de D. Pedro II, por occasião das projectadas nupcias de uma filha do algoz e successor do infeliz Affonso VI, estiveram em Lisboa cantores italianos da comitiva do duque de Saboya para solemnisarem com as suas tramoias lyricas os festejos d'um casamento que nunca se realisou. O publico, porém, espantado e logo aborrecido da estranhesa do espectaculo, rompeu ás gargalhadas quando a dama arquejava abraçada ao tenor lagrimoso guinchando na sua desabrida afflicção. Em resultado d'esta selvageria, decorreram bastantes annos sem que á capital voltassem companhias de canto, sendo tantas as que muito applaudidas funccionavam nos theatros da Europa, e na Italia principalmente. Só decorrido largo espaço de tempo, que

não seria menos do noventa annos, appareceu em Lisboa a celebrada Zamperini, ajustada por um banqueiro da curia romana.

Podemos conjecturar, sem offensa de ninguem, que foi o Porto quem deu o exemplo de apurado gosto á cidade de Ulysses n'esta notavel conquista do progresso. Demonstram-n'o as datas: abriu-se o theatro italiano do Porto em 1762; e a Zamperini, com a sua companhia, cantaram em Lisboa no anno 1770, oito annos depois que o Porto lhe castigára delicadamente o descôco de rir-se a capital, quando as prima-donas e tenores soluçavam as suas notas orvalhadas de prantos mais ou menos equivocos.

No que eu presumo que Lisboa levou vantagem á terra querida de D. João 1.º, foi na capacidade e talvez ornato do seu theatro. Zamperini cantou no tablado da rua dos Condes, alli mesmo n'aquelle cotovêllo da rua, onde o leitor já ouviu, por dita sua, a opera bufa de *Manoel Mendes Enchundia*, ou a *Ave do Paraizo*, e outras que taes visualidades desgraçadas, para as quaes toda a compaixão se faz necessaria. Ó Zamperini! Ó Schiattini, infeliz tenor, que pedias nas arias que te pagassem, e os emprezarios offendidos te levavam, no fim de cada recita, para o hospital dos doudos! Ó egregias memorias, se vós dirieis que aquelle tablado havia de ser cortado de alçapões, por onde agora assomam cabeças de jacarés, de hypogriphos, de dragões e diabos de todos os feitios!

O braço poderoso que fez erguer de arruinados cazebres um theatro, cujo peristilo modesto abona a architectura economica de ha cem annos; a vontade soberana que moveu o senado portuense a contribuir com o maximo das despezas para uma innovação, que devia de ser medianamente sympathica aos laboriosos mercadores e industriaes da cidade do trabalho, era um só homem, um dos maiores vultos d'aquella epoca. Chamava-se João d'Almada e Mello; governava por esse tempo militarmente o Porto; e tres annos depois governava as justiças, presidia no municipio, presidia na marinha, era conselheiro do soberano, e tenente general dos seus exercitos. Todos estes titulos são, porém, deslumbrados pela gloria de ter inaugurado o espectaculo lyrico, em uma cidade que, cem annos depois, carece de recursos para sustentar uma companhia de cantores rebuscados no refugo dos outros theatros.

A decoração scenica do theatro do Corpo da Guarda, se acreditamos o folhetinista contemporaneo seria exaggerado patriotismo encarecermol-a. Para execução da primeira opera, o pintor, que devia ser dos não somenos da epoca, fez uma sala regia bem guarnecida de columnas vistosas, e n'esta sala correram todas as peripecias do drama, sem que a inverosimilhança damnificasse os intentos e effeitos do poeta metrificador e do poeta musical. Denominava-se a opera *Il trascurato*, como quem diz «O descuidado». Parghólesi era o maestro. No intrecho

predominava o genero comico. A prima-dona chamava-se Giuntini. Os de mais cantores e cantarinas não faz menção d'elles o folhitinista — o patriarcha dos folhitinistas em Portugal, padre Francisco Bernado de Lima, que então escrevia a *Gazeta litteraria*, obra de tal cunho, que daria hoje em dia nome e honra a quem assim a escrevesse.

E já que digo da mais antiga critica de theatro lyrico escrita pelo primeiro folhitinista, é aqui o lanço de contar-se á posteridade que foi ainda o governador geral da cidade do Porto, João d'Almada, quem fundou a *Gazeta litteraria* em 1761, e galardoou o admiravel talento e a copiosa e variadissima instrucção de Francisco Bernado de Lima. Do quanto aquelle famigerado homem pretegeu as letras, sem desfalcar no cumprimento de muitissimas obrigações que lhe corriam por conta e responsabilidade, bastam a dizer-m'o dezeseis peças litterarias entre panegyricos, odes, eclogas e sonetos com que quinze litteratos de maior polpa, conglobando-se n'um só livro, fizeram estrado á passagem do heroe para o templo da memoria.

Temos glorificado bastantemente com a nossa pogêa de incenso o creador do theatro lyrico no Porto.

Agora, visto que sua excellencia, o governador, e sua excellencia o chanceller, e suas excellencias os desembargadores ja saltaram das carruagens, das estufas, das cadeirinhas, calexes, e faetontes, e se refestelaram nas duas ordens de camarotes, é tem-

po de tambem entrarmos, posto que o infortunio de nascermos cem annos depois, fizesse que não fossemos convidados pelos escudeiros do galhardo governador a comparecermos com a nossa casaca de seda, com a nossa marrafa, com o nosso dinheiro, e com a nossa admiração no theatro lyrico do Corpo-da-Guarda.

A leitôra, primeiro que tudo, manda-me comprar o *libreto* da opera, que foi impresso e dedicado áquella fidalga do n.º 2, da 1.ª ordem, e se chama a Snr.ª D. Anna Joaquina de Lancastre. Fui á officina do capitão Manoel Pedroso, e pesarosamente soube que se venderam ou distribuiram todos os exemplares por ordem do governador. No entanto, como no camarote do juiz de Fòra está o padre Francisco Bernado de Lima, redactor da *Gazeta litteraria*, vou pedir-lhe que me conte o enrêdo, e virei depois esclarecer a curiosidade de V. Ex.ª que muito me desvanece.

Eis-aqui a noticia que me deu o eloquente padre, tal qual a reproduziu no numero do periodico do mez seguinte:

— «A opera tem por fim o mostrar as funestas consequencias que resultam a um particular, quando inteiramente se descuida dos negocios, de cujo bom exito depende a felicidade de sua casa. Tinha o descuidado e negligente Felisberto, que é a primeira personagem d'esta composição dramatica, um litigio com um conde, sobre a somma de trinta mil

ducados, que era a maior porção do seu capital; mas elle, só com o sentido na sua commodidade particular, ia perdendo o seu negocio, ao mesmo tempo que o roubava um procurador a quem tinha confiado a demanda. Toda a familia de Felisberto fazia o mesmo que o procurador; porque Aurelia orfan, que assistia na casa do descuidado, namorando-se do ambicioso Cornelio, que só a pretendia pelo dote, juntamente com o procurador, fizeram assignar um papel a Felisberto, que por preguiça o não quiz ler, no qual se obrigou este a dar-lhe trinta mil ducados, dizendo-se-lhe que este papel era necessario para sahir bem a sua demanda; mas antes d'isso, Lizaura, filha de Felisberto, lhe tinha feito assignar outro papel em que lhe deixava todos os seus bens, a fim que ella se cazasse com o seu amante Dorindo. O creado Pasquino e a creada Purpurina aproveitaram-se da mesma negligencia para, da mesma sorte, se cazarem. Depois de alguns episodios, em que Felisberto conserva sempre o caracter de um homem amigo só do seu descanso, e inteiramente inimigo do trabalho, se declara Cornelio por amante de Aurelia, e mostra a Felisberto a obrigação que este lhe tinha feito; mas ao mesmo tempo mostra Dorindo o seu papel, que se prefere ao outro por estar feito antes do de Cornelio. Perdoa a todos Felisberto, que até se contenta de que cazem os criados, que tambem tinham abusado do bom e culpavel genio de Felisberto.»

Disse, e acrescentou:

—«Olhe que de um sujeito muito interessado em Paris em saber a urdidura das operas, disse um critico espirituoso: *É tão estupido que vai a opera para vêr o enrêdo!*»

Seja o que fôr, satisfiz o curiosidade de V. Ex.ª. Em quanto ao desenpenho da opera não direi o meu parecer, porque outro folhitinista, noventa annos depois, analisou detidamente o espectaculo, com sobeja graça e conhecimento da scena. V. Exc.ª dobra esta pagina, e vai n'uma *nota final* satisfazer plenamente o seu desejo. Não lh'o conto eu, porque refazer o que está bem feito é destruil-o. No *Bibliophilo Joseph*, que subscreve o jovial folhetim, apresento eu á leitora o elegante prosador José Gomes Monteiro.

II

A noticia da inauguração do theatro de canto no Porto, um mez antes da primeira récita, alvoroçara algumas familias das villas circumpostas á magnifica cidade, na área de dez leguas.

O juiz de Fora de Amarante, Antonio de Sousa Pereira, amantissimo de musica, e instado por uma sua cunhada, que principiava a cantar com deliciosa voz, obteve com muita antecipação o camarote n.º 7 da 2.ª ordem.

Oito dias antes da abertura do theatro, já o juiz de Fora estava no Porto, cuidando em trajar-se dignamente a si, a sua mulher e cunhada, de modo que as damas portuenses não se desdoirassem de concorrer com as provincianas ao mais lustroso congresso d'aquelles tempos.

De feito, se alguma sensação desagradavel causou a familia de Sousa Pereira foi a da inveja, em muitas senhoras que, ainda invejosas, primavam em bellesa.

Da esposa do juiz diremos apenas que era bella, para nos não minguarem as phrases sacramentaes no elogio de sua irman Joaquina Eduarda.

Observada da platêa, a formosa cabeça d'esta menina, que teria então dezoito annos, era um busto de Pigmalião, não aviventado pelo amor ardente de seu auctor, mas por influxo radioso da vida dos cherubins. Realçavam quasi nada os pentes de oiro cravejados de perolas, por que a alvura da fronte os desluzia, bem que o loiro dos opulentos cabellos fosse causa a refulgirem menos os adornos. Era d'uma candidez eburnea. Os olhos, posto que grandes, mal se viam de assombrados pelas convexas e cahidas palpebras. O coral fendido dos finos labios poderia estilar o nectar mortal das paixões, se não fosse formado por algum beijo de archanjo, que lhe viera roubar a alegria da terra levando-lhe no osculo as melhores e mais puras alegrias da alma. Joaquina Eduarda parecia triste, introvertida em cogitações intimas; porém, quando a Giuntini espedia em trilos vibrantes as phrases musicaes mais expressivas da paixão, Joaquina espertava, estremecia e machinalmente ajuntava as mãos para applaudir.

N'um entre-acto, ao camarote do juiz de Fora de Amarante foram alguns magistrados, e cavalhei-

ros da provincia, comprimentar a familia de Souza Pereira, sugeito aparentado com illustres casas d'entre Douro e Minho.

O velho Pedro de Vasconcellos, de Braga, tambem foi, e levou em sua companhia um filho natural e unico, muito querido seu, academico do quarto anno do curso juridico na universidade de Coimbra.

O môço, com quanto estudante e não dos menos travêssos fidalgos em Coimbra e Braga, denotou no camarote acanhamento de menino do côro; e, para ajustar os pontos da analogia com a candura seraphica d'um minorista, esteve sempre fito na cunhada do juiz de Fora, como o outro estaria enlevado n'um retabulo de alguma santa das mais formosas; salvo quando Joaquina, por acaso, ou acintemente, lhe relanceava os olhos indiscriptiveis de fascinação e magia.

Desceu á platêa Pedro de Vasconcellos com seu filho Gaspar. O velho ria-se dos tregeitos do bufão; o môço não despregava os olhos do camarote; e Joaquina Eduarda, a espaços não longos, desfechava sobre a face arrobada de Gaspar uma flecha das maviosas pupilas, que fariam lembrar os relampagos rutilantes em céo azul, ao fechar-se um dia calmoso de julho.

O juiz de Fora segredou á esposa algumas palavras. A esposa inclinou-se á irman e disse-lhe:

—Olha que não parece bem estar assim uma menina a olhar para um homem.

*

—Eu para quem olho?! — perguntou Joaquina, confessando a culpa no rubor e contrafeito sobresalto.

—Eu bem vejo, e teu cunhado tambem via.

A menina voltou o rosto para o palco, deteve-se com gesto de amuada alguns minutos; depois esqueceu-se, e olhou outra vez.

A irmão sorriu-se de má catadura, e murmurou:

— Queira Deus... Teu cunhado, se o zangas, não volta mais aqui, nem a parte nenhuma. Não sabes o genio d'elle?... e as recommendações do mano Sebastião?

Tornou a amuar Joaquina Eduarda, e nunca mais baixou os olhos sobre a platêa.

Concluido o espectaculo, o magistrado tomou pelo braço as duas senhoras, que entraram em cadeirinhas e partiram, em quanto elle ficou esperando no pateo o regedor das justiças para lhe dobrar uma cortezia até aos joelhos.

Convém saber alguma coisa do juiz de Fora e sua familia.

Estava elle ouvidor em Vianna em 1758. Alli vivia, no ultimo quartel da vida, um fidalgo com poucos bens de fortuna, e muitas feridas no serviço da patria. Era o capitão de cavallaria Fernão Cazado Godim, neto do doutor Marçal Cazado, o qual fôra irmão d'uma celebrada viuva de quem resam as chronicas dos heroismos de portuguezas. Costumava Fernão mostrar a quantas pessoas se honravam com a sua

amisade um livro impresso em 1625, e escripto pelo padre *Bertolameu Guerreiro, da Companhia de Jesus*, no qual livro vinha contada a façanha de sua tia-avó pelo seguinte theor: «... Para estimar foi a contenda que entre a natureza e a honra lidou no peito de uma dona vianeza, que tem pouca razão de envejar o valor das matronas romanas. Tendo em sua casa um só filho, em cuja companhia tinha a sua consolação e governo, se viu com elle em grande fadiga: apertava o amor de mãe para elle não ir na armada *; apertava o da honra para não ficar na terra. No meio d'esta batalha, entra o filho pela casa, acompanhado de amigos e parentes para a consolarem de ficar alistado no serviço da jornada: com o fogo no coração e agua nos olhos, lhe lançou mil benções, rejeitando os allivios que lhe davam de sua saudade: dizendo, que ainda que não negava o effeito de mãe em ficar sem filho, estimava têl-o para n'esta occasião fazer d'elle sacrificio á honra, que o era servir a seu rei em tal jornada. Era esta Dona mãe do capitão João Cazado Jacome, que na jornada o foi do navio S. Bom-Homem.» **

Esta pagina do feito brioso da irman de seu avô

* Esta armada destinava-se a ir expulsar os hollandezes das praças assaltadas e tomadas no Brazil em 1624.

** *Jornada dos vassalos da corôa de Portugal, para se recuperar a cidade do Salvador, na Bahia de todos os Santos, tomada pollos Olandezes, a oito de Mayo de 1624, e recuperada ao primeiro de Mayo de 1625. Lx.ª Por Mattheus Pinr.º Anno de 1625.*

era a consolação do velho, visto que dos feitos d'elle nem gloria sabida nem mercês pecuniosas adquirira para poder legar aos filhos.

Fernão Cazado, ao tempo que Sousa Pereira chegara a Vianna ouvidor, tinha duas filhas, e um filho então reitor nas proximidades de Barcellos ao sopé da serra de Ayró. O magistrado, já pendendo aos quarenta annos, affeiçoou-se á filha mais velha de Fernão, e casou com ella sem grandes prologos de galanteio. Passado um anno, Sousa Pereira foi transferido juiz de Fora para Amarante, e Joaquina Eduarda, meigo amparo e allivio das cans de seu pai, ficou n'aquella melancolica estreitesa de gosos infantis, até que o velho se finou santamente nos braços d'ella e nos do filho clerigo.

Recolheu o padre Sebastião Godim á reitoria, e levou comsigo a irman. Herança quasi nenhuma teve que administrar-lhe, porque o melhor dos bens de Fernão foram em vida repartidos entre a filha casada com o ouvidor, e o patrimonio clerical de Sebastião. O restante, que o velho destinava ao dote da segundo filha, levou-o a pertinaz e mortal enfermidade de um anno.

O padre Sebastião presava em extremo sua irman. Por amor d'ella alfaiou modesta, mas aceadamente, a pobre casa da residencia reitoral. Comprou-lhe cravo para aprender musica e canto, com um proprietario de Barcellos, que professara aquellas artes na capella do Snr. D. João V.

Mais d'anno correu, se não alegre, pelo menos bonançosa a vida de Joaquina Eduarda. O irmão, algum tanto desvanecido com a fidalguia de seus avós, apenas aceitava a convivencia de pessoas da sua plana. Dizia elle que a plebe lhe não aborrecia, senão porque era vil dos instinctos, que a brutesa da nenhuma educação asselvajava mais. Sem embargo, como pastor d'almas, cumpria zelosa e evangelicamente seus deveres. Quiz, ao começar suas funcções parochiaes, dirigir uma eschola para desbastar nos mocinhos a rusticidade dos pais; porém, ao segundo mez de ensino, os pais levavam de força os filhos para a lavoira, allegando que se comia bem, e bebia, e governava cada qual sua vida sem saber ler nem escrever. Joaquina Eduarda, sem demover-se pelo exemplo do irmão, chamou a si algumas rapariguinhas de lavradores para lhes ensinar prendas das mais necessarias. Poucas acudiram ao convite, e, logo depois, assim que a sáfara das colheitas começou, retiraram-se todas.

Algumas pessoas nobres de Barcellos visitavam de longe a longe o reitor, não tanto porque elle era bom sacerdote, mas principalmente porque tinha os appellidos dos Cazados e Godins. Póde muito bem ser que outro motivo attrahisse á residencia de Bastuço alguns visitantes de costumes suspeitos. Se a hypothese é aceitavel, pouco tempo se prestou a conjecturas, porque os hospedes retiraram tão de

pressa viram no semblante do reitor a gravidade e desconfiança.

Maria Amalia, a irman de Joaquina, dois annos depois do apartamento, escreveu ao irmão padre rogando-lhe que deixasse ir sua irman fazer-lhe companhia por alguns mezes em Amarante. Não deu o padre a permissão, que Joaquina secretamente desejava. Disse que não podia desfazer-se e privar-se do unico bem que Deus lhe concedêra, na soledade a que, por obediencia filial, sacrificara seu coração; e acrescentou, em carta a seu cunhado, que Joaquina era innocente como as boninas suas irmans d'aquelles prados e valles; e que o ar dos povoados a poderia impestar e fenecer como succede ás flores dos montes transplantados para os jardins.

Magoou-se o juiz de Fora com aquella observação.

—Pois que!—dizia elle — Joaquina em minha companhia estará menos resguardada e defendida que em companhia do irmão?! Pois eu tomo a peito provar a meu cunhado que me não assustam as suas reflexões.

D'ahi a pouco, appareceram inesperados na reitoria o juiz de Fora e sua senhora. Correram quinze alegres dias em passeios, musicatas, e pescarias no rio Cavado. Findo este prazo, Antonio de Sousa Pereira instou seu cunhado a que deixasse ir a mana Joaquina passar o inverno em Amarante. O padre, confiando nimiamente na amisade da irman, ce-

deu n'ella a deliberação. Joaquina hesitou por delicadeza com o mano; todavia, quando o cunhado se fez interprete do seu silencio, calou-se condescendendo. Intristeceu-se profundamente o padre; mas não a contrariou; apenas disse:

—Tens razão: o inverno aqui é muito desagradavel. Voltarás com as flores e com as aves, minha irman.

Vieram aves e flores; mas Joaquina não voltou.

Seriam amores que a prendiam á villa de Amarante, que, n'aquelle tempo, tinha em si muitas familias nobres, das mais qualificadas na fidalguia do norte? Não eram amores: era, por ventura e com desculpa, a gloria de ver-se admirada como portento no canto, e como professora no cravo. O culto á sua singular formosura era incenso que a não aturdia nem lhe inclinava o animo isento a algum dos thuribularios. O juiz de Fora, posto que se comprazesse na esquivança da cunhada, desejaria que ella se não difficultasse ao galanteio de rapazes fidalgos e ricos, a fim de poder escolher marido como lhe convinha em sua carencia de bens de fortuna. Porém, aconselhada pela irman a condescender discretamente ás instancias delicadas dos galans, Joaquina Eduarda respondia:

—Por interesse sou incapaz de mentir a algum d'estes homens; e por amor... digo-te a verdade: ainda não encontrei pessoa que possa despertar-m'o.

—Oxalá, redarguia Maria Amalia, que não ve-

nhas a encontrar o despertador em algum rapaz pobre e mechanico...

—Se isso acontecesse, replicava a menina, maior desgraça me não désse Deus.

O padre recebia a substancia d'este e d'outros dialogos semelhantes. Não se affligia nem contentava; todavia, inquietavam-no presagios funestos, que elle desvanecia attribuindo-os á ternura com que estimava sua irman.

Passado um anno e meio de ausencia, foi o reitor visitar sua familia, no intento de voltar com Joaquina Eduarda.

Assistiu a algumas assembléas, que se faziam em differentes casas, revesadas ás noites. Presenciou o cortejo que rodeava sua irman, applaudida, festejada, e acclamada rainha de todas as festas.

—Em verdade—disse elle ao cunhado—Joaquina é uma alma extraordinaria para se não ter embriagado com os fumos da lisonja! Suppunha eu que todas as mulheres deviam succumbir, mais ou menos nobremente, a esta guerra que o mundo faz á tranquillidade dos corações!

—É um assombro!— dizia Antonio de Sousa;—mas, por isso mesmo, receio que alguma paixão a surprehenda inconvenientemente. Estas mulheres de condição muito afidalgada e rebelde em amores, são como as pessoas muito saudaveis : chega uma hora em que a primeira doença mata umas, e o primeiro amor perde as outras.

— Pois se receia isso, meu amigo — accudiu o padre — intendo que o melhor é deixar-m'a levar para o esconderijo da minha aldeia.

— Isso é de mais! — exclamou o cunhado — Pois o mano já viu que ás pessoas muito saudaveis as resguardassem n'um hospital para esquival-as á primeira doença?!

— Mas que analogia ha entre o hospital e a minha aldeia?!

— Ha. Sua irman, passando d'esta vida agitada e satisfeita, para o ermo e silenciosa monotonia do campo; cai-lhe n'uma tristeza inconsolavel, e começa a pedir ao coração o segredo da sua cura. Então é que é o temermo'-nos d'alguma impressão funesta.

— Valha-me Deus! — retorquiu o reitor — isso é um sophisma, meu caro doutor! E, se o argumento colhe, máo foi tiral-a d'uma quieta vida, e da ignorancia d'estas folias que tornam perigosa a mudança para a solidão.

— Bem sei, bem sei. O que o mano quer é levar sua irman, e eu não tenho coração que o contradiga. Já agora deixei-a estar mais um mez. Vai abrir-se o theatro de canto no Porto, e eu estou compromettido a leval-a a esta festa, a mais preciosa para quem divinamente canta como ella. Depois, tanto Joaquina como Maria Amalia querem visitar a tia Joanna, freira de Santa Clara, que ellas nunca viram. Estaremos um mez no Porto; iremos de lá a Barcel-

los; e Joaquina, visto que o mano assim o quer, fica em sua companhia alguns mezes, e voltará no inverno para Amarante, se eu ainda lá estiver servindo.

Accordaram n'isto.

III

Já se viu que o juiz de Fora experimentou no theatro o primeiro desgosto, em quanto a desconfiar de sua cunhada.

Gaspar de Vasconcellos, bem que filho d'um rico fidalgo, não era dos pretendentes do agrado de Antonio de Sousa. O pai destinava-o a casar-se com uma prima carnal. Se o filho contrariasse o destino, que lhe davam, perderia a estima do velho, e, como illegitimo, não haveria sequer alimentos da casa paterna. O juiz de Fora sabia tudo isto cabal e juridicamente.

O simples caso de Joaquina Eduarda encarar no môço com attenção desusada, pouco devêra inquietar o espirito do cunhado, se não fosse aquelle preconceito da fatalidade da primeira impressão na alma

das mulheres refractarias aos galanteios de que o maior numero d'ellas se pagam e desvanecem.

Na noite seguinte á do theatro, deu o regedor das justiças um baile em honra de João d'Almada.

Joaquina Eduarda cantou: apresentaram-lhe duas arias do «Il trascurato» Leu-as magistralmente, cantou-as de modo que, sem encarecimento, a reputaram superior á Giuntini no apaixonado das notas maviosas, e na força com que expedia as graves. Foi o encanto da noite, dos olhos, e dos corações a prendada menina.

Gaspar de Vasconcellos não tinha já coração em que outra esperança ou pensamento coubessem. O valor de Joaquina Eduarda figurou-se-lhe tamanho a ponto de já elle imaginar que seu pai se desvaneceria, podendo ter aquella menina como esposa de seu filho.

E, auctorisado pelo affecto com que o velho indulgenciava certas liberdades, disse ao ouvido do pai:

— Se eu cazasse com uma divindade como aquella...

— O que? — interrompeu o fidalgo bracharense — Faz-te palerma!.. Nem pensar n'isso! Tua mulher é tua prima.

Gaspar sorriu-se dissimuladamente, e disse:

— Eu estava a gracejar...

— Pois sim; mas com o coração e com mulheres d'aquellas não se graceja, ouviste? É cunhada

do meu amigo Antonio de Sousa, é filha d'um homem de bem, e finalmente é capaz de fazer perder o juiso áquelles que o tem no seu logar.

O môço dava os ouvidos ás reflexões do pai, e não desfitava olhos de Joaquina.

Pedro assestou-lhe tambem a enorme luneta de aro de prata, e murmurou:

—Ella parece que está a olhar para ti! Querem voscês vêr que temos historia!

— Ora!.. tem coisas o pai!..

Ao mesmo tempo, o juiz de Fora segredava à esposa:

— Isto não tem geito!.. Lá estão elles em contemplação!.. Não saias do lado de tua irman. Repara tu que estão aqui mais de vinte homens fascinados de Joaquina, todos abastados e das primeiras casas. Pois observa que a tola não corresponde ao cortejo de nenhum!..

— Eu vou sentar-me ao pé d'ella — disse a dama, um tanto admirada de que o marido não désse tento de que andavam alli tambem uns vinte homens a olhar para ella.

Sahiram do centro da sala os homens para darem praça ao espectaculo magnifico do minuete, que era então a nova e suprema expressão do bello no bailado arte em que, portuguezes não primavam.

Sahiu á sala em pé de dança Gaspar de Vasconcellos, emparceirado com uma filha do regedor das justiças. Rompeu a musica, e logo elle começou

por difficuldades que excedem todo o louvor. Reinava o espanto nos espectadores. Gaspar adquirira em Coimbra aquella prenda em que sahira primo . O proprio bispo, conde de Arganil, o mandava algumas vezes convidar para em sua presença e na de alguns gravissimos doutores, executar as maravilhas do minuete a solo. Era uma gloria nacional o rapaz em Coimbra e Braga; mas, d'aquella noite em diante, o Porto subscreveu á admiração universal das duas mais cultas cidades do reino.

Joaquina Eduarda córava de enthusiasmo quando viu Gaspar nos braços de João d'Almada e Mello, cabeça bem formada, que n'aquella hora o nectar de Therpsychore desconcertou. Os applausos geraes celebravam o grupo sublime do velho sargento-mór abraçado ao môço.

Gaspar na dansa, e Joaquina Eduarda no canto, eram o assumpto do dia seguinte. Não obstante, Antonio de Sousa mettia a riso os tregeitos, convulsões, e pulos de Gaspar, na presença da cunhada. A menina ouvia-o com silencioso despeito, e o juiz piscava o ôlho á mulher.

Passadas duas noites, repetiu-se a récita. Pedro de Vasconcellos não quiz ir ao camarote do seu amigo com o filho. Aproveitou o ensejo de estar o môço no camarote do regedor das justiças, e foi só. Joaquina pregara os olhos embellezados no camarote do regedor das justiças, em quanto o velho de Braga

entretinha o cunhado; mas o cunhado ouvia o pai, e via o filho.

Despediu-se Pedro de Vasconcellos; e Antonio de Sousa, acompanhando-o, travou-lhe do braço, e sahiu com elle a passear no estreito pateo do theatro, pateo a que não chamo vestibulo por não desfeitear a arte dos Affonsos Domingues.

— Fallemos como velhos amigos, disse o juiz de Fora.

— Que sempre fomos—acrescentou o fidalgo.

— Eu descobri que minha cunhada não é indifferente a seu filho.

— Tambem eu descobri isso. Pagam-se na mesma moeda.

— É necessario cortarmos desde já esta inclinação, a menos que V. S.ª não ordene o contrario. Isto é quo é franqueza.

— Pois então franqueza e mais franqueza—disse o velho, apertando-o nos braços—O doutor, meu velho amigo, não se offende se eu lhe disser que é preciso acabar com esta inclinação...

— De modo nenhum me offendo.

— O meu rapaz, como sabe, é filho natural, e eu de proposito não requeri perfilhação; porque, se elle me andar ao arrepio da minha vontade, os meus bens vão a quem tocarem. Quero que elle caze com uma filha de minha irman; e estou á espera que a pequena tenha a idade para requerer as dispensas. Isto é negocio tractado; porque assim o meu vinculo

vai a minha sobrinha, e o rapaz, d'este modo succede-me na casa; senão, nada feito.

— Muito bem: gostei d'ouvil-o assim fallar. Eu já sabia isso; mas quiz obter a ultima certeza.

— Fez V. S.ª muito bem, doutor. Eu cá pela minha parte já disse ao rapaz o que tinha a dizer-lhe; e, se não fossem uns negocios que trago aqui na Relação, ia-me já embora ámanhã com elle, porque, se vai a dizer verdade, sua cunhada é o que eu tenho visto de rapariga perfeita; e, se ella quizer marido rico e tão fidalgo como ella, não tem mais que escolher. E desculpe, doutor.

Separaram-se. Antonio de Sousa entrou no camaroto, e achou lá Gaspar de Vasconcellos. Tratou-o com urbanidade, mas muito carregado de aspeito. Sahiu o môço; e o juiz, passados minutos, disse:

— Ámanhan é necessario erguer cêdo, e enfardelar a troixa.

— Vamos embora? — disse D. Maria Amalia.

— Vamos para Barcellos; mas antes de entrarmos nas liteiras, tu e tua irman ireis visitar ao convento de St.ª Clara a tia Joanna, que já está prevenida.

Joaquina Eduarda não volveu sequer a cabeça, para que lhe não vissem o rubor, nem o espelhado das lagrimas.

Ao correr do pano sobre a ultima scena, em quanto a irman lançava aos hombros um manto encapuzado, e o cunhado procurava a bengala debaixo da cadeira, Joaquina fitou os olhos em Gaspar, e ou-

sou enviar-lhe um gesto de adeus com a cabeça, um adeus que, na tristeza do semblante, dizia «para sempre.»

Gaspar levou a mão ao peito sem dar tino do acto.

O pai, que estava de atalaia, reparou no caso, e disse:

— Que diabo de geringonça é essa?! Ai! que o rapaz traz-me a cabeça a juros! Anda d'ahi, meu patacoada! Parece que nunca viste mulheres!

*

IV

Triste foi o despertar de Joaquina Eduarda, se por ventura dormiu. «Amaldiçoada hora em que vim ao Porto!» dizia ella entre si. Já o amor lhe doía tanto, que mais quizera não ter conhecido a formosa luz d'esse mortifero raio!

Enfardelada a bagagem, sairam as senhoras em cadeirinhas a visitar a tia D. Joanna, religiosa professa de Santa Clara, que nunca tinha visto Joaquina.

Era a tia Joanna uma serva de Deus, e exemplar esposa de Jesus Christo. Para alli entrara aos quinze annos, e nunca mais vira o sol senão através de grades. Vivêra ditosa, e não comprehendia o desgosto d'algumas freiras, que invejavam a liberdade das andorinhas. Encantada da formusura da filha de seu irmão, exclamava:

— Deu-te o Senhor essa bellesa angelical, porque te quer para as suas divinas nupcias. Vem para mim, Joaquina, vem; e, se o coração te levar para o esposo, veste o habito. Se tens bonitas prendas, como toda a gente diz, a quem melhormente as darás senão ao auctor d'ellas? Serás a mais rica em dotes, entre as suas esposas. Resolve-te, minha pomba do céo. Se estas grades te intristecem, verás como o amor do Deus t'as alumia depois.

— Eu pensarei, minha tia — disse Joaquina Eduarda; — por em quanto não decido do meu futuro. Espero que elle seja máo; porém, o ser freira, sem decidida vocação, é preparar o peor dos futuros.

— Assim é, menina, assim é; mas eu pedirei ao Senhor que te mova, e a sua divina inspiração te será depois contentamento sem fim. Isto aqui dentro, filha, é um mundo pequeno: ha bom e máo; os bons corações melhoram-se, e os máos pervertem-se. Resultado triste das profissões involuntarias... Vai pensar e orar, para que Deus te guie por graça de um dos seus anjos.

Prolongou-se a visita n'estes seraphicos discursos da freira, até que Antonio de Sousa chegou, e logo depois as locomotivas estrondosas. As senhoras desceram a embarcar nas liteiras. Joaquina circumvagou os olhos pelo rocio do mosteiro, e avistou encostado ao arco da Porta do Sol Gaspar de Vasconcellos, cobrindo meio rosto com um lenço branco em que as lagrimas se embebiam. Tinham sido as campainhas das

liteiras, que avisaram o môço. Abalado pelo agudo presentir d'amante, desceu á rua a interrogar os liteireiros, e soube que pretenciam ao juiz de Fora de Amarante. Depoz na mão condescendente do arrieiro um cruzado novo, e pediu-lhe espera d'alguns minutos em quanto elle escrevia duas palavras, para serem entregues, quando fosse possivel, á mais nova das duas senhoras. Negociada felizmente a proposta, Gaspar escreveu no balcão d'uma tenda poucas linhas, que fechou com um fragmento de hostia, e, com outro cruzado novo, entregou o bilhete.

Partiram as liteiras caminho de Barcellos. Antonio de Sousa nem palavra disse com referencia á pertinacia do bracharense, que elle, indignado, vira encostado ao arco.

Exultou o padre Sebastião Godim, quando a casa se lhe encheu de luz com a presença da irman. O sacristão, sem consultar o reitor, foi dar tres repiques nos sinos e sinetas do presbyterio. Os rapazes da aldeia deram de mão á lavoira, e sahiram á rua com rebecas e zabumbas. O mordomo de S. Clemente perdeu o amor a tres mil seiscentos réis, e pegou lume a dose duzias de foguetes que tinha comprado para a festa do santo no domingo proximo. Apinhou-se a freguezia alvoroçada em volta da residencia, e beberam-se alguns canecos de vinho, que mandou comprar o juiz de Fora.

E Joaquina Eduarda, que tão querida era d'aquelle povo estava triste e aborrecida. Para se furtar

aos grotescos comprimentos dos lavradores, desceu ao jardim, cujas plantas semeara ella e desvelára com infantil amor. N'este ensejo, o liteireiro, que a espreitava a geito, fez-lhe signal, e deu-lhe o escripto.

— De quem é? — perguntou ella incendida na alegria do presagio.

— É do fidalgo que ficou encostado ao postigo do Sol. Se V. S.ª quizer responder, hade ser depressa, que nós, lá pela meia noite, vamos embora. O tal senhor está aquartellado em casa dos srs. Mellos da rua Chan, que eu já lá o enxerguei.

Escondeu-se Joaquina a ler o escripto, que dizia assim:

«*Antes morrer que não tornar a vêr V. Ex.ª Se fôr sua vontade, irei procural-a ao fim do universo. Escreva-me V. Ex.ª Peço-lh'o com as mãos erguidas.*» G. DE VASCONCELLOS.

Tremia a formosa creatura. Que visão, que morrer de felicidade para o amante que assim a visse n'aquelle estremecimento em que havia o quer que fosse de embriaguez, de vertigem!

Acolheu ao seio o bilhete: é no coração que ella queria escondêl-o.

Entrou no seu quarto: não tinha papel nem tinteiro. Foi, ás furtadellas, tirar um lapis d'entre as folhas do breviario do irmão; e, n'uma tira rasgada d'um caderno de musicas, escreveu:

«*Se eu podesse vêl-o, seria menos desgraçada É o primeiro homem que amo, e amarei até ao fim*

da vida. Fico ao pé de Barcellos, na freguezia de Bastuços. Como heide eu vêl-o, sem ser descoberta? Não sei. Tenho um irmão que hade ser mais severo que um pai. Não me esqueça, e esperemos a sorte. J. EDUARDA.

Depois d'isto, e entregada prosperamente a carta ao liteireiro, transfigurou-se o semblante amargurado de Joaquina. Desbordava-lhe a exaltação do seio aos labios e olhos. Sorria a todos, acariciava o irmão, cantava modilhas populares no seu desafinado manicordio, fazia passos do solo inglez, e gesticulava remedando a Giuntini e as truanices do bufão da opera.

Antonio de Sousa estava pasmado; Sebastião Godim aquinhoava d'aquelle doudo contentamento; e a irman, que já se havia mostrado infadada dos enojos de Joaquina, dizia ao marido :

— Desconfio d'este subito contentamento ! Aqui ha historia...

— Que historia ! Ha a versatilidade propria das mulheres ! — dizia Antonio de Sousa — Esqueceu-se do rapaz ! é o que é. Ainda bem.

— Aqui ha historia, Antonio !—instava a senhora — Fia-te em mim, que sou mulher.

— Por isso mesmo é que não ha historia ! — disse sorrindo o magistrado — Vocês são uns evangelhos muito apócriphos para que a gente se fie.

— Não rias. lembra-te que Joaquina desappa recou d'aqui um grande pedaço. Passou duas vezes

pela sala muito cabisbaixa e pensativa. Dei tento de ella ir duas vezes ao quintal...

— E d'ahi ?

— Estará o Gaspar por ahi escondido ?

— Valha-te Deus?... Não sabes que pai elle tem! Cuidavas que o rapaz atravessava dez leguas atraz das liteiras sem ser visto!...

— Então é outra coisa : historia é tão certo havêl-a, como dous e dous....

— Serem quatro tolices que tu dizes.

Assim rematou Antonio de Sousa, quando sua cunhada entrou abraçada no irmão.

V

Raras intermittencias de tristeza assaltaram o jubiloso espirito de Joaquina. Os oitos dias, que Antonio de Sousa passou na reitoria, correram sem que sua cunhada revelasse leve pesar de vêr partir a irman para Amarante. O juiz discretamente referiu ao reitor o acontecido com o sujeito de Braga, as inquietações que este episodio lhe dera, e por amor d'isto a pressa com que viera entregar-lhe a irman. Sebastião Godim agradeceu a historia, e mais ainda a restituição da sua filha, como elle dizia, para encarecer o muito que estremecia Joaquina.

— Agora — ajuntou Antonio de Sousa — o mano acautele-se e previna-se.

— De quê? — interrogou com sorriso de galhofa o padre.

— D'alguma correspondencia ou visita inconve-

niente... O rapaz tem ares de affouto, e ella não me parece que seja das mais timidas. O mano ri-se? Olhe que estes casos não se levam assim...

— Chama-se elle? — perguntou o padre.

— Gaspar, filho de Pedro de Vasconcellos, de Braga.

— Bem sei: este Vasconcellos era um bom amigo de meu pai. Não creio que d'esta familia possa surdir a deshonra da minha; e menos receio que minha irman se descuide de ser honesta. Em fim, eu cá estou... Se ella tinha sahido victoriosa das seducções dos galans amarantinos, e vinha agora n'estes innocentes valles, á sombra de seu irmão, destruir o bom conceito que tem ganhado!... Não pensemos n'isto, que me faz mal...

Retiraram o juiz de Fora e mulher para Amarante. Joaquina Eduarda dispoz de pouquissimas lagrimas na despedida, e assim recompensou liberalmente os sêccos olhos da irman. Esta senhora, bem que linda e grandemente mimosa de encantos, desde certo tempo cobrára não sei que louca emulação da irman. Quando Joaquina chegou a casa d'ella, a esposa do juiz fruia a nota de primaz nas formusuras d'aquella villa; porém, o eclipse fôra total com o apparecimento da mais nova. E, posto que a dama casada não queria captivar alguem com suas graças, doeu-se de que lh'as vissem com indefferença. Mulheres! a serpente sempre a sob-rojar-se por entre as mais virtuosas?

Isto assim dá explicação do ar despeitoso com que as vimos no theatro e salões do regedor das justiças, e melhor esclarece a economia de prantos com que se despediram... para nunca mais se verem.

Mais satisfeitos que nunca, douraram-se os dias de Joaquina e de seu irmão. O padre surprehendeu-a com o brinde de um piano forte, o primeiro talvez que viera a Portugal, d'aquelles que inventara poucos annos antes o celebrado Silbermann. Deu-lhe tambem cadernos italianos de musicas modernas. Quanto elle podera poupar em anno e meio, tudo empregára na realisação d'aquelle desejo de sua irman.

E, ao vêl-a, tão distrahida com musica e flôres, o reitor censurava no intimo, e com desagrado, as suspeitas calumniosas de Antonio de Sousa e da mulher.

Uma tarde, sentados na ourela verdejante do córrego, chamado rio Real, conversavam sobre os casamentos deparados em Amarante á irman. Joaquina ria-se, recordando os dizeres requebrados d'aquelles sujeitos, e a desgraciosa ternura de taes aleijados pelo maganão Cupido. Ria o padre da linguagem pittoresca da irman; e, azado o ensejo, pela primeira vez falou em Gaspar de Vasconcellos. Vestiram-se de purpura e seriedade as faces até alli joviaes de Joaquina, e então observou o reitor :

— Este nome alterou-te, minha irman?!

— Foi uma saudade e mais nada — respondeu

ella — Não me censures por isso, que este sentimento não é indigno de almas bem formadas.

— Pois eu não te censuro — tornou suavemente Sebastião — E, a censurar-te, seria por occultares do teu unico amigo esse incidente de nenhuma importancia.

— Pois por elle não ter importancia t'o occultei.

A sahida era engenhosa; e, por muito engenhosa, suggeriu precauções ao padre.

Não tardou motivo de suspeita.

Sebastião Godim voltava um dia da egreja a buscar a caixa das hostias, que lhe esquecera, e encontrou nas visinhanças da residencia um homem estranho que mal disfarçadamente, ao avistar o padre, se escoou por um quinchoso, que conduzia á estrada. Trajava jaqueta, chapéo derrubado, e denotava homem da ultima plebe. Aventou o padre, n'aquelle desconhecido, um enviado de Gaspar de Vasconcellos.

Calou-se, porém.

Lançou inculcas e pesquizas. Colheu miudas informações. Aquelle homem já tres vezes tinha vindo amanhecer á freguezia, e parava á porta do reitor, á hora em que este dizia a missa.

Fez-se triste o padre. Ás perguntas da irman, sinceramente sentidas e desconfiadas, Sebastião respondia com um fingido ar de contentamento, e algumas frivolas explicações de sua melancolia.

Estavam espias embuscadas nos atalhos convisinhos do paçal e casa do reitor.

Um dia, foi avisado o padre, quando se estava revestindo. Desparamentou-se, sahiu da egreja, e metteu por caminho diverso. Surgiu de repente á quina do cunhal da casa, e viu retirar-se o mesmo homem debaixo d'uma janella. Desandou em redor do paçal, e sahiu-lhe á frente. Accercou-se do homem, lançou-lhe a mão á lapella da jaqueta, e disse-lhe :

— A carta que levas ! Não te demores em dar-m'a, senão quebro-te os braços.

— Está aqui, senhor — disse o homem aterrado, e entregou-lh'a.

— Espera ! — ajuntou Sebastião Godim.

Leu a carta, dobrou-a, voltou-se placidamente ao creado de Gaspar, e disse-lhe :

— Vem comigo, que não te faço mal.

O homem seguiu-o.

— Espera-me aqui — disse o padre entrando ao quinteiro da residencia.

Subiu ao seu quarto, e escreveu em meia folha de papel : «A carta dirigida por Joaquina Eduarda ao snr. Gaspar de Vasconcellos fica em poder do filho de Fernão Cazado Godim.

Sahiu ao patamar, chamou o creado, e disse-lhe :

— Entrega isto a quem te mandou.

Joaquina Eduarda, através da vidraça do seu quarto, vira o homem, e exclamára :

— Ó Virgem Santissima, que será isto ?

O sacerdote voltou ao templo : ajoelhou a reconciliar-se aos pés d'outro sacerdote, e foi para o

altar. Disse o ajudante da missa que o snr. reitor, n'aquelles espaços do sacrificio em que o ministro se inleva contemplativo, as lagrimas lhe rolavam das faces, e cahiam sobre a vestimenta.

Á hora de almoço, Joaquina faltou á meza. Sebastião perguntou por sua irman. Responderam-lhe que a menina estava fechada por dentro, e o quarto ás escuras.

— Chamem-na — ordenou o padre.

Passados minutos sahiu Joaquina á casa de jantar. Trazia os olhos roixos de chorar.

— Almoça, se pódes, Joaquina — disse Sebastião.

— Não posso : deixa-me voltar ao meu quarto.

— Vai, que eu logo procuro-te.

Ergueu-se da meza o sacerdote, e foi resar no breviario. Depois, bateu á porta do quarto de sua irman, sentou-se ao pé do leito em que ella estava sentada, e disse-lhe :

— Não é o caso para tamanha afflicção. A tua carta a Gaspar exprime grande amor, e mais nada. Isto é apenas um erro : crime não o ha. Reprovo o teu procedimento; mas não te lanço da minha alma. Venho perguntar-te se tens força para romper esta impensada alliança com o homem a quem escreves. Se a não tens, mal de ti ! Andas com os olhos tapados em volta d'um abysmo. Este homem quer perder-te.

— E porque não hade querer ser meu mari-

do ? ! — perguntou ella animada pelo ar indulgente do irmão.

— É um filho natural, que cahirá sobre as palhas da miseria, se desobedecer ao pai. Dentro de alguns mezes, Gaspar de Vasconcellos estará casado com uma prima, ou perdido.

— É falcidade ! — exclamou ella.

— Não digas isso a teu irmão que nunca mentiu, Joaquina.

— Então estas cartas ?! — clamou ella, saltando do leito, e tirando d'entre a roupa d'uma gaveta quatro cartas...

— Dizem-te essas cartas que será teu marido Gaspar ? — interrompeu Sebastião.

— Lê-as tu.

— Não preciso : segue-se que é elle quem te mente, e é infame em enganar-te.

— Enganarem-me a mim estas cartas !.. Oh ! tu não sabes quanto eu sou amada !.. Lê, meu querido irmão, lê estas cartas !

— Nem tocar-lhes.

— Pois tu não intendes que eu possa ser verdadeiramente amada ? — bradou ella com orgulho.

— Póde ser que o sejas... E eu me arrependo de ter chamado infame a esse homem. Póde ser que elle medite em sacrificar-te á sua paixão e á sua indigencia. De qualquer dos modos, é máo homem. Pergunto de novo: tens forças para te desligares d'esta fatal prisão ?

Joaquina meditou instantes, e respondeu soluçante:

— Não tenho!

O irmão levantou-se, e sahiu do quarto.

Meia hora depois, sahia no caminho de Braga.

Pedro de Vasconcellos quando soube que tinha na sua sala um filho de Fernão Cazado Godim, houve grande jubilo, e mandou pôr na meza mais um talher, e recolher a egua á sua cavallariça.

— Eu volto d'aqui a pouco no caminho de minha casa—disse o padre—Exponho em pouco tempo a razão de minha vinda. V. S.ª é pai, e eu sou irmão. Vontade e auctoridade de pai podem muito, a de irmão pouquissimo. Tenho uma irman allucinada de amor ao snr. Gaspar, filho de V. S.ª O snr. Gaspar está no caso de ser esposo de minha irman, com o beneplacito de seu pai?

— Não, senhor: já respondi o mesmo a seu cunhado juiz de Fora.

— Bem: venho pedir a V. S.ª que defenda minha irman da seducção de seu filho. Venho pedir-lhe que o reduza aos seus deveres, já que eu não posso alumiar as trevas do engano, que elle lançou no espirito de minha pobre irman.

— Pois o malvado continua?!—exclamou o velho — O patife deshonra-me? quer seduzir a filha de Fernão Godim?

— Já respondi a V. S.ª Agora recebo as suas

ordens, e vou-me ás minhas obrigações. A reitoria é pobre, e não tenho coadjutor que m'as faça.

— Pois nem ao menos me aceita um jantar?

— Accito-lhe a boa vontade, e deixo-lhe em paga — triste paga! — impressa ńa memoria a tristesa d'um irmão infeliz.

— Vá descançado, snr. reitor — concluiu o velho — que eu sei ser pai com meu filho; mas, se elle deixar de ser filho, serei algoz.

V

A mesma sombra affectuosa voltou ao aspeito do padre, que sorria a Joaquina Eduarda. Correspondia ella com ar de amargurada ás alegres expressões com que o irmão parecia desafial-a aos contentamentos antigos, e pedir-lhe perdão de a ter salvado d'um perigo. Mallogrados os esforços que pozera, recalcando no peito a dôr de se vêr assim victimado a uma saudade, Sebastião desistiu de recuperar a ditosa vida que se lhe afigurára duradoura até á doce paz da velhice. Então foi o cavarem-se-lhe as faces, o reconcentrar-se na angustia silicenciosa, e o viver com a irman na dolorosa mudez de duas pessoas que violentadas sustentam e soffrem os dolorosos liames da convivencia.

Joaquina, encerrada em seu quarto, contou por

lagrimas os arrastados minutos de trinta dias. Já não esperava, nenhum accaso lhe promettia novas de Gaspar. Sabia que elle devia estar já em Coimbra: pensava em escrever-lhe; mas não tinha pessoa de quem confiasse uma carta, e menos ainda quem do correio lhe trouxesse a resposta.

A este tempo o reitor recebeu carta de Pedro de Vasconcellos, assegurando-lhe que o filho estava a concluir a formatura na Universidade, e lhe jurára nunca mais inquietar a snr.ª D. Joaquina, nem responder ás cartas, se as recebesse. E concluia: «Rogo-lhe muito encarecidamente que me avise, caso meu filho quebrante o seu juramento.»

Despiram-se as arvores, nublou-se o céo, esfusiavam as ventanias de novembro, toldou-se o crystal do Cavado, encharcaram-se as varzeas marginaes dos ribeiros. A tristeza de Joaquina augmentou. Já não tinha as tardes e alvoradas do estio a dulcificarem-lhe o agro de suas cogitações. Reclusa no seu quarto, ou passeando na sala escura da residencia de velhas e nuas paredes, faltava-lhe ar e sol ao qual muitos pezares, como chumbados n'alma, se diluem. Foi n'um d'aquelles dias, em que o desejo da morte assaltea as pessoas infelizes e solitarias, que Joaquina, abraçando-se ao irmão surprehendido, exclamou com a voz intercortada de soluços:

— Eu quero entrar n'um convento, meu querido irmão. A tia Joanna de St.ª Clara pediu-me muito que fosse para a sua companhia. A santa se-

nhora está pedindo a Deus que me inspire; e este forte desejo, que me impelle, é obra divina.

Sebastião Godim demorou alguns segundos a resposta, inclinando o rosto macerado sobre o peito.

— Não me dizes nada ? — instou ella.

— Digo-te que vás, minha irman. Queres professar ?

— Como tenho um anno de noviciado, sobra-me tempo de estudar-me e deliberar-me. Por em-quanto no que penso é tão sómente em me recolher a uma cella, orar, e chorar.

— Ámanhã iremos para o Porto, Joaquina, se o tempo consentir. Eu vou rogar um padre que me tome conta da freguezia. Escuzo dizer-te que, no caso possivel de te enganar essa tua vocação, querendo tu voltar a esta casa, avisa-me, que eu irei logo buscar-te. Observo-te, minha irman, que nos conventos chora-se pouco e não se ora muito; pelo menos a efficacia das orações, nos tempos correntes, é moderada. Parece acertada a resolução de entrares em St.ª Clara, se o teu fim é distrahires-te. Lá verás muita frivolidade, muita vaidade, muitas paixões ruins, muitissima hypocrisia ao descahir da vida, e rarissimos exemplos de sincera virtude. Se estes poderem mais em ti que os máos exemplos, abriga-te no seio de nossa tia, e esconde-te lá. Se os máos exemplos te seduzirem, de nada valerá o resguardo e conselhos da tia Joanna. Seja como fôr, Joaquina. Não serei eu que embarace a tua determinação. Já

disse, ámanhã iremos, ou no primeiro dia estiado da chuva.

Deu-se pressa Joaquina em arranjar os seus bahus, e andava muito alegre n'esta azáfama. O padre conheceu a transfiguração moral da irman, e disse entre si: «Está alegre!.. Medita alguma loucura... Cuida que do convento lhe será facil corresponder-se com Gaspar... Vou desenganal-a...»

Tirou da algibeira interior do capote uma carta, e disse:

— Joaquina, ha quarenta dias que eu voltei de Braga, e não mais te disse palavra respeito a Gaspar. Deves saber que eu fui perguntar a Pedro de Vasconcellos se seu filho poderia ser teu marido. Respondeu-me que não. Pedi-lhe que empregasse o rigor de pai em desvial-o do caminho da tua desgraça. Não se baldaram meus rogos. Eis-aqui a carta que Pedro de Vasconcellos me escreve. Lê, Joaquina.

Leu, e quando chegou aos termos: «nem responderia ás cartas, se as recebesse», ás faces d'ella ressumaram diversas côres, nos labios desfranziu um sorriso inqualificavel, e logo se abriram n'estas palavras:

— Que me importa a mim o vil?.. Que me não responda quando eu lhe escrever. Eu escusava de saber isso, mano Sebastião. Se sou desgraçada resta-me a dignidade. Um sentimento nobre de amor não estraga os brios. Eu sei o que valho.

— Menos orgulho, Joaquina! — disse branda-

mente o padre — Temos visto cabeças coroadas mergulharem na lama das más paixões. Nem dotes, nem formosura, nem fidalguia terão mão de ti, quando houveres de cahir.

— Cahir!.. — exclamou ella — Tu julgas de mim muito pouco, Sebastião! Amar é cahir?

— É fechar os olhos para não vêr a voragem; é cobrir os abysmos de tapetes de flores.

— Não receies. Tive sempre abertos os olhos quando amava; e, se os então fechasse, abril-os-hia agora para nunca mais se fecharem.

— Assim seja; — concluiu o irmão.

Ao segundo dia, estiou o tempo, e jornadearam para o Porto. Obtidas as licenças mediante a solicitação da religiosa de St.ª Clara, Joaquina Eduarda entrou no convento. Ao despedir-se do irmão, debulhou-se em prantos, e rompeu n'um soluçar de ultimas agonias.

Era grande angustia e assombro este inesperado lance para Sebastião Godim.

— Queres tu voltar, Joaquina? — balbuciava elle suffocado.

— Não... — disse ella — Eu sinto-me passada de mil dores! Pede a Deus que me salve ou que me mate.

VI

Ao oitavo dia de convento, Joaquina Eduarda principiava a achar assás aborrecida sua tia Joanna com a superabundancia de santos e santas de suas relações. Á virtuosa creatura da velhinha afigurava-se-lhe que os papas não tinham canonisado gente bastante para enchimento do seu coração devoto! Esgotados os bem-aventurados do padre Feo e do Ribadeneira, soror Joanna do Rosario resava ás almas de todas as religiosas d'áquelle e d'outros conventos, fallecidas em cheiro de santidade.

No principio, Joaquina, mais delicada que devota, commungou do fervor da tia; mas, ao cabo da primeira semana, tinha os joelhos macerados, o coração esteril de piedade, e a cabeça atordoada do rosmunear monotono da tia, e d'uma alluvião de no-

mes de martyres, de virgens, de confessores, de doutores, e de freiras mortas e milagrosas, com as respectivas historias.

Emancipou-se ao oitavo dia, dizendo que não podia continuar nas resas, sem prejuiso da sua saude.

A tia Joanna dissaboreou-se d'isto ; mas não a contrariou.

— Será quando poderes, Joaquininha — disse ella com evangelica mancidão e bom juiso.

Estavam no convento umas religiosas de pouco tempo, e noviças recem-chegadas que lastimavam a situação de Joaquina em companhia da beata.

Uma e outra lhe diziam :

— Pobre menina ! ao céo vai a senhora, mas da terra pouco tempo hade gozar-se ! Reparta melhor o seu tempo. Passeie, divirta-se, coma, durma e reze, que as horas chegam para tudo, e ainda fica tempo de se ganhar o céo. Mais vale uma hora de oração voluntaria, que uma prégação de quatro horas a todos os santos e santas do reino da gloria.

Havia tal qual sensatez e conformidade com o pensar de Joaquina Eduarda n'aquellas tentações. Não foi mister repetirem-lh'as ; e, como prova de agradecêl-as, affeiçoou-se ás religiosas que professavam o racional systema da divisão do tempo.

A tia Joanna desagradou-se da intimidade da sobrinha com as religiosas mais desempoeiradas do convento. Fez-lhe praticas um tanto enfadonhas, e cessou de admoestal-a, vendo que se fazia aborrecida.

As freiras de má nota convidaram uma tarde a sua recente amiga a ir com ellas a uma grade chamada de galhofa. Joaquina desejosa de distracção, foi á grade. Concorriam á galhofa dois padres loyos, um arcediago, dois cavalheiros de cabellos brancos trescalando pivetes, e um academico da universidade que viera a ferias de natal. Uma das freiras ardia d'amores do arcediago, outra d'um loyo, e a terceira do outro frade. Os cavalheiros almirascados eram pretendentes a duas religiosas quarentonas, que, de amuadas, por motivos desconhecidos da minha perspicacia, não foram á grade. O academico era irmão d'uma noviça, que a prevista mestra do noviciado não deixára concorrer com as freiras doudas.

O apparecimento de Joaquina Eduarda lançou o espanto n'aquelles arraiaes d'amor. Loyos, arcediago, cavalheiros e academico, estavam todos embevecidos n'ella, com roaz desgosto das outras senhoras.

— Ha mezes, disse um dos cavalheiros, que eu vi esta senhora no theatro italiano e no baile do regedor das justiças.

— E a ouvimos cantar divinalmente — ajuntou o outro — Não é V. S.ª cunhada do juiz de Fora d'Amarante, Sousa Pereira?

— Sou.

— E chama-se V. S.ª? — perguntou o academico.

— Joaquina Eduarda Cazado Godim—disse ella.

— É a mesma! — exclamou o estudante — Mal diria eu!..

— Que mal diria o snr. Castro? — perguntou um padre loyo.

— Que vinha encontrar aqui uma senhora por amor de quem tem estado ás portas da morte o meu condiscipulo Gaspar de Vasconcellos!..

Illuminaram-se radiosos os olhos de Joaquina, e volitou-lhe á flor dos labios um riso de cruel contentamento.

— E V. S.ª sorri-se? — observou o academico.

— Não sei porque deva chorar! — disse ella com jovial desplante — Eu não creio nas enfermidades do snr. Gaspar de Vasconcellos...

— Creia-me, minha senhora! Juro-lhe pela memoria de minha mãe que o meu condiscipulo chegou a Coimbra, ido de ferias, com febre, e nunca mais se levantou da cama. Eu, como particular amigo e confidente d'elle, ouvi-lhe duzentas vezes a triste historia dos seus amores; e, se V. Ex.ª não me crê, e consente que eu exponha tudo que sei ácerca da mal fadada paixão de Gaspar...

— Não é necessario — interrompeu ella — Agora devéras lastimo a enfermidade do seu amigo, e sinto ser eu causa dos seus desgostos; mas bem vingado está elle, que os meus não tem sido menores, e a minha alegria acabou desde a primeira e fatal hora em que o vi. Por causa d'elle, estou n'este convento, onde voluntariamente me recolhi, persuadida

que a felicidade é já impossivel para mim, e muito possivel, e certa, e até proxima para elle. Agora, peço licença para retirar-me, porque me sinto bastante triste para poder tomar quinhão nos divertimentos de V. S.as

Ergueu-se, fez uma cortesia da melhor sociedade, e retirou-se, deixando-os a elles estupefactos, e ás freiras satisfeitas.

Fechada na sua cella, Joaquina Eduarda chorou, leu as cartas de Gaspar, e beijou-as com aquelles tregeitos infantis que ensina a paixão.

Volvidos poucos dias, o academico voltou ao convento, e annunciou-se á snr.a D. Joaquina Eduarda. Correu pressurosa ao locutorio a menina, e acceitou uma carta de Gaspar de Vasconcellos, promettendo entregar no dia seguinte resposta ao mesmo encarregado da ditosa missão.

Gaspar justificava-se até á superfluidade. A sua paixão levara-o aos braços da morte. Preferira agonisar em silencio, a matar-se d'um golpe de suas proprias mãos. Esmagado pela prepotencia do pai, que lhe pozera ao peito o punhal da miseria, nem sequer o céo lhe suggeria meio de fazer chegar uma carta ás mãos da mulher por quem morria. Que, n'aquella cerração absoluta, partira para Coimbra, a fim de acabar sem vêr o tyranno pai á beira do seu leito de paroxismos. N'este proposito, e conflicto entre as forças da idade e a mortal desesperação, houvera noticia da existencia da sua amada no convento de

St.ª Clara, e do que ella a seu respeito dissera, phrases empeçonhadas que elle agradecia, porque lhe aproximavam a morte. No entanto, pedia elle a Joaquina Eduarda que lhe escrevesse uma palavra de perdão, perdão para a sua perversa alma que ousára inquietar os dias ditosos d'um anjo de innocencia.

Com os olhos embaciados das pertinazes lagrimas, Joaquina vasou ao papel quanto amor cabe e queima em peito virgem de mulher. Não era perdoar: era supplicar-lhe a vida, o amor, a esperança, o céo, e o inferno com elle.

VII

Gaspar de Vasconcellos, recebida a carta de Joaquina, sentiu aquietar-se o pulso, refrigerar-se o cerebro, e encher-se-lhe a alma de luz. Saltou do leito, pegou da penna, e esperou debalde uma idêa das mil que lhe marulhavam na cabeça vertiginosa. Depoz a penna, contou o dinheiro que tinha, chamou a servente, e mandou-a alugar cavallo para o Porto. Uma hora depois galopava á desfilada pela Sophia, com assombro dos estudantes que o consideravam thysico, nas ultimas vascas.

Chegou ao Porto, e entrou de noite na estalagem da rua de S. Sebastião. Ao outro dia escreveu duas linhas a Joaquina, consultando-a sobre a maneira de procural-a. A reclusa, palpitante de alegria, disse-lhe que procurasse a sua amiga Eugenia de Pombeiro.

Esta Eugenia de Pombeiro era a sua confidente de quarenta e oito horas.

Rebuçado no farto reguingote de castorina com carapuça de rebuço, entrou Gaspar ao portico de St.ª Clara, e recebeu a chave d'uma grade, em que a snr.ª D. Eugenia de Pombeiro o ia receber.

Encontrou Joaquina Eduarda, que tremia e chorava. Era a primeira vez em que se viam de feição a poderem proferir a primeira palavra amorosa. O silencio de ambos exprimia o mais alto amor. A pallidez do môço revelava o atroz supplicio da saudade desesperançada. As faces emaciadas da reclusa, de leve purpuradas de pudor e exultação, testemunhavam os desmaios da passada saudade, e o estremecer da paixão n'aquella hora.

Gaspar tartamudeava, e Joaquina deixava apenas ouvir o arfar do coração sob os relevos tufados do peitilho de estofo escuro.

— Devo-te a vida... — balbuciou o academico — Bemdita seja a hora em que veio aqui o meu condiscipulo ! A não ser este feliz acaso, eu morria nas dores ignoradas, na tormentosa ancia de querer e não poder dizer-te que morria de saudade. Porque me não escreveste d'aqui?

— Como havia de eu suppôr que ainda te lembravas de mim ? — disse ella maviosamente — Eu vi a carta que teu pai escreveu a meu irmão. Promettias não só esquecer-me, senão despresar-me até ao excesso de não responder ás minhas cartas. Como

havia de eu escrever-te, Gaspar? Por muito que te amasse, qual mulher, ainda a menos honesta e briosa, te escreveria?

— E tratavas de me esquecer?

— Tratava, para me não deixar succumbir a uma saudade que me não merecia tamanho ingrato... Mas perdoemo'-nos um ao outro. Acordemos do negro sonho de tres mezes. Como vieste aqui? não receias teu pai?

— Meu pai não saberá que eu vim. Tenciono não procurar ninguem. Demoro-me tres dias. O pai cuida que eu estou de cama. Para ir d'aqui á estalagem ninguem me vê. Faço caminho pelos becos da Sé, e desço á rua de S. Sesbastião. E tu consentirás que eu venha aqui todos os dias?

— Magoa-me a pergunta! que mais posso eu desejar! E o futuro, meu Gaspar? o futuro?

— Tenho pensado... Sabes que eu sou filho natural?

— Sei tudo, sei as condições tristes que te impõe teu pai para lhe succederes na casa... não me falles n'isso que me estala o coração! Ha outra mulher que já te conta por seu esposo.

— Deixal-a contar. Nunca o serei.

— Nunca o serás?! — exclamou vivamente Joaquina.

— Não! Juro-t'o pela hostia consagrada! Não! Se meu pai me desherdar, luctarei braço a braço com o infurtunio. Vou concluir a minha formatura.

De alguma cousa me hade servir o diploma de bacharel. Ganharei a vida como os que se formam para viverem das letras. Se vês que eu te mereço, serás minha esposa. Póde ser que meu pai me perdôe a desobediencia; porém, se me lançar de si com a crueldade de que eu não o julgo capaz, serei digno de ti e de mim: trabalharei, repartirei comtigo, e saberei supportar as necessidades com honra e orgulho. Veja-te eu ao meu lado, Joaquina!.. Veja-me eu por tuas mãos coroado e galardoado dos sacrificios a que o mundo mais importancia dá!

— Terás coragem, Gaspar?! — perguntou ella, estendendo-lhe os braços através das grades inflexiveis.

— Se terei coragem! O que não fosse coragem, seria infamia!

— Que tempo esperarei n'esta soledade, meu amor?

— Alguns mezes. Depois da formatura, vou a casa. Heide sondar meu pai; heide fazer quanto puder para que minha prima seja a primeira a detestar-me. Se, todavia, se baldarem estes planos, preciso chamar a mim a coadjuvação d'alguem que nos desempeça o caminho de casamento. É preciso que meu pai o não suspeite. Elle póde muito na vontade do arcebispo, e dos desembargadores ecclesiasticos. Pela lucta a peito descoberto não conseguiria eu nada. Quero vêr se o nosso casamento se faz clandestino.

Progrediu o dialogo até que a confidente Eugenia veio offegante á porta da grade avisar Joaquina que a tia Joanna a andava procurando, porque estava o jantar na meza.

— Ao meio-dia! — exclamou Gaspar.

— Vê tu que supplicio! — disse ella sorrindo — Janto ao meio-dia!

Despediram-se, com promessa para o dia seguinte ás quatro horas da tarde.

Repetiram-se ás duas visitas concedidas, ractificaram-se os juramentos, trocaram-se tranças de cabello, enxugaram-se as ultimas lagrimas ao incendio da esperança.

Gaspar voltou á Universidade, architectando castellos por todos os horisontes e nuvens do céo, que lhe parecia de primavera, acintemente creada para uso d'elle.

Joaquina Eduarda fechou-se no seu quarto a escrever incansaveis paginas, que iam ser em Coimbra a leitura preciosa e exclusiva do môço que, a fallar verdade, não sabia uma lei do Digesto nem um artigo das Decretaes.

VIII

Tolera facilmente a saudade o coração feliz e seguro da leal remuneração de quem ama.

Joaquina Eduarda, quando se não deleitava escrevendo a Gaspar, foliava e travesseava com as noviças e religiosas mais folgasans. A tia Joanna, cada vez mais desaffecta á indole da sobrinha, carecia já de paciencia para indultal-a á conta de môça creada por bailados e theatros. Primeiro, as reprimendas tinham a brandura christan de uma santa Thereza de Jesus; depois, já iam molestando com os espinhos da severidade; ultimamente degeneraram em rabugem, como lá diziam da santa algumas duzias de peccadoras, que, chegadas á idade de D. Joanna, enganaram o demonio, e morreram como predestinadas, segundo consta dos fastos legendarios de St.ª Clara.

*

Á força de martelada pela tia, Joaquina calejou. Fugia d'ella; mas, se era apanhada em corrimaças e alaridos pelo pomar ou no mirante, ou á sahida das grades de galhofa, respondia-lhe com desabrimento, e dizia: «Tenho dezoito annos.»

A santa velha, interrogada pelo sobrinho, ácerca do comportamento da irman, respondia: «Ella por cá vai indo; mas será bom, sobrinho, que não te esqueças de pedir sempre a Deus que a tenha de sua mão.» Instava o reitor pela delucidação d'estas palavras; e a tia Joanna ajuntava: «Joaquina está nova, e quer folgar. Freira é que tu não deves esperar que ella seja.»

Sebastião Godim attribuia ao beaterio da velha tamanha austeridade de conceito; ora, como elle não desejava que sua irman fosse freira, nem tinha bastante com que dotal-a, inquietou-se quasi nada com o parecer da tia Joanna.

Chegada a Pascoa, voltou Gaspar ao Porto, onde passou as ferias, com o mesmo recato e prudencia. Eugenia de Pombeiro prestou-se a coadjuvar diariamente duas felicissimas horas dos dois proximos noivos. Amavam-se já com a seguridade, confiança e liberdade de esposos separados por seis palmos de parede-mestra interposta a duas rêxas de bom ferro sueco. Mas os corações saltitavam por aquellas grades, como um casal de canarios nos poisadoiros da gaiola. Não havia nada que ajuntar aos protestos feitos e planos combinados. O casamento havia de fa-

zer-se, o mais tardar, no agosto proximo, dois mezes depois de concluida a formatura do nubente.

D. Joanna sabia miudamente os passos da sobrinha. Delatavam-na as émulas da formosura d'ella, as tres freiras amadas dos loyos e do arcediago; mas dizia a velha de si para comsigo: «Se ella aqui dentro não procede bem, que fará lá fora? Vamol-a soffrendo, a vêr se Deus lhe dá juizo.»

Perguntou ella á sobrinha quem era o cavalheiro que a procurava.

— É um morgado de Amarante — respondeu Joaquina.

— Vem passar o tempo á laia dos freiraticos dos meus peccados!

— Não, minha senhora: o seu intento é casar comigo, se eu me deliberar a casar com elle.

— Pois, se elle é homem temente a Deus, e remediado, casa, casa, minha menina, que esta vida de convento não te serve, nem tu agradas ás senhoras virtuosas d'esta casa.

— Ora!... as *senhoras virtuosas*!... — acudia Joaquina galhofando.

— Tu zombas, porque as não conheces. A gente com quem vives essa intendes tu ás mil maravilhas. Ah! Joaquina, Joaquina! não sei o que me adivinha este coração!...

— Visões da minha tia!..

— Ai! meu irmão! se tu vivesses!..

— Estava eu muito feliz na companhia d'elle.

— Tambem digo, menina, porque serias mais honesta.

— Pois eu sou deshonesta? A tia, com toda a sua virtude, vai-me insultando...—replicou Joaquina impando de orgulho e colera.

— Não te insulto: prophetiso-te grandes desgraças, se não te emendas.

Ouviu Joaquina a prophecia como se a estitica e munificada velhinha se lhe afigurasse uma Cassandra de mosteiros. Foi d'alli em grande corrida para o mirante onde a estava esperando uma chusma de gárrulas senhoras que, voz em grita, applaudiram a chegada de Joaquina.

O divertimento, n'aquella tarde, era ouvir a musica de duas serenatas fluviaes, como é justo que denominemos dois concertos musicaes em dois barcos, alternando-se nas delicias das rebecas, violas e flautas.

Estas festas vinham alli onde agora atravessa a ponte pensil, a galantear algumas das freiras do mirante. A orchestra era executada magistralmente por frades da Serra, que vinham a ser os galanteadores, acamaradados n'aquella innocente folia com outros santos varões oratorianos e loyos. As religiosas acenavam, e os cenobitas, os ascetas, alargando os celicios de sobre os rins por breve espaço, acenavam tambem com lenços brancos.

N'este sobremodo poetico divertimento de fra-

des e freiras, appareceu a casta lua a divertir-se tambem. A loira princeza dos astros retractava-se nas aguas limpidas, por não poder vir pessoalmente abraçar os frades, que tanto se esmeravam em acatar as freiras, irmans d'ella na castidade. Em seguida á lua, chegou um barco, batendo a compasso rijo e rapido o bracejo dos remos. Este barco attracou um dos dois mosteiros fluctuantes, e logo do interior sahiram quatro homens que bateram nos cruzios da Serra com tamanha e desaforada força, que os eccos da quinta do bispo, na margem direita, responderam á toada cava das pauladas que deslombavam os frades. Depois, atracaram o barco dos loyos e congregados que aproavam á ourela direita do Douro, e ahi, apesar da desesperada defeza, os braços aggressores provaram que eram muito mais expeditos na segunda sova. As freiras tinham fugido acossadas pela grita d'aquella refrega naval, e pelo tilintar da sineta gemedora que as chamava ao côro.

Soube-se depois que os piratas da musica fradesca eram quatro militares, que serviam cavalheirosamente um quinto, a quem um frade loyo roubára a sua freira clara.

N'aquelles heroicos tempos o ciume sahia com façanhas d'este jaez : o exercito batia-se com os frades, hasteada a bandeira do amor n'um e n'outro campo. Hoje, consoante diz o snr. A. Herculano, vem ahi o frade brincar com o soldado. «O cercilho

e o bigode jogam o futuro sobre o tambor posto em cima da ara.» *

É máo acabarem as freiras em quanto se não extinguirem o cercilho, o bigode e o tambor.

* Prologo ao livro *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal.*

IX

De sobra estava D. Joanna informada ácerca do estudante que requestava a sobrinha. Magoou-se entranhadamente da mentira, e cobrou mais desaffeição á incorrigivel môça. Entraram com ella arrependimentos e escrupulos, já por ter sido grande parte na ida de Joaquina para o convento, convidando-a e acariciando-a; já por se não explicar claramente ao sobrinho. Assediavam-na as freiras austeras, pedindo-lhe que tirasse d'alli aquelle máo exemplo d'outras seculares, e braço poderoso do inimigo para perdição das noviças. Contavam-lhe que na cidade ia um fallatorio vergonhoso á conta da pancadaria que os frades levaram, e dizia-se que Joaquina Eduarda tinha um grande quinhão n'aquella desordem, por amor da qual o bispo andava ás más com o João de Almada, governador das armas.

As santas creaturas para chegarem mais de prompto á razão, como vimos, abordoaram-se á calumnia. A parte, que Joaquina Eduarda tivera no desastre dos loyos, congregados e cruzios, foi meramente a de rir muito e zombar indiscreta das monjas que se doíam das contusões dos frades.

Tudo, porém, serviu de afiar os escrupulos da velha.

Esta carta escreveu ella ao padre Sebastião Godim :

«Meu sobrinho. Acabou-se-me a paciencia, e a «esperança na reforma de tua irman. Deus me é tes«temunha do muito que espacei esta resolução, e da «magua com que obedeço agora á religião, dever e «caridade.

«Joaquina Eduarda, como já te disse, nos pri«meiros oito dias foi uma maravilha de sesudeza e «gravidade. Resava todas as noites comigo, e não «faltava a hora nenhuma do côro, sendo dispensada «de lá ir. Depois, sem mais nem para quê, deu em «se aborrecer da oração, e nunca mais lhe vi contas «nem livro nas mãos. Começou a andar á tuna por «grades de galhofa em companhia d'algumas reli«giosas que são a vergonha do habito e do conven«to. E eu, sobrinho, a reprehendêl-a ora com bran«dura, ora com asperesa; mas é prégar no deserto.

«Depois que eu soube, circumstanciadamente, «que ella tinha chichisbeo que passava as tardes na «grade, e vinha a isso de Coimbra, onde está a to-

«mar gráo de licenceado, não pude ter-me que não
«a reprehendesse muito, até porque me mentiu sem
«necessidade. Não fez caso, e mandou-me tratar das
«coisas do céo, e não me intrometter na vida das ra-
«parigas. Acho que ella tem razão; mas eu tambem
«a tenho para a não querer comigo, que heide respon-
«ponder por ella primeiro a Deus, depois a este con-
«vento, e por fim á minha consciencia.

«É acêrto e necessidade que tomes conta d'ella,
«porque ha menos perigo em guardar uma menina
«mal ajuisada n'uma aldeia que n'um convento. Se
«ella algum dia se reduzir aos seus deveres, e ao
«respeito que deve ao nome de seu pai e de sua mãe,
«que era uma santa, volta com ella então, e eu lhe
«restituirei a minha amizade. Se, contra o meu pa-
«recer, quizeres que ella se conserve aqui, em tal
«caso, Sebastião, eu faço de conta que não tenho so-
«brinha. Devo dizer-te que as mezadas, que me en-
«viaste, e eu guardava por não carecer d'ellas para
«alimentar tua irman, não pude deixar de lh'as dar
«para vestidos e adornos prohibidos, que, com ma-
«gua o digo, ella usa contra os estatutos d'esta casa,
«respeito ao trajo das seculares. Não tem rei nem
«roque.

«Em fim, esta menina tem condão de sorte má.
«Deus te guarde, e lhe valha, e a todos nós. Tua tia
«affectiva e obrigada

Joanna do Rozario.»

Esta má nova encontrou Sebastião Godim enfermo. Esmagou-o este mais que todos pungente desgosto. Abrasaram-n'o impetos improprios de seu ministerio. Se elle, n'aquella hora podesse renunciar as ordens, e aspar das mãos consagradas o cunho indelevel do sacerdocio, iria a Coimbra desintestinar os figados do academico. Tremulo de colera, escreveu a Pedro de Vasconcellos n'estes termos: «Gaspar mentiu como villão. Não póde ser filho de Pe-«dro de Vasconcellos. A mãe devia de illudir V. S.ª «para poder dar nome ao filho d'algum lacaio. La-«mento-me de ser padre. Mal hajam os acasos da «vida e da fortuna que me agrilhoaram honra e brios «ás columnas do altar! Sem mais.

Sebastião Cazado Godim.»

O arrependimento sobre-veio logo; mas a carta ia já de caminho, e o portador corria, que assim lh'o ordenára o reitor.

A infermidade aggravou-se com máos symptomas. Umas senhoras de Barcellos avisaram Joaquina Eduarda do perigo do irmão, e pediram-lhe que viesse ajudal-o a morrer ou a convalescer. Affligiu-se extremamente Joaquina, mostrou a carta á freira, queria partir logo; mas faltava-lhe quem a acompanhasse. Ao mesmo tempo, Gaspar de Vasconcellos dizia-lhe de Coimbra:

«Está aqui meu tio frei João de Vasconcellos, «que vem buscar-me de ordem de meu pai. Teu ir-«mão escreveu para lá uma carta infernal. Sabe-se

«tudo. Tenho a cabeça perdida, e morro só com a «idêa de que heide passar no Porto sem vêr-te. Es-«te frade não me deixa, e elle ahi vem dizer-me que «estão as cavalgaduras promptas. Tem compaixão do «teu infeliz *Gaspar.*»

Ficou passada de novas e mais dolorosas lançadas a secular. Desconfiou da tia como denunciante, e insultou-a. Raivou contra todas as inimigas, e pediu aos céos que arrazassem o convento, aquelle covil de hypocritas e intriguitas!

Soror Joanna resava a *Magnificat*, e benzia-se a cada injuria que a sobrinha ejaculava dos fumegantes labios.

Eil-a, pois, em angustiosas e desesperadas aperturas. Nem tia, nem irmão, nem irman, nem cunhado, nem sequer o conselho alentador de Gaspar! A seu vêr, o casamento projectado desfaz-se. Pedro de Vasconcellos vai violentar o filho a casar com a prima, ou o encarcéra na cadeia, ou o desampara á descrição da miseria. O irmão resentido e intolerante, por ter sido escarnecido pela deslealdade d'ella, vai tambem despresal-a, ao tempo que a tia insultada a está abominando, e que todo o convento conspira a expulsal-a como doida furiosa. Sente-se já torcida e sovada aos pés da desgraça; mas não é Joaquina mulher que se roje aos pés da tia ou da prelada, e das religiosas offendidas. Cae, soçobra, prosta-se no leito devorada de febre; mas não desprende um gemido, que commisere a freira. Regeita alimentos, e

consolações da velha creada que a servia. Responde em gritos estridentes ás raras amigas que ousam, a despeito da communidade, procural-a. D. Joanna entra, forçada pela caridade no quarto d'ella, e diz-lhe:

— Venho trazer-te o perdão.

— Quando lh'o eu pedir! — exclama a febricitante, e volta-se contra a parede batendo com a fronte no tabique.

Sai a velha aterrada, e escreve ao sobrinho, entre outras lastimas, esta phrase terminante: «A po-«bre menina insandeceu. Que faremos d'uma douda «n'esta casa? Vem depressa livrar o convento d'esta «afflicção! Estamos todas consternadas!.....»

Oito dias depois, Joaquina recebeu novas de Gaspar. O rapaz, logo que chegou á presença do pai, leu o insultante bilhete que Sebastião Godim havia escripto. Abaixou a cabeça com resignação de martyr; porém, o pai, não contente d'aquelle flagicio á sua prosapia, quebrou-lhe nos braços uma grossa bengala da India, e preparára-se para escadeiral-o com um tamborete de coiro, quando frei João de Vasconcellos, piedoso monge de Tibães, cobriu com o habito misericordioso o sobrinho, exclamando:

— Irmão Pedro, esse bater é assaz brutal! Lembra-te das palavras do divino Mestre a outro Pedro!..

Entre-parenthesis: a narrativa de Gaspar não era assim minudenciosa; mas o rigor chronologico requerer que eu, n'este lanço, addiccione as minhas informações particulares á concisa noticia do academico.

Em seguida, o velho declarou que não queria mais vêr o infame que o deshonrava. Fr. João levou comsigo o rapaz para outra sala, e ordenou-lhe que sem demora se recolhesse a uma quinta em S. João de Rey, para onde iria com um servo da confiança de seu pai.

— Rapaz, ajuntou o benedictino, se não tomas tento com a tua vida, estás perdido! Olha que teu pai nomeia a sobrinha successora dos vinculos, e tu ficas sem um ceitil.

Agora, o que segue é textual de Gaspar:

«Aqui estou n'este êrmo, sem ninguem que me «veja as lagrimas. Abafo, tenho o inferno no cora-«ção!.. Quero morrer, e falta-me animo para voltar «contra mim este punhal, unico amigo que me res-«ta!.. E receberás tu esta carta? Eu dei quanto di-«nheiro tinha ao caseiro, e ainda lhe pedi com as «mãos postas que me não atraiçôe. Adeus, adeus, «infeliz! Não cessa de entrar aqui o espião, que meu «pai mandou comigo. Como heide eu receber novas «tuas? Não me escrevas por correio. Oh! que hor-«ror de vida este!»

Cada vez mais golpeada e mais ao desamparo d'amigas, desejava Joaquina Eduarda que seu irmão a levasse. Parecia-lhe que já a liberdade do convento lhe era inutil, e que mais provavelmente poderia de casa do irmão fazer chegar uma carta a Gaspar. Como a engenhosa desgraça arma traças de se mascarar com os trajos da prospera fortuna, quando Joa-

quina pensava em escrever ao irmão, appareceu elle, alvoraçado com a ultima noticia de D. Joanna. Atormentava-o a demencia da pobre menina; já elle a si se arguía de nimiamente zeloso do coração da irman, de intolerante com a talvez involuntaria cegueira dos dezoito annos, e precipitado na denuncia acrimoniosa a Pedro de Vasconcellos. Isto lhe deu vigor e ancia de ir buscar a irman.

Temia-se ella de desabridas reprehensões, quando lhe annunciaram o irmão. Entrou na grade a tremer. Levava as faces e olhos tão desfeitos e maccerados, e os cabellos em tal desalinho, que o reitor intendeu que Joaquina veramente insandecera. Fallou-lhe amorosamente, e ella, amollecida pelo tom da fraternal piedade, debulhou-se em lagrimas. Os soluços embargavam a voz do padre, em quanto ella, animada pela compaixão estranha, e carecedora de olhos amigos que a vissem chorar, desafogava em gritos a agonia que lhe reserrava o peito.

— Queres sahir hoje mesmo, Joaquina? —perguntou Sebastião.

— Hoje mesmo, se te mereço piedade.

— Piedade e estima, infeliz irman! Não tens mãe nem pai...

— Ninguem tenho, senão a tua commiseração e misericordia... Aborrecida de máos e de bons... Até a tia Joanna, que chamam cá a predestinada, tem-me feito quanto mal póde... Que mal lhe faria eu a esta hypocrita?..

— Cala-te, Joaquina! — interrompeu brandamente o padre.

— Hypocrita, sim! digo-o sem medo de te offender, porque sei que tu o não és. É uma coisa vil a denunciação de actos que não deshonram! Se eu amava um homem tão desgraçado como eu, e lhe cedia da minha vida quanto honestamente podia ceder-lhe, porque foi esta impostora apunhalar-te o coração, e cobrir-me a mim de toda a casta de afflicções!..

— Julgou ella que cumpria um dever...—disse o reitor.

— Que dever, Sebastião? Porque não cumprem as santas d'esta casa o dever de expulsarem d'aqui as freiras professas, que passam as tardes com os conegos e com os frades, e com os militares? Eu, que não fiz voto nenhum, e tenho dezoito annos, sou deshonesta porque amo um rapaz, que quer ser meu esposo; e ellas....

— Está bom, Joaquina — cortou o padre—Não é propria a occasião para dilatarmos estas praticas. Em quanto preparas a tua bagagem, faz saber á tia Joanna que eu desejo vêl-a...

— Que embustes não vais ouvir!..—accudiu Joaquina Eduarda.

— Bem: ouvirei sem me dispor contra ti. Vai, e demora-te o menos possivel, que ainda hoje partiremos.

A conversação de Sebastião com sua tia foi fria e refolhada. Começou ella carpindo-se da loucura da

sobrinha; e, como o padre lhe asseverasse que felizmente a irman gosava perfeito intendimento, a freira lamentou que ella tivesse uma indole endiabrada.

— É muito môça... — disse elle.

— É muito malcreada, é o que ella é — emendou soror Joanna do Rosario—Leva-a, leva-a...

— A isso vim, minha tia; e tambem a agradecer os beneficios que lhe fez, e a paciencia com que a supportou.

— Tem de ser muito desgraçada, digo-t'o eu!

— Ás vezes as pessoas virtuosas, com as suas demasias, concorrem a appressar e a promover a perdição das que apenas venialmente peccam...

— Achas que eu fui demasiada?

— Não, minha senhora; foi o que são todas as pessoas devotas e erradas na justa apreciação da caridade.

— Ora essa!..

— Não se moleste, minha tia; eu quero dizer que se a religião deve ser uma cruz sem alivio, para que é necessaria a caridade?! Se tudo é justiça, podemos banir a palavra misericordia...

— Vens ensinar-me os meus deveres de christan? Louvado seja o Senhor!.. Elle sabe o que eu soffri a tua irman.

— São louros que minha tia tem no céo.

— Zombas, sobrinho?

— Eu nunca fallo zombando, minha tia.

O dialogo terminou com poucas phrases mais, em que de parte a parte a caridade não era muita.

X

Sebastião Godim, avisado do destino e castigo que recebera Gaspar de Vasconcellos, impoz-se o dever de não fallar n'elle a sua irman, e de escrever a Pedro, desculpando-se das contumelias do seu bilhete. O orgulhoso fidalgo não abriu a carta do padre, e disse ao portador: «Despréso o villão que insultou as cinzas da mãe de meu filho; diz lá que se Gaspar fosse filho d'um lacaio, já lá tinha ido com a arma do seu officio sacudir-lhe a poeira da chimarra.»

Sebastião Godim ouviu este recado, pouco mais ou menos reproduzido, e disse entre si :

— Eu merecia isto !.. Agora, assim castigado, estou mais desopprimido da consciencia.

Reanimaram-se as faces aradas de Joaquina

Eduarda. A esperança inflorava-lh'as de novo, desde que um pobre, a quem ella, desde menina, esmolava, lhe prometteu ir a S. João de Rey levar uma carta, com todo o recato. Passados dias o mendigo voltou á reitoria, a uma hora convencionada, e recebeu a carta com generosa gratificação.

N'este tempo, estava já relaxada algum tanto a espionagem de Pedro de Vasconcellos. O môço tinha licença de ir á caça, sob condição de não demorarse mais de duas horas diariamente no monte: clausula que obrigava a não jornadear mais d'uma legoa, e a sentinella avisaria, se fosse transgredida.

O mendigo chegou ao anoitecer a S. João de Rey, e pediu gasalhado ao caseiro dos Vasconcellos. Pernoitou no palheiro, e espertou ante-manhan com os olhos infisgados nas juncturas da porta. Ao repontar do sol, ouviu o latir de cães de caça, e logo enxergou o fidalgo, que d'olhos baixos, e mui triste sombra, passava diante do palheiro, afastando os cães que lhe pulavam ao peito. Abriu de subito o pedinte a porta, e relanceou os olhos ás janellas da casa nobre. Como não visse ninguem, acenou a Gaspar, que se avisinhou com um presagio na alma. O mendigo deixou cahir uma carta ao chão, e desviou-se murmurando:

— Seja pelo divino amor de Deus. O Senhor lhe dê no céo tantos seculos de gloria como os minutos que eu dormi no seu palheiro.

Gaspar apanhou soffregamente a carta, escon-

deu-se a lêl-a entre um bosque de carvalhos, e d'ali, rodeando por longe, foi sahir ao mendigo no recosto de um outeiro.

Conversou largo tempo com o pobre. Fez-lhe repetir muitas vezes quanto sabia de Joaquina, desde que ella entrara na reitoria, até ao momento em que lhe dera a carta. Conseguiu que o mendigo se detivesse até ao outro dia n'uma freguezia proxima, e marcou-lhe o local da serra onde deviam encontrar-se. Ao dia seguinte, o portador tomou conta de um volumoso maço de papeis: eram as muitas paginas que o môço escrevera em vinte dias de tortura.

Duas semanas volvidas, appareceu o mendigo na reitoria: azou-se-lhe o lanço de entregar a papelada. Joaquina, alvorotada de jubilo, encarava tão agradecida e affectuosa no velho maltrapido, que se não anojou de lhe apertar a mão.

Está, portanto, reatada a correspondencia: a mão da insidiosa desgraça soldou os fusis quebrados d'aquella cadeia, cuja ultima argola... Deus sabe em que ignominias e catastrophes está chumbada!

Quando aos dois mal-sorteados amantes principiava alvor de esperanças, depois de um mez de escuras angustias, chegou a S. João de Rey o frade de Tibães com jovial carão.

— Boas novas, Gaspar! — exclamou elle — Fiz descer teu pai lá dos pincaros do seu agastamento. Está outro homem... Sempre é pai! O sangue brada.. Com que, rapaz, é necessario que venhas

hoje para Braga, e te ponhas em joelhos aos pés de teu pai, pedindo-lhe perdão... Parece — continuou o frade attentando no rosto inalteravel, senão constrangido, do sobrinho — ...parece que te não alegrou esta noticia ?!

— Não alegra nem entristece — disse Gaspar.

— Ó burro! — exclamou fr. João, esmoncando o esturrinho do nariz rubro—Então que belzebuth queres tu, senão a amisade de teu pai?!

— Tão desgraçado heide eu ser com ella como sem ella. Meu pai quer dispor de mim como d'um cavallo sobre o qual se lançam ricos arreios. Faz de conta que eu sou um prego em que se dependura um appellido. Não quer saber se eu tenho alma, se tenho coração, se tenho pensamento. O dilemma é este, meu tio : se cazo com minha prima, sou um infeliz abastado; se não cazo com minha prima, sou um infeliz pobre. Aqui o argumento, a distincção, a estrema é o ouro. Querem que eu ame uma mulher detestada, sómente porque ella póde cobrir a cabeça de perolas...

— E as perolas — atalhou o benedictino — a fallar verdade, são, no dizer de fr. Thomé de Jesus, a sarna das ostras. Mas, sobrinho, não se tracta de perolas nem de mulheres...que o inimigo as subverta todas. O ponto é que tu peças perdão a teu pai, e depois o tempo abrirá caminho.

Gaspar reagia ao largo discorrer do frade, por que já lhe era pouco menos de aprasivel a vida n'a-

quella soledade, desde que alli chegára a carta de Joaquina Eduarda, e a esperança de outras. Em pouco estava o melhorar-se a desdita do môço! Dous mezes antes, quando elle a via na grade de St.ª Clara, se antevisse uma tal vida, julgal-a-hia incomportavel infortunio.

A ida para Braga era o mesmo que renunciar á facilidade de corresponder-se com Joaquina, e, de mais d'isto, era ir pôr peito a uma lucta cruel com o pai, por causa da prima. Não obstante, desobedecer a fr. João, n'aquelle conflicto, era desobedecer ao pai, e dar margem a suspeitas de que a vida na quinta lhe era satisfactoria.

A scena estava preparada. Fr. João entrou com o sobrinho na sala de espera; Gaspar ficou sentado n'um escabello, e o frade foi ao interior da casa. D'alli a coisa de cinco minutos voltou á sala, fingindo que enganava o irmão, e o irmão fingindo que vinha enganado. Gaspar levantou-se, e o velho fez um esgar de espanto, e exclamou :

— Que vejo?!

— É teu filho que te pede perdão.

Gaspar, mesurando o passo com o mais natural desenthusiasmo que dar-se póde no drama jocoserio, abeirou-se do pai, dobrou o joelho direito, e disse :

— Perdão !

— Sai da minha vista, ingrato !— bradou Pedro de Vasconcellos.

— Irmão Pedro !—acudiu fr. João, alongando o braço estatuariamente—Depois da justiça a misericordia. Teu filho peccou; sê tu igual a Deus: perdôa.

— E vem elle arrependido, e disposto a mudar de vida ?

— Responde tu, Gaspar ! — disse o frade.

— Sim, senhor — tartamudeou o môço.

— Levante-se ! — disse o pai —Vá para o seu quarto.

Gaspar sahiu da sala cabisbaixo. Fr. João voltou-se para o mano Pedro com gesto grave, e disse-lhe :

— Olha que nós ainda não jantamos. Vê lá se a cozinha respira alguma boa nova... Estás contente Pedro ?

— Estou ! estou ! — exclamou o velho com os olhos afogados em lagrimas—Assim que o vi, tive guinas de abraçar-me n'elle ! Eu quero-lhe das entranhas !.. É a minha vida toda este rapaz !...

— Está bom, não chores, homem ! —atalhou frei João, limpando os olhos ao lenço do tabaco — Chama a capitulo o que estiver na despensa, e vê se se amanham por lá umas frigideiras, que eu ando arrenegado por ellas. Quantas me mandas para Tibaens todas me come o dom abbade.

XI

Ao terceiro dia de reconciliação, Gaspar, engenhando astuciosos rodeios, pediu ao pai se o deixava ir passar o restante do estio na quinta de S. João de Rey.

— Que gosto é esse, rapaz?! — perguntou o insuspeitoso velho.

— É a caça. Habituei-me á caça, e faz-me muita falta.

— Pois isso não te contrario eu; vai, e espera alguns dias, que eu vou tambem lá passar uma temporada.

Gaspar fez-se amarello, e disse:

— Em que hade o pai entreter-se? Aquillo é tão só e triste! Não se vê ninguem com que V. S.ª possa conversar...

— Converso comtigo, e não tenho pouco que conversar... Antes de ir é preciso que vás visitar a Villa-verde tua prima e tua tia, que já te não viram ha sete mezes.

— Não será melhor na volta da quinta?—observou timidamente o môço.

— Não, senhor: o melhor é agora... Ai! que tu, Gaspar!.. — disse com máo sorriso o velho — Não acabas de cahir em ti...

— Isso é injustiça, meu pai... — acudiu o imprudente, emendando as repugnancias do coração.

— Ora, vamos! Não acabes de me matar — proseguiu com brandura o velho — Dá-me o prazer maior da minha vida, a minha esperança querida de vinte annos, desde que tu nasceste e que tua tia casou. Ha quatorze annos que tua prima veio a este mundo, e desde então a minha alegria é pensar que os netos de minha irman e os meus hãode ser senhores d'esta casa...

— Eu não estorvo a sua vontade, meu pai; todavia, creio que a sua intenção é que eu termine a minha formatura.

— Nada, não é. Formatura para quê? De que te serve a ti o curso juridico? Tens sabedoria que farte para ser o que teu pai e avós foram: um fidalgo independente.

— Mas eu tinha tantos desejos de seguir a carreira da magistratura...

— E quem hade administrar a tua casa e a

grande casa de tua mulher? A magistratura é boa para filhos segundos, e nem sempre. A consciencia soffre grandes unhadas, filho. Teu tio avô Gabriel Pereira de Castro, chanceller-mór do reino, os ultimos annos de sua vida, viveu-os cortados de remorsos por ter dado uma sentença iniqua contra um tal Fulano Soliz que se deixou morrer por supposto crime de desacato para não descobrir o nome da freira com quem corria amores. Foje de sentencear, meu filho. Não queiras ser victima nem sacrificador da justiça. Recolhe-te á tua casa com tua mulher e tua descendencia, e deixa lá o mundo com as suas miserias. A vida melhor que eu conheço, Gaspar, é um homem alegre no seio de sua familia, ou então frade em ordem abastada. Vê tu teu tio fr. João! que santa consciencia!..

— E que santo estomago! — acrescentou Gaspar, sorrindo.

— Dizes bem; e que santo estomago. Pois ahi está! Aquillo é que é viver, quando se não tem precisão de transmittir bens de fortuna e appellidos gloriosos a uma honrada posteridade. O gráo de licenceado em leis de que te serve a ti? Deixa-te de quebrar a cabeça com a livralhada. Já sabes que farte para fallar diante seja de quem fôr. Cuidemos agora em começar theor de vida mais solida.

Tão abstrahido estava o môço que deixou palavrear diffusamente o pai, ácerca das solidas delicias do matrimonio. N'aquelle quarto de hora de intro-

versão, Gaspar delineou um plano extremo, heroico, e o pessimo de quantos o seu máo anjo podia suggerir-lhe. E sahiu do seu enleio com muita luz e alvoroço nos olhos, como se ideasse alguma honrada traça, que já a consciencia lhe estivesse encarecendo com alegrias do céo.

Dias depois, Gaspar e o pai sahiram para a quinta de S. João de Rey. Estava a expirar o praso em que o mendigo promettera voltar. O dessocegado amante receiava que o confidente se houvesse antecipado a rogos de Joaquina Eduarda.

Chegou a almejada carta no dia immediato ao da partida. Pedro de Vasconcellos dormia o somno matinal quando o filho, no mais afogado da carvalheira, lia as interminaveis e ainda assim tão breves paginas do diario d'ella, escripto por noite alta, a salvo d'alguma surpresa do irmão. Na carta de Joaquina estavam umas palavras que eram o applauso ao projecto de Gaspar: «Fujamos: onde poder ser, unam'o-nos, e depois Deus será por nós. Se teu pai nos não perdoar, póde ser que meu irmão ou meu cunhado nos dêem abrigo.» O que não entrava no plano do môço era o abrigo esmolado do padre ou do juiz de Fora.

Abraçaram-se, pois, os dois alvitres no essencial, deferindo Gaspar a execução para dois mezes depois, que tanto era necessario á conjuncção de certos accessorios favoraveis ao expediente. Joaquina achou eterna a demora; porém, conformou-se.

Pedro de Vasconcellos preparava uma surpresa ao filho. No dia em que o môço fazia annos, ao romper da manhan chegaram á quinta os creados carregados de vitualhas. Depois chegou fr. João com mais seis frades, encavalgados em nedeas mulas. Seguiram-se algumas das melhores familias de Braga, parentas dos Vasconcellos. E a ultima familia que apeou de uma lustrosa e dourada liteira era a irman de Pedro e sua filha, a snr.ª D. Paulina Roberta.

Estava na flor dos quinze annos: era já alta de peitos, bem conformada, sadia, escarlate, folgazan, e não despecienda em sentido nenhum. Abraçou-se no primo, e exclamou:

— Ah seu ingrato, você porque não tem ido a Villa-verde? Chegou de Coimbra, e não deu parte á mãe nem a mim!

— Desculpa-me, Paulina — disse Gaspar — Cheguei adoentado, e vim aos ares do campo.

— Então porque não foste para onde a nós, feio? — replicou a graciosa menina.

— A convivencia com um doente deve ser muito importuna, prima!

— Ora! vai-te á fava! Entre primos não ha essas ceremonias.

A menina foi mudar de vestido. Pedro de Vasconcellos disse ao filho:

— Não a achas mui galantita e desembaraçada?

— Está uma mulher de encher o olho! — disse fr. João com applauso dos outros frades.

— Então que dizes tu, Gaspar? — instou o pai.

— A que respeito?

— Onde está a tua cabeça, homem?.. Querem vocês vêr que o deus Cupido já o deixou atravessado da doce frecha!..

As damas riram muito da graça mythologica de Pedro de Vasconcellos, que não sabia de fabula muito mais.

— Perguntava-te eu — insistiu o velho — se não achas a Paulina muito galante e esperta...

— Acho, sim: está muito desenvolvida e bonita — respondeu Gaspar com mal sopeada displicencia.

— Pois alli a tens, que, de mais a mais, segundo diz a mãe, é uma excellente senhora de casa. Que mais póde querer um homem?

— Está proximo o casamento? — perguntou uma fidalga velha.

— Não póde ter grande demora, prima Genoveva — respondeu fr. João — A proposito de casamento... Lembra-se a prima dos nossos vinte annos?.. Olhe que estiveram as coisas muito dispostas para termos a esta hora filhos e netos casadoiros!..

— Tolices do primo João!.. — disse a risonha snr.ª D. Genoveva, exhalando por entre o sorriso um suspiro consagrado ás reminiscencias dos seus vinte annos.

Foram festejadas pelo auditorio estas galhofas dos dois primos, e logo outra dama perguntou:

— O noivo vai para Villa-verde, ou vem a noiva para Braga, primo Pedro?

— Hade vir a noiva para Braga, que eu não me separo do rapaz. Já agora, o fim da vida quero passal-o com filhos e netos.

— Está tão calado o primo Gaspar!.. — observou uma senhora de vinte annos.

— Que quer a prima que eu diga?

— Que esteja contente, e que falle.

— Por ventura estou eu triste?!.. O silencio é a linguagem dos corações felizes.

— Assim, assim, Gaspar — acudiu o jubiloso pai — Assim é que eu te quero ouvir fallar... Ahi vem Paulina... Olha como ella vem brilhante, a feiticeirinha!

— Que é, tio? — perguntou a menina.

— Estás uma esbelta môça!..

— Ora!.. — murmurou a pudenda Paulina, abraçando-se n'uma das mais novas do rancho para esconder o rubor, posto que relanceasse a vista a Gaspar a fim de vêr se elle reparava no rubor d'ella.

Gaspar, no entanto, estava conversando com um frade litterato ácerca de estudos universitarios.

Passaram á casa do almôço, e depois sahiram a passear nas sombras da quinta.

— Dá o braço a Paulina — disse Pedro ao filho.

No remate do passeio sombreado de parreira, os dois primos acharam-se sósinhos, e sentaram-se nos bancos rusticos que ladeavam uma fonte.

quinta. Ás vezes ia lá sentar-me sósinha, e lembrava-me de ti com tantas saudades!.. Aquelle tempo não volta...

— Sim, a infancia é como esta agua que está descendo da bica, e nunca mais sobe. Mas, passados os gosos da infancia, vem os da mocidade; vão-se os da mocidade, e succedem outros. Podes ser muito ditosa toda a tua vida, prima.

— E tu não?

— Eu, sabe Deus o que serei.

— A mãe disse-me...

Paulina reteve-se, e corou.

— Que te disse a mãe, prima?

— Disse-me... ora... não digo... tu sabes o que é...

— Ah! sim... já sei... fallou-te da nossa união.

— Foi isso.

— Creio que é essa a vontade de nossas familias. E a tua?

— Tambem. Quando é?

— Passados poucos mezes.

— Quantos? — perguntou ella tregeitando amoravelmente.

— Dous ou tres.

— Ai! tanto! E depois vou para tua casa, não vou?

— Sim: é a intenção do pai. Passeemos, prima?

— Pois sim; mas... estavamos aqui tão bem n'esta sombrinha!

— Vamos ao jardim que tem lá umas dhalyas bonitas.

— Vamos.

E, como o braço esquerdo de Paulina Roberta lhe ficava muito perto do coração, a menina authomaticamente pesava um pouco mais sobre o braço do primo.

Pedro de Vasconcellos observava-os com enchentes de gaudio. Remoçavam as faces alegres do bom pai. Então cuidou elle que a imagem de Joaquina Eduarda fôra de todo em todo banida do coração do filho.

E, todavia, Gaspar sentia-se beliscado de remorsos de offender, posto que involuntariamente, a mulher da sua alma, a formosa, ao lado de quem Paulina Roberta perdia muito, se não tudo, de sua graça e regular compostura.

Correu delicioso o dia. Os noivos foram brindados tantas vezes quantas intalações de lombo e frigideiras os benedictinos desobstruiram com catadupas de vinho.

Paulina Roberta sahiu d'ali meiga e saudosa como se acordasse nos braços do filho da cytherea deusa. Pobre menina!..

XII

Contente de sua irman, e solicito em divertil-a de lembranças perigosas, Sebastião Godim frequentava com Joaquina Eduarda a fidalguia de Barcellos, onde, no seculo passado, residiam reliquias do antigo e lusido grupo de solares que alli viveram vida de côrte.

Renasceram para a peregrina cantora as ovações e glorias d'Amarante. Para os tristes e apaixonados cantava ella mais meiga e mais do coração em Barcellos. D'antes era a arte: a voz que a si propria se estava ouvindo; agora fallava o sentimento: a alma que comsigo mesma dialogava.

Accenderam-se paixões subitas nos peitos de numerosos morgados, e de muitissimos filhos segundos destinados a frades. Aos primeiros, fechavam-se

os olhos de Sebastião Godim; mas sobre os segundos lançava precavida attenção. Porém, Joaquina Eduarda não via uns nem outros.

Um dos mais soberbos de prosapia e haveres pediu-a como quem de antemão entende que seria um dever offerecer-lh'a. O padre, lisongeado e alegre com a proposta, revelou-a á irman, que para logo, dando aos hombros, disse:

— É o mais parvo de todos... Logo vi que seria o mais audaz.

— Audaz! — redarguiu o irmão — pois não sabes que é dos Correias de Lacerda, senhores de Farelaens, e que teve um tio secretario de estado?

— Não sabia, nem isso me faz alterar o juiso que faço do homem. Em summa, Sebastião, eu estou bem: não caso.

— Está bom, menina; — disse o padre — nem eu te aconselho, se te repugna o sugeito.

O fidalgo de Farelaens, quando soube que a irman do reitor o rejeitára, pediu perdão aos manes dos Lacerdas e Correias de haver cahido em tamanha vilta; e, para estrondear uma vingança monumental, foi a Lisboa, e voltou de lá casado com uma dama descendente do rei godo Ramiro pelo pai, e do rei godo Recaredo pela mãe. A vingança cumpriu-se em trinta dias.

Joaquina Eduarda, quando viu a descendente dos dois monarchas, disse:

— Muito feios deviam de ser os reis godos!

Estas coisas referia ella miudamente a Gaspar de Vasconcellos na sua regular correspondencia bimensal. E, sem embargo do tom zombeteiro com que Joaquina mettia a riso os seus pretendentes, Gaspar torcia-se de ciumes, e exprobrava-lhe que ella se andasse recreando, em quanto elle se comprazia na solidão e ermos desconversaveis de toda voz humana. Por amor d'estes queixumes, Joaquina resistiu com dissimulados incommodos aos convites do irmão, e encerrou-se entre as suas arvores.

XIII

Na carta da primeira quinzena de setembro de 1763, dizia Gaspar que recebera ordem peremptoria do pai, já impaciente, para recolher a Braga. Pelo quê, o mendigo, quando levasse para alli a correspondencia, no fim do mez, o esperasse á Senhora de Guadelupe. Miudesas são estas necessarias a quem lê convicto da veracidade da historia.

— Vamos a isto! — disse Pedro ao filho, assim que elle chegou — Tua tia insta pela brevidade do casamento, porque Paulina está doente de saudades. Tens varinha de condão, rapaz! Apaixonaste-a logo. Taes cousas lhe disseste...

— Eu não lhe disse nada, meu pai!

— Faz-te tôlo!.. — tornou alegremente o velho — Imagino o que tu lhe dirias, maganão! Eu já

de lá venho... O caso é que a menina, desde que foi aos teus annos, segundo me diz minha irman, não falla senão em ti, e immagreceu. Vamos a terminar isto. A dispensa está requerida ha tres mezes: deve estar a chegar. Assim que ella vier, conclue-se este negocio.

— Negocio !... — murmurou o môço.

— Casamento, digo eu : e porque disseste *negocio* tu?..

— Por nada... achei a palavra nada poetica...

— Nós não estamos a fazer versos agora, rapaz ! Que tem que vêr com isto a poetica ? Hasde sempre ter um pedaço de tolice na cabeça, homem! Bem faz teu tio fr. João que te chama ás vezes burro !.. Ora, pois. Estamos decididos ?

— Estamos: é a vontade de meu pai.

— E a tua ?

— Tambem... — gaguejou Gaspar.

— Falla claro : se não queres, não queres ! — retorquiu mal assombrado o velho — Teremos nós ainda o demonio tentador a perseguir-te ?

— Não, senhor. O pai está anojado sem razão. Eu que disse para tanta ira ?

— Pensei que.... Vamos lá... Desculpa esta rabugice... É o medo de te vêr infeliz que me faz injusto ás vezes... Gostas de tua prima, rapaz ?

— Gosto muitissimo.

— Assim é que se responde.

— Queres casar logo que chegue a dispensa ?

— Quando o pai quizer.

— Acabou-se. Amanhã vai passar o dia a Villa-verde; vai dar saude á tua noiva.

Gaspar passou o dia em Villa-verde, e achou a prima a lêr o *Clarimundo* de João de Barros, depois de ter lido o *Palmeirim* do Moraes. A menina, para enfrear o tedio que lhe faziam estas leituras intumecentes, lembrava-se que o primo lhe inculcara os livros. Em verdade, estava ella mais desfeita do rosto e pisada das olheiras. Gaspar, como artista, achou-a quasi galante; mas, como amante de Joaquina Eduarda, pareceu-lhe a prima pouco menos de detestavel. A desgraça punha-lhe as mãos nos olhos ao mal-fadado môço! Paulina era engraçadinha, afóra tres vinculos, e um doce coração.

Passou o dia a ler com ella o *Clarimundo*. Gaspar declamou este relanço de capitulo:... «E chegan-«do (Clarimundo) a Clarinda, foi tamanha a turvação «n'ella, que lhe cahiram as luvas das mãos. Clari-«mundo ainda que não menos a tinha, abaixou-se «por ellas, e quando lh'as deu fizeram tão grandes «mudanças nos rostos, que qualquer que n'isso olha-«ra conhecêra suas vontades. E porque o tempo não «consentia mais, passou por ella, e foram fallar a «Lindarifa.... »

— Eu gostava de me chamar Lindarifa—interrompeu Paulina.

Gaspar sorriu-se, e continuou:

«...Foram fallar a Lindarifa, e traz elles Fen-

«dibal, que sentiu n'aquelle momento uma novidade «na alma...»

— Gosto d'esse dito: *uma novidade na alma* — atalhou a menina e ajuntou: — Tambem eu senti.... — e susteve-se.

Gaspar encarou-a com tristeza de bom coração, e proseguiu:

«Nem Lindarifa sentiu menos esta primeira vis-«ta, pelo que Deus tinha ordenado ou se fez; porque «o falso amor mais se esmera em vontades livres e «soberbas contra elle, que n'aquellas que lhe são su-«jeitas; de maneira, que nos faz esquecer honra, pa-«rentes, fazenda, e a nossa propria natureza por se-«guir a quem nunca conhecemos, sem a lembrança «d'estas cousas terem tanta força que possa resistir «a esta que nos força.»

— Que quer dizer isso, primo Gaspar? — perguntou Paulina.

— A tua innocencia não póde intender estas phrases, prima... Quer dizer que ha paixões que arrastam á desgraça.

— Isso sei eu.

— Sabes?

— Ainda ha mezes me contou a mãe que uma prima d'ella fugiu com um capitão, e depois acabou muito pobre a pedir por Lisboa.

— E tua mãe não lhe valeu á prima?

— Acho que não.

— Então fôra melhor que te não contasse a historia da sua prima...

— Porque?!

— Porque te ensinou que havia n'este mundo o mal, sem te ensinar que havia tambem a virtude da caridade.

— Pareces o tio fr. João a prégar, primo! — disse a menina cascalhando alegres impulsos de riso.

Gaspar concebeu fundo menospreço do intendimento de Paulina, e fechou o livro.

D'ahi a pouco jantaram; passearam depois; e, ao intardecer, o môço despediu-se a trasbordar de aborrecimento.

Perguntou-lhe o pai mil cousas da sua noiva. Gaspar disse que vinha incantado d'ella.

O velho esfregava as mãos, e exclamava:

— Não t'o dizia eu!... Aquella menina é a tua felicidade em todos os sentidos! Tomaramos nós cá a dispensa!...

Passados alguns dias, Gaspar, depois de ter dito que estava morto por se vêr casado com sua prima, fallou assim ao velho:

— Meu pai, é tempo de descobrir-lhe um segredo, que por indiscreto pejo tenho calado.

— Que é?

— Nos meus dois ultimos annos de Coimbra confesso que procedi com pouquissimo juiso. Arrastado pelo máo exemplo de estudantes ricos e libertinos, gastei mais dinheiro do que meu pai me dava.

Contrahi dividas, e a honra exige que eu as pague, porque é já tempo, e a vergonha incommoda-me.

— Ora eu te digo: — atalhou o pai — quando estavas na quinta, vieram aqui ter duas cartas para ti. Como eu andava desconfiado, suspeitei que fossem de certa pessoa, e abri-as. Uma era d'um alquilador que te pedia trinta e quatro mil réis, e outra d'um estalajadeiro, com a conta de oitenta mil e seis centos réis. Estas contas mandei pagar sem nada te dizer. Se não deves mais, podes dormir socegado.

— Devo muito mais — disse o môço com os olhos baixos — Devo a pessoas briosas que não me pedem o dinheiro; e por isso mesmo mais me obrigam e confundem. Devo, pouco mais ou menos, mil e duzentos cruzados a estudantes de principaes familias do reino.

— É muito dinheiro! — gastaste dessipadoramente, rapaz! — Paciencia... pagarei essas contas. Diz a quem é que deves.

— Devo a D. Francisco de Portugal da casa de Vimioso e Valença, e a D. Pedro de Mascarenhas, filho do marquez de Fronteira.

— Mandarei pagar.

— Se o pai me quer fazer a vontade d'um desejo nobre, permitta que seja eu o portador das dividas.

— Pois hasde ir a Coimbra?!

— Que tem isso? Vou despedir-me para sem-

pre dos logares saudosos da mocidade, e abraçar os dois amigos a quem devo a fineza de nunca me pedirem o seu dinheiro.

— Então, quando queres ir?

— Em outubro na abertura das aulas.

— E demoras-te?

— Seis dias de jornada, e dois em Coimbra, oito dias.

— Está bom. Irás.

No dia seguinte, Gaspar de Vasconcellos foi a Tibaens, e disse ao tio fr. João:

— Meu tio, venho pedir-lhe um importante favor.

— Que queres? Pede lá, rapaz; mas olha se podes primeiro comer alguma cousa... Queres lombo de vacca? ou arroz de pato?

— Não, senhor, já jantei.

— Então saibamos o que queres.

— Primeiramente pedir-lhe segredo sobre o que vou dizer-lhe.

— Se o segredo não fizer implicancia com a honra... — estipulou o frade.

— Não faz.

— Se m'o asseveras, prometto segredo.

— Eu devo bastante dinheiro em Coimbra. Desbaratei em dois annos, afora as mezadas, dois mil e quatro centos cruzados.

— Ui! — clamou fr. João — Ó homem! em que afundiste dois mil e quatrocentos cruzados?!

— Joguei.

— Ó burro! pois tu jogas?!

— Não jogo: joguei. Individei-me, e quero pagar dentro de quinze dias. Tive vergonha de dizer a meu pai quanto devia, e pedi-lhe mil e duzentos; e venho pedir ao tio outros mil e duzentos cruzados, com a condição de pagar-lh'os depois do meu casamento.

— O pouco que eu tenho, rapaz, teu é ou será — disse o magnanimo benedictino — Esse dinheiro conta com elle.

— E com o segredo...

— Isso está tractado. Quando vos casaes?

— Espera-se a despensa. Eu vou a Coimbra pagar as dividas, e, na volta, naturalmente, casamos.

— Ah! tu vais a Coimbra?... Eu quero dar uma prenda á tua noiva. Hasde comprar-me no Porto algum objecto d'ouro: póde ser uma gargantilha com uma cruz de diamantes, coisa de valor de cincoenta mil reis, pouco mais ou menos.

Assentaram n'isto.

Gaspar disse ao pai que o tio João lhe encommendára do Porto uma gargantilha para a prima Paulina.

— N'esse caso, disse o velho, tambem quero que compres um annel com um bom brilhante com que a brindes, obra ahi de duzentos mil reis.

Sommou Gaspar de Vasconcellos as quantias que

tinha a liquidar, no acto da partida, e prefez a de reis 1:180$000.

Feita a operação arithmetica, foi escrever mais um periodo na carta a Joaquina Eduarda.

Resava assim:

«Os recursos, com que havemos de passar um «anno, já eu tenho certos. N'este anno, dará o mun«do muitas voltas, e uma d'ellas será o reconciliar«se o pai comnosco, e abrir-nos a casa e os braços. «Agora o que eu espero para marcar o dia da par«tida, é que tu, minha querida esposa, me esclare«ças sobre a hora, e mais circumstancias da tua fu«ga. A mim o mais acertado parece-me que é irem «os cavallos do Porto para Barcellos, e aproxima«rem-se de noite á reitoria para tu não andares mui«to tempo por máos caminhos.

«N'esta ultima carta, que me escreveste, noto «na tua linguagem certa melancolia. Fallas-me de «teu irmão com saudade, e de não sei que presen«timentos amargos! Vê tu que differença de ti para «mim, ingrata! Eu de mim não penso em pai, nem «em futuro. Vejo-te sómente, formosa luz de minha «vida; e á tua luz todas as desgraças possiveis me «parecem delicias........»

XIV

Tractadas as combinações da fuga, e avisinhado o dia almejado de longe, e formidavel ao perto, Gaspar não podia explicar-se o quer que era de susto, amargura e desalento que lhe esfriava a resolução. Encarava nas cans do pai, e escondia o assomo das lagrimas; olhava para dentro de si, e via-se deforme e sujo na consciencia e na honra. Mas a este titubar dos espiritos acudia o coração, lampejava a imagem de Joaquina Eduarda, e logo os olhos se enxugavam, a consciencia retrahia-se, e a honra escurentava-se desluzida pelos incendios do amor.

Ao mesmo tempo, a irman de Sebastião Godim, cada vez mais estremecida d'elle, e captiva da magnanima alma com que o seu bemfeitor fingia ter-se esquecido das leviandades d'ella, olhava-o com tão

piedoso e quebrado lume d'olhos, que o padre, por vezes, lhe perguntou :

— Que tristeza revela a tua vista! Que tens tu, irman ?

— Vontade de morrer ! — disse ella, depois de muito instada.

— Por Deus ! — clamou consternado o irmão — que ha de novo na tua vida!? Ainda, pouco ha, tão contente, e folgada por esses campos, e já agora desejosa da morte!.. Bem não queria eu que deixasses de conviver com as familias de Barcellos !.. Não podes com esta solidão, Joaquina. Eu bem no sei. Queres outra sociedade, outras commoções...

— Não, meu irmão, não quero.

— Pois então confessa-te ao teu amigo. Que tens?

— Um desgosto inexplicavel... uma enchente de lagrimas no peito... Preciso chorar...Deixa-me chorar, e não faças caso d'isto.

E chorava a sós, em quanto o anjo da desgraça lhe não passava pelos olhos a mão refrigerante, e não afogava no seu tremedal o anjo bom que lhe feria a ella o peito com o toque espertador de suas azas. Depois, era o desapertar-se o peito em doçuras de amante e de esposa, em esperanças de longa vida, com os honestos contentamentos da felicidade conjugal. Mas então que intervallos negros são estes em almas que tanto se entre-amam e uma n'outra se absorvem ?! Já o poeta Andrade Caminha perguntava :

Maravilhas do amor quem as intende?
Os segredos do amor quem os alcança?

posto que, no caso sujeito, os segredos são mais da Providencia que do amor.

Gaspar de Vasconcellos recebeu as verbas que prefaziam a quantia de tres mil e tantos cruzados. O velho madrugou para despedir-se do filho. O filho refez-se de animo para não delatar sua commoção ao despedir-se do pai.

— Oito dias, ouviste? Nem mais um! — disse Pedro de Vasconcellos.

— Oito dias... — confirmou o filho.

A fatalidade sorriu-se.

Chegado ao Porto, Gaspar impontou para Braga o moxilla com as bestas, expediente louvavel para não fatigar os cavallos que seu pai estimava. Depois com outros cavallos, foi amanhecer a uma aldeola de poucos fogos, chamada Fameleão, nome d'um tamanqueiro, que muitos annos antes edificara alli o primeiro cardenho de uma florente terra, que hoje se chama Villa-Nova de Famalicão. Aqui se agasalhou Gaspar, até ao escurecer, na pousada dos almocreves; e por volta de meia noite, chegou a Barcellos. Deu folga e comer aos cavallos por espaço d'hora. Em seguida, metteu por caminhos descalçados e barrocaes até ganhar o alto da serra d'Ayró. Desceu ao valle, e parou á entrada d'uma aldeia,

onde se lhe deparou o conhecido mendigo, sentado nos degraus d'um cruzeiro.

Apeou Gaspar, deu as redeas ao arrieiro, mandou que o esperasse, e desceu com o guia por um estreito quinchoso, que terminava no terreiro d'uma casinha, cuja porta se abriu, assim que os passos se aproximaram. Gaspar entrou á casa d'uma tecedeira, que lhe offereceu um banco para sentar-se, e disse :

— Agora vou eu a mais o meu homem buscar a menina, que está á espera. Isto é para bom fim, não é, fidalgo?

— Decerto é — respondeu Gaspar.

— Não que, se não fosse, eu não me mettia n'isto, que o snr. reitor punha-me nas galés a mais o meu homem. Eu sou a tecedeira do snr. reitor, e a menina, ha dias, pediu-me para eu a ir buscar quando o fidalgo cá viesse ter, e ella cá mandasse este homem dizer-m'o.

— Já sei isso, já sei — atalhou Gaspar — Vão buscar a senhora, que são horas, e o caminho é muito máo para virem depressa.

— Não que a gente não vem pela estrada. Atravessamos umas veigas que vão dar ao passal do snr. reitor, e a menina salta pela janella da cozinha.

Sahiram. Gaspar, gratificando generosamente o mendigo, disse-lhe :

— Quando souberes que eu voltei a Braga, apparece-me que não tornas a pedir esmola. Irás feitorisar uma das minhas quintas com um bom salario.

O pobre beijou-lhe as mãos, e foi á sua vida, contente de haver conspicuamente desempenhado até á ultima a sua missão entre dois amantes d'aquella natureza.

Ficou sósinho o môço encostado ao tear da tecedeira, com os olhos fitos na lua que resplendia com a diurna claridade das noites de outubro. Lembrou-lhe o pai, e confrangeu-se-lhe alma. Viu-o, áquella hora, dormindo os placidos somnos do homem bom, senão era que algum sonho acerbo, por amor do filho, o agitava.

Mas Joaquina Eduarda!... Que é a imagem de um pai dormindo comparada á realidade d'uma formosa mulher amada e apaixonada?

Joaquina Eduarda!...Aquella mulher linda, singularmente linda do theatro italiano!

Aquella que todos amavam no baile do Governador das justiças!..

Aquella que transportava as almas nos seus cantares! Aquelles altos espiritos da secular de Santa Clara, que o humilhavam a elle, menos eloquente, menos gracioso que elle!

Defrontem uma mulher assim com a imagem d'um pai que dorme, e diga a arte e diga a natureza quem levará a melhor sobre o coração d'um rapaz de vinte annos!

Volvida meia hora, ás duas e tres quartos da manhã, ouviu Gaspar um fremir de folhagem sêcca. Parece que já a viração lhe chegava tepida e balsa-

*

mica do respirar da offegante fugitiva. Desceu o môço ao terreiro da casa, e viu nas sombras das arvores proximas um perpassar de visão beatifica, e logo ouviu, n'um como suspirar de brisa entre murthas, o seu nome.

Correu com os braços abertos, e apertou Joaquina Eduarda quasi esvahida no deliquio da ventura, que reduz a alma a pouco menos de anniquilada. Sentou-se no combro do terreiro, com ella sobre os joelhos, e pediu uma gotta d'agua á tecedeira. Joaquina, reclinando o pescoço, voltou o rosto á lua, que a beijou com o mais claro dos seus raios.

— Oh ! que formosa ! que divina ! — entre si pensou Gaspar, quasi subjugado pelo instincto exquisito dos beiços no inexcedivel prazer do osculo, do primeiro osculo, quero eu dizer, na face virgem d'elles, ou muito beijada dos cherubins e mais potestades invisiveis.

Foi quebranto de momentos o esvahimento de Joaquina Eduarda.

— Partamos ? — disse elle.

— Sim, e já! Eu tenho tanto medo á nossa má estrella !. . vamos depressa ! — instou ella.

Gratificada fidalgamente a tecedeira... (porque não, se as peças lhe pejavam todas as algibeiras ao fidalgo?!), levou elle a amada quasi em braços, e sentou-a nas andilhas do possante cavallo. O arrieiro bracejando rompeu á frente, e Gaspar seguia Joaquina, que os caminhos vedavam-lhe ir de par com ella.

Rompeu-lhes a aurora na Izabellinha. D'ahi entraram por atalhos escusos cobertos de pinhaes, até cortarem á estrada de Villa do Conde, evitando assim encontro de pessoas conhecidas na estrada real de Braga. Já por noite chegaram ao Porto, e recolheram-se cautelosamente a uma estalagem de Villa-Nova de Gaya.

XV

Sahiu do leito Sebastião Godim, consoante custumava, ao aclarar da alva, para rezar matinas e laudes. Feita a oração, disse á creada que mandasse tocar á missa. A creada resmungou o quer que fosse. O reitor perguntou:

— Que diz vossê, mulher?

— Estou cá a scismar com a janella da cozinha...

— Que tem a janella da cozinha?

— Achei-a aberta.

— É que vossê a não fechou.

— Isso fechei eu... Assim se fechem as bocas dos nossos inimigos.

— Seria o vento que a abriu — tornou o padre.

— Vento!.. não lhe vejo geito!..

— Fosse o que fosse; falta alguma coisa?

— Que eu saiba, não, snr. reverendo reitor.

— Então deixe lá isso, e mande tocar á missa.

O padre agasalhou-se no capote de portinholas, e foi indo para a egreja, onde tal qual vez o esperavam as confessadas.

De feito, deteve-se até ás oito, confessando. Estava a revestir-se para ir ao altar, quando a creada rompeu pela egreja acima, e de azoada que ia nem se lembrou de ajoelhar e benzer-se diante do altar mór. Caso estranho que levantou borborinho na egreja.

Entrou livida na sacristia a antiga serva e afilhada de Fernão Cazado Godim, exclamando:

— A menina fugiu!

— O quê? — disse o padre, deixando cahir a casula das mãos.

— Está o quarto aberto, e um papel escripto em cima do bofete.

— Deus me valha! — murmurou surdamente o padre; e, voltado ao sacristão, disse:

— Vá vmc. avisar o povo que eu, por motivos urgentes, não posso hoje celebrar missa.

Despiu-se, e sahiu pela porta da sacristia, com os dedos das mãos inclavinhados sobre o seio.

— E foi pela janella da cosinha que fugiu... — dizia a creada, seguindo-o, com as mãos postas na cabeça, e dando ais profundos.

Sebastião entrou no quarto da irman, e foi direito ao bofete. Leu o seguinte:

«Perdôa á tua desgraçada irmansinha, que não «pôde vencer-se. Escrevo-te cega de lagrimas. N'es-«te momento só a morte podia salvar-me d'um cri-«me. Só assim poderia expirar nos teus braços, e no «leito de nossa mãe. Perdôa-me, Sebastião, que eu «amava muito, amava sem refrigerio o homem que «padeceu muito por mim, e me fez padecer quanto «póde uma grande paixão contrariada por todos. «Não me consideres perdida, meu irmão. Espero «ainda entrar aqui, bem quista do mundo, e de ti, «com meu marido que tu hasde amar como a irmão. «Outra vez te peço perdão, em nome de Deus e da «minha fragilidade. *Joaquina*.»

— Perdida ! prostituida ! — exclamou elle — A minha irman prostituida ! Oh ! que infame homem aquelle que pôde desgraçar aquella creatura ! — E voltando-se hirto e desfigurado á creada, gritou:

— Mande apparelhar a egua, em quanto me visto.

D'ahi a minutos galopava a esporeada egua no caminho de Braga. Sebastião apeou á porta de Pedro de Vasconcellos. Subiu, sem se annunciar; entrou n'uma sala e n'outra, desvairado, olhando aos lados, até que Pedro inadvertidamente se encontrou de frente com elle.

— O snr. padre Sebastião... — tartamudou o velho.

— Que é de seu filho? — perguntou o padre.

— Meu filho foi antes de hontem para Coimbra.

— Seu filho raptou-me esta noite minha irman.

— Quê !.. — bradou n'um rouquejar inexprimivel o fidalgo — raptou...

— Onde está seu infame filho, snr. Pedro de Vasconcellos? — repetiu Sebastião, com os braços erguidos em convulsões.

— Já lhe disse... que heide eu dizer-lhe?.. Mentiu-me o ladrão!.. matou-me o amaldiçoado !..

E, bradando, atirou-se sobre uma cadeira, quasi desfallecido.

Sebastião levou as mãos ao rosto, e murmurou:

— Pobre velho!.. mas eu sou mais desgraçado!.. A deshonrada é minha irman, o deshonrado sou eu!.. são os ossos de meu pai!..

E, debruçado sobre Pedro de Vasconcellos, que abafava em soluços, tomou-lhe as mãos, e entre si dizia:

— Meu pai não conheceu a angustia d'esta hora!.. Graças, meu Deus, por m'o terdes levado d'este mundo, antes de vêr uma filha perdida!

Pedro ergueu-se amparado pelo padre, e disse com tardas vozes:

— Como sabe que o maldito raptou sua irman?

— Ella o declara — respondeu Sebastião, mostrando a carta.

Pediu o velho ao padre que lesse a carta; e, depois de ouvil-a, disse:

— Vou dar providencias.

— Quaes, snr. Vasconcellos?

— As do meu dever. Heide pensal-as...

— As do christão dever sei eu que não carece V. S.ª de pensal-as — disse o reitor.

— Quaes são?

— Não lhes impedir o casamento... Perdoar a seu filho, salvar minha irman, e eu, se V. S.ª os despresar, os receberei casados em minha casa, e dar-lhes-hei duas partes da minha subsistencia.

— Pois dê... — exclamou o velho — que eu não tenho filho. Que me importa que elles casem?! Como quizerem...—Reflectiu instantes, e disse com malicioso sorriso:—Então o snr. padre Sebastião sabe onde elles param, para lhes levar o aviso de que podem casar? Isto cheira-me a tramoia!

Ergueu-se de golpe o filho de Fernão Cazado, e disse:

— Está explicada a infamia de seu filho! Explicou-a o Evangelho de Jesus: *é o fructo da arvore infame.*

Disse, e sahiu sem voltar rosto ás bravas e impotentes contorsões do fidalgo esmagado por duas enormes angustias a um tempo.

Deteve-se Sebastião em Braga algumas horas, colhendo vans informações do local onde Gaspar podesse estar escondido. Esfriado e mais ardente da allucinação, reconheceu o padre que o raptor não vinha aproximar-se das primeiras iras do pai. Desapertou a alma á custa de tirar muito pelas lagrimas, e foi caminho da sua reitoria. Á hora em que elle

vertia novos prantos diante do leito de sua mãe, e de sua irman, dormia ella o seu matinal e primeiro somno na estalagem de Gaya.

E contava Joaquina Eduarda, dois annos depois que vira, em sonhos, o irmão ajoelhado diante do leito de sua mãe, pedindo á virtuosa alma, que á mão do Senhor voára d'aquelle leito, que levasse para si a filha.

XVI

Gaspar de Vasconcellos e Joaquina Eduarda não se afadigavam nas jornadas: dir-se-hia que passeavam aprasivelmente no paiz, posto que as carrancas do inverno mal quadrassem a excursões bucolicas de amantes ditosos.

Ao fim de tres dias chegaram a Coimbra.

Gaspar apresentou-se ao bispo, beijou-lhe reverentemente o annel, e disse-lhe :

— Venho ajoelhar perante V. Ex.ª reverendissima, supplicando o sacramento do matrimonio para mim e uma senhora que me acompanha fugitiva de sua familia.

— Não sois aquelle estudante que dansava o minuete da côrte?—perguntou o bispo.

— Sim, senhor.

— Oh ! —exclamou o prelado — é impossivel o que pedis!

— Impossivel ?!

— Sim: já recebi avisos do arcebispo de Braga; já todos os bispos devem de estar prevenidos. E o mais é que o corregedor do crime d'esta comarca já tem ordem do regedor das justiças para a captura de Gaspar de Vasconcellos. Ausente-se de Coimbra, sem demora.

Gaspar descórou. Lembrou-lhe Joaquina no lance da captura, e saltaram-lhe as lagrimas. Condoeu-se o bispo-conde, e disse-lhe:

— Não vades pela estrada real... Que destino levais? para onde ides?

— Nem eu sei, senhor!..

— A melhor e mais segura terra é Lisboa: póde ser que lá encontreis no patriarcha o beneficio que eu vos não posso fazer; e talvez que os avisos não chegassem ainda ao cardeal. Apresai-vos na retirada d'aqui, e sede feliz, que eu duvido que posso sêl-o um filho desobediente.

Voltou temeroso á hospedaria o môço, e relatou em ancias o acontecido a Joaquina Eduarda. Enfardelaram de afogadilho as malas, e sahiram. Duas horas depois o meirinho do corregedor fazia busca na estalagem; e, voltando a avisar o magistrado, recebeu ordem de os perseguir no territorio da comarca.

Os fugitivos, obedientes ao conselho do bispo, sahiram da estrada guiados por conductor liberal-

mente pago até aos arrabaldes de Leiria. D'ahi, fiados em novo guia, venceram os pontos perigosos; e, com quatro dias de jornada, chegaram a Lisboa.

Gaspar de Vasconcellos contava com a protecção de alguns condiscipulos, filhos de valiosos fidalgos de Lisboa. Procurou um dos mais affectos á familia Pombal, e solicitou a licença para o casamento. O patriarcha, já prevenido pelo arcebispo bracharense D. Gaspar de Bragança, denegou a licença e invectivou os protectores do máo filho, que deixára o pai em trances de morte. Verdadeiramente se infere d'esta rede tão depressa urdida, qual era o valimento de Pedro de Vasconcellos com a egreja e com a magistratura, e não menos se delatam as abrasadas entranhas com que perseguia o filho.

Aconselharam-n'o os amigos a que sahisse de Lisboa, antes que o chanceller houvesse denuncia de sua chegada. Gaspar, judiciosamente receoso da captura, e instado por Joaquina Eduarda,—que mais queria o socego sem as bençãos nupciaes, que a perspectiva da cadeia ainda mesmo no goso do sacramento—deliberou entrar em Espanha, e repousar-se emfim de sustos, que lhe agorentavam as delicias do coração.

A cidade mais convisinha, mais propria a devaneios amorosos, e mais poetica residencia de amantes, sorriu ao môço e o chamou a si : era Sevilha. Foram, pois, alegres e descuidados de corregedores e meirinhos, com um passa-porte, inventado em Lis-

boa, no qual os viandantes se chamavam Carlos e Carolina, naturaes de Lisboa, casados, e mercadores.

Mobilaram modestamente uma casa nos arrabaldes, accenderam o fogão, e alli passaram o restante inverno, muito sós, muito queridos, muito estranhos ás coisas da patria e aos desgostos dos seus. Leram *D. Quixote*, e o *Grão Tacanho*, e *Lazarilho de Tormes*, e *Gusmão d'Alfarache*, e o *Diabo coixo*. Riram muito nas noites de dezembro e janeiro com a chavena de chocolate ao lado, e a lenha a crepitar no fogão. Quando a leitura os infastiava, abria-se o piano, ou dedilhava na guitarra o môço, que em Coimbra gosára a primasia de a fazer fallar e chorar. Joaquina ou cantava as modinhas portuguezas, ou as seguidilhas espanholas com aquella voz dulcissima que transportava o senhor de sua alma. Ás vezes, tocava ella o minuete, e Gaspar executava o passo, como no baile do regedor das justiças ; e Joaquina Eduarda perdia-se na musica, de enlevada na agilidade graciosa dos saltos.

Ora, se a felicidade não era aquelle viver, se aquellas delicias não eram o prazer novo que o sybarita não chegou a descobrir, então não sei eu que haja gosar n'este mundo !..

Espertaram as aves, degelaram-se os gomos das arvores, tapisaram-se os prados de boninas, o Guadalquivir espelhou-se para retratar as formosas sevilhanas. Sahiram os amantes do seu esconderijo, e andaram pela cidade a vêr os quadros notaveis, os pa-

lacios, os jardins, os monumentos, as decorações magestaticas da velha Hispalis.

Em alguma d'essas paragens encontraram uma familia portugueza da Beira, de appellido de Cunhas, Tavoras e Noronhas, aparentada com Tavoras, e fugitiva de Portugal, desde 1758, epoca do supplicio dos duques d'Aveiro, Tavoras, e Atouguias.

Facilmente se relacionaram. Francisco da Cunha Noronha e Tavora tinha senhora e filhas. Vivia com medianas posses, hauridas de alguns parcos bens que sua mulher tinha em Castella. Os grandes haveres d'elle no reino tinham sido confiscados, bem que o fidalgo viziense fosse de todo estranho á tentativa de regicidio contra D. José 1.º

Na hypothese de que os seus patricios eram o que elles diziam ser — filhos de mercadores de Lisboa, que viajavam recreativamente—hesitaram, por algum tempo, os Cunhas em se relacionarem com intimidade de visitas; porém, a precipitação de Gaspar denunciou a fidalguia de sua origem, quando, n'uma pratica sobre a restauração de 1640, e da parcialidade do clero a favor dos interesses de Castella, disse elle que odiava seu tio-avô D. Francisco Pereira Pinto, bispo do Porto, por não querer exercer o bispado com a nomeação, que já tinha do usurpador Filippe, confirmada pelo legitimo rei. Francisco da Cunha pediu explicação d'este parentesco; e o môço, que já se não temia da perseguição, e algum tanto se desvanecia com ser considerado nobre, relatou

particularmente ao fidalgo beirão a sua epanáphora amorosa.

Vem a ponto a nossa admiração sincera: Cunha Noronha e Tavora hesitava em receber na sua sala o filho do mercador casado com a filha d'outro mercador; e facilitou a sua casa e intimidade de suas filhas ao descendente do bispo, sem embargo da sua deshonesta convivencia com uma senhora raptada! Incongruencias das raças illustres, posto que Francisco da Cunha era bom homem, e sua familia uma santa gente, meninas bem ageitadas e virtuosas, que não sabiam ler nem escrever nem contar.

Mas não eram insensiveis ás delicias do canto. Abraçavam-se em Joaquina Eduarda a beijal-a, quando ella cantava as seguidilhas, mormente umas, cuja lettra aprendera na *Gitanilla* de Miguel Cervantes Saavedra, romancinho d'onde póde ser que Victor Hugo haja talhado a sua Esmeralda da *Notre Dame de Paris*.

A musica sahira do engenhoso talento de Joaquina Eduarda como enxame de borboletas d'entre perfumadas moitas de flores. A lettra dizia assim:

Gitanica, que de hermosa
Te pueden dar parabienes,
Por lo que de piedre tienes
Te llama el mundo Preciosa.

Desta verdad me asegura
Esto, como en ti verás.
Que no se apartan jamás
La esquiveza, y la hermosura.

Entre pobres, y aduares
Como nació tal belleza?
O como crió tal pieza
El humilde Mançanares?

Dizes la buena ventura
Y dasla mala continio,
Que no ván por un camino
Tu intention, y tu hermozura!

De cien mil modos hechizas,
Hables, calles, cantes, mires,
O' te acerques, ó retires,
El fuego de amor atizas.

N'esta ultima copla cantada com feiticeira galanteria, Gaspar tinha inveja dos beijos com que as meninas Cunhas pediam a Joaquina a repetição. E o pai das meninas, batendo as palmas, exclamava:

— Viva a sereia! Viva a sereia!

XVII

Francisco da Cunha instava Gaspar a escrever ao pai.

Não sabia o môço de que expressões podesse engenhar uma carta para seu pai. O coração contente do goso que fruia, negava-lhe incentivos para sinceramente confessar-se reo de culpas que tão doces lhe eram. A gaveta do contador ainda tinha ouro, que Joaquina administrava com discreta economia.

— Mas o futuro, snr. Gaspar?—observava-lhe o Cunha. — Que hade o meu amigo fazer, quando se lhe exhaurirem os recursos que trouxe ? Espera que seu pai o venha procurar?

— Nem elle sabe onde eu estou.

— E, se souber, crê que elle solicite a reconciliação ?

— De modo nenhum.

— Então espera que seu pai falleça n'estes proximos mezes?

— E, se fallecesse, deixar-me-ia excluido da herança.

— Pois ahi tem! Pense no seu futuro com esta senhora. O amigo escreva ao pai, e ella ao irmão. Cuidem em obter licença para se rehabilitarem diante de Deus e da sociedade, e muito principalmente para terem a subsistencia certa, e defendida de contingencias desagradaveis.

Joaquina Eduarda escreveu ao irmão poucas palavras em que revelava certo bem-estar na posição que escolhera. Dizia ella: «..... Não te peço piedade «que não ha para que a mereça; qualquer que seja «meu destino, jámais a pedirei; porque, se fiz mal, «justo é que me aguente com os effeitos. O que te «peço é perdão das maguas que te causei, meu bom «mano. E este perdão, peço-t'o em quanto sou feliz. «Se alguma imprevista calamidade me esmagar, não «pedirei nem sequer perdão...»

Gaspar escreveu longa carta, friamente pensada, com todos os logares patheticos d'uma engenhosa rethorica. Raro romancista lhe ganharia em frieza de animo na redacção da sua commovente narrativa.

Partiram as cartas.

Pedro de Vasconcellos, quando lhe entregaram a volumosa missiva, carimbada em Sevilha, e reco-

nheceu a lettra do filho, mal podia sustêl-a nas mãos convulsas. Resolveu queimal-a fechada. Vacillou ao pé da fogueira, e apertou-a com phrenesi, como se dentro d'aquelle maciço de papel viesse o pescoço do filho.

Abriu-a, depois de esconder-se ás attenções do capellão e dos criados.

Leu, sem laivos de commoção. Apertou-a entre os dedos para espedaçal-a; mas susteve-o a idêa de mostral-a ao mano fr. João.

Veio fr. João de Tibães, chamado com urgencia.

Leu a carta em tom declamativo, releu fragmentos, que lhe tocavam, todos encomiasticos, bufou como quem suspira, e disse:

— Não sei o que te heide dizer, mano Pedro. Tu és pai: faz o que quizeres e entenderes. Eu cá, como tio offendido, e christão caritativo, perdôo-lhe...

— Elle a ti que mal te fez? — atalhou Pedro, irritado.

— A mim... a falar verdade... nenhum. Elle é que diz que eu fui para elle sempre bom.

Cumpre saber que o honrado frade cumpriu a promessa de não revelar que emprestara mil e duzentos cruzados ao sobrinho. Pedro ignorava esta ribaldaria do filho.

— Eu, cá de mim, — bradou o fidalgo — não lhe respondo. Diz-lhe tu, se quizeres, que eu morri para elle.

— Isso é superfluo. Se lhe não respondes, en-

tendido está que morreste para elle, mano Pedro. Escuso eu de lhe dar parte.

— Então que quer esse villanaz ? — perguntou Pedro ao frade, como se os essenciaes relanços da carta carecessem de clareza.

— Quer licença para casar, e perdão de não casar á tua vontade.

— E pede-me licença o bigorrilhas ? Sabe que eu não quero, e intenta obrigar-me a querer ?.. Esta é de cabo de esquadra, mano João !

— Pedro ! — redarguiu o benedictino — Mui bem sabes que eu fui a Coimbra buscar o rapaz, que eu fui leval-o á quinta de S. João de Rey, e finalmente não perdi lanço de lhe prégar a conveniencia de casar com a nossa sobrinha Paulina. É isto verdade ou não?

— É : quem t'o nega ?

— Ora bem : Eu, no meu modo de vêr as coisas á luz da philosophia christan, intendo que o dominio dos pais sobre os filhos não póde estender-se até ao coração, salvo quando a paixão sôlta e desinfreada os leva a praticar actos e allianças deshonrosas para seus pais. Contrariar um rapaz em materia de casamento com fulana para o casar com cicrana, é o mesmo que prival-o de ser bom marido da primeira, e obrigal-o a ser máo marido da segunda. A rapariga, com quem teu filho quer casar, segundo tu mesmo me disseste, é filha d'um antigo fidalgo de Vianna do Minho. Como alliança de sangue, vis-

to está que não suja o teu; como alliança de haveres, questão é essa mui outra, que não tem que vêr com a moralidade do acto... Não te estejas a attrigar, mano Pedro, que eu vou concluir. O teu e meu bom pai, que Deus haja na sua presença, exercitou em mim o absoluto imperio que tu quizeste exercitar sobre a sensibilidade affectiva de teu filho. Assás lembrado deves estar que eu amei com singular affecto uma môça de mediana extracção. O pai, quando me conheceu inclinado n'aquelle rumo, chamou-me a contas, e disse-me: «casar com a prima Genoveva, e já, ou entrar no convento de Tibaens, e já!» — Pois seja para o convento de Tibaens, e já—respondi eu. Qual foi o resultado, mano Pedro? Fizeram-me um pessimo frade; a consciencia m'o diz; podendo ter eu sido um excellente marido, se me deixassem casar com a mulher da minha selecção.

— Historias! — exclamou Pedro de Vasconcellos — Se casasses com a filha do chapeleiro, a esta hora que serias tu? O pai dos netos do chapeleiro, um valdevinos sem respeito nem dinheiro. Assim és sempre o filho de Simão de Vasconcellos, e vestes o habito que os filhos segundos da casa de teus avós vestiram sempre, excepto os que morreram armados na Africa e India, que foram muitos. Se não foste bom frade, se não és dom abbade de Tibaens, como foram teus tios, é porque não tens querido fazer as asneiras com cautéla e manha como os outros. Em fim mano João, eu não me estou a affligir á conta

d'este amaldiçoado rapaz. Não quero saber d'elle. Paulina é a minha herdeira. Procuro-lhe marido na roda dos parentes, e heide achar-lh'o digno e excellente. Lá está a pobresinha cheia de paixão: é meu dever remediar o mal que fiz.

— Bem. Não queres mais nada de mim?

— Não.

— Fica-te com Deus, e lembra-te sempre que és pai.

Ao outro dia foi Pedro de Vasconcellos a Tibaens.

— De que bôrdo estás?—perguntou fr. João.

— Pensei toda a noite. As tuas palavras: «lembra-te sempre que és pai» abalaram-me.

— Graças a Deus! E então?

— Escreve ao rapaz; diz-lhe que venha para casa.

— E a mulher?

— A mulher...

— Sim: que hade elle fazer á môça?

— Que a metta n'um convento.

— Os conventos não são recolletas de convertidas, mano Pedro. E quem te diz a ti que ella quer entrar em convento?

— Pois então que vá pôl-a na casa d'onde a levou.

— Valha-te Deus!—exclamou fr. João—Agora vejo que as minhas palavras te abalaram inversamente do que eu desejava! O que teu filho pede é licença para casar.

— Não na dou! já disse! — bradou o fidalgo — E tu, João, pareces-me um homem sem juiso nem probidade!

— Mercês, mano Pedro! —disse seraphicamente o frade. — Pois deixa em paz o homem sem juiso nem probidade.

Pedro de Vasconcellos voltou-lhe as costas, e sahiu.

Sabido é, portanto, que não teve resposta a carta de Gaspar.

Quanto á de Joaquina Eduarda, a historia é mais breve. Sebastião leu as poucas linhas de sua irman, chorou, dobrou a carta, e continuou a resar o officio de Nossa Senhora nos versiculos, que diziam:

Deus noster refugium et virtus: adjutor in tribulationibus, quæ invenerunt nos nimis.

Propterea non timebimus dum turbabitur terra: & transferentur montes in cor maris * ....

....

Finda a resa, escreveu:

«Filha de minha santa mãe e de meu virtuoso «pai! A misericordia do Senhor se amerceie de ti.

Padre Sebastião.»

* O nosso Deus é refugio e esforço: favorecedor nas tribulações, que com excesso nos tem assalteado.

Por isso não temeremos, ainda que seja commovida a terra, e os montes transferidos ao meio do mar.

Psalmo 45. V. 1 e 2.

XVIII

Não se affligiu Gaspar com o já esperado silencio do pai; nem Joaquina Eduarda se commoveu grandemente das breves e compungentes palavras do irmão.

Reinava ainda o ouro e o contentamento.

Joaquina estava sendo uma nova maravilha na cidade que proverbialmente o é. Indeusavam-na homens e mulheres. Queriam-na em suas tertulias as principaes familias para quem o ignorado enlace dos dois prendados e gentis filhos de Portugal era honestissimo. Gaspar esse então, por amor da levesa dos pés no minuete, andava nas palmas. Os calcanhares, tão fataes para Achilles, eram n'elle dous para muitos amores e triumphos, se elle tivesse corações sobrecellentes para regalo das requebradas sevilhanas.

Derivaram alguns mezes, e o ouro ia escasseando, e Francisco da Cunha, a quem os meios faltavam para poder abrigar das privações aquella descuidada gente, redobrou de instancias com o môço para abrandar o pai.

— Já tenho pensado n'isso — disse Gaspar com sincera gravidade—Eu começo agora a vêr a ladeira, e escondo de Joaquina estes pensamentos; mas ella adivinha-os, e principia a entristecer-se. Meu pai não me respondeu. Quem sabe se elle terá morrido? Vou escrever a meu tio fr. João.

Apesar do proposito, Gaspar envergonhava-se de escrever ao tio, por causa d'aquelles mil e duzentos cruzados, que prometteu pagar, quando casasse com a prima Paulina. Aguilhoado, porém, pelos dictames da necessidade ameaçadora, escreveu.

Fr. João de Vasconcellos condoeu-se das, por ventura, encarecidas lastimas do sobrinho. Respondeu, referindo-lhe a pratica e diligencias que fizera com o inflexivel irmão. Acabava por lamentar o seu destino, e chorava-se por não ter mais dinheiro que umas vinte peças, que lhe mandava, promettendo martelar ainda no animo duro do pai.

Gaspar acreditou nas virtudes do tio João, e reforçou a gaveta esvaecida de calor mineral.

Escreveu outra carta ao pai. O benedictino, d'esta vez, não foi consultado. Pedro de Vasconcellos, ouvida a pythonissa da sua chamada honra, escreveu :

«Receberei Gaspar em minha casa; mas solteiro. «Promptifico-me a dar á creatura, que elle tem com-«sigo, uma pensão annual que a sustente n'um re-«colhimento, em quanto a sua familia a não susten-«tar. Ou isto, ou nada. Não respondo a mais carta «nenhuma, contrária ao que levo dito. Braga, 20 de «Janeiro de 1765. *Pedro de Vasconcellos.*»

Gaspar desfez com os dentes esta carta. Joaquina apenas pôde ler a palavra: «recolhimento.» Pediu e implorou explicação d'aquelle termo. Gaspar, muito supplicado, reproduziu o resumo da carta. Joaquina sem leve tregeito de dôr ou espanto, disse:

— Onde teu pai escreveu «recolhimento» deveria pôr «sepultura» — local em que eu lhe seria muito menos dispendiosa.

Acceso em ira, o arrebatado môço replicou ao pai d'este theor: «Gaspar, filho de Maria Pereira, «responde ao seductor de Maria Pereira, que é me-«nos villão que seu pai. Sevilha, 31 de Janeiro de «1765.»

Ao ler estas linhas, Pedro de Vasconcellos sentiu nas fontes as garras da morte, e no seio as do remorso. De feito, Maria Pereira tinha sido seduzida, e a vingança da pobresinha estava alli escripta n'aquelle papel. Pezou-lhe na cabeça a clava de ferro que faz dobrar os joelhos. O velho cahiu para orar; mas o demonio da ira amparou-o na quéda, ergueu-o, e assoprou-lhe á alma incendios de furor.

Corre allucinado de sala em sala; manda cha-

mar o corregedor do crime, e pergunta-lhe se póde fazer prender o filho em Sevilha. O magistrado cita-lhe os tractados negativos, e ministra-lhe boas doutrinas. Exaspera-se o velho, ruge, tarda-lhe a lingua, leza-se-lhe o braço que vai levantar amaldiçoando o filho, e cae abatido pelo primeiro insulto apopletico. É chamada a medicina, e logo a religião, representada pelo benedictino. Cede a enfermidade, aquieta-se o espirito, e volvidos quinze dias, Pedro de Vasconcellos levanta-se convalescente.

Fr. João vira a carta do sobrinho. Escreveu-lhe muito de espaço; a ultima linha dizia: «cada vez te «considero mais perdido, meu desgraçado Gaspar!»

Vão correndo os dias.

Entrou a tristeza as portas da casinha em que, quinze mezes antes, os arrobados amantes cuidavam que se alojara com elles a eterna alegria. Surprehendiam-se n'um olharem-se mutuamente com lagrimas. Abraçavam-se, infundiam-se animo, phantasiavam esperanças vindas de acasos, acasos vindos de Deus, d'um Deus benigno que elles imaginavam amparador de duas pessoas boas e infelizes que se amam.

Já as noitadas por salas os intediavam, e com pretextos fugiam d'ellas.

Francisco da Cunha adivinhava a magua que os nobres peitos calavam. E confrangia-se de compaixão, porque estava pobre, e de Portugal, onde elle solicitava a liberdade dos bens e prova de sua innocencia, não recebia alguma nova que o habilitasse a

dizer áquelles infelizes: «Vinde para minha casa.»

E os dias iam correndo, e as migalhas d'aquelles tres mil e duzentos cruzados já não abonavam a sustentação de um mez.

Gaspar abraçou-se no fidalgo da Beira, e disse-lhe suffocado de soluços :

— Diga-me em que heide ganhar dinheiro?

— Na patria, diria: aqui, não sei. Pergunta é essa que eu tenho feito a mim mesmo, algumas vezes, quando minhas filhas estão remendando a minha roupa branca, e lavando á noite os vestidinhos com que apparecem no dia seguinte.

— Mato-me! — exclamou de golpe Gaspar.

— Miseria! — redarguiu Francisco da Cunha — Seja homem, senhor! Espere... Eu vou escrever a seu pai.

— Não lhe responderá — disse o môço.

— E eu não me offenderei. Nada se perde, e podemos ganhar.

— Eu não aceito a proposta villan de fechar n'um recolhimento Joaquina, quando elle a repita.

— Póde ser que venha outra mais aceitavel. Espere. O snr. Gaspar está em extremo apuro?

— Não, senhor. Ainda não temo a fome alguns mezes. Joaquina já fechou o piano e quer vendel-o. Arrancou do pescoço e orelhas o ouro, e quer vendel-o. Eu vendo tudo para amparal-a... Vendo-me a mim!

— Que desesperação a sua!...— atalhou o ex-

patriado—Bem se vê, amigo, que está pouco apalpado pela desgraça. Não sabe ainda o que é a perspectiva d'uma forca, e depois o desterro com esposa e tres filhas creadas na suprema abundancia, e de repente lançadas na pobresa!... Alente-se, Gaspar!

E o mais é que o môço entrou em sua casa animado.

Quando chegou á sala, viu um homem ao lado de Joaquina Eduarda, contando duzentos duros. Era o comprador do piano-forte, que o havia vendido por quatrocentos.

O comprador sahiu, e Gaspar murmurou com o peito varado de angustia:

— Vai-se o teu piano?

— Que tem isso, Gaspar? Ouvirás a minha voz desacompanhada de musica. E hasde gostar d'ella ainda assim. Ora escuta... E, a sorrir, cantou uma copla da seguidilha dillecta, cuja toada inventára nos dias felizes:

De cien mil modos echizas,
Hables, calles, cantes, mires,
Ó te acerques, ó retires,
El fuego de amor atizas.

E, estreitando-o muito ao seio, exclamou:

— Tu choras, fraco?

XIX

O amor dá-se mal nas casas ameaçadas de pobreza. É como os ratos que presentem ruinas dos pardieiros em que moram, e retiram-se. A comparação é por de mais plebea em materias tão afidalgadas como são estas do coração; todavia, immolemos a polidez á verdade.

O amor é de condição mui desprendida d'umas baixezas que nós razamente chamamos almoço, jantar, ceia, aconchêgo, commodidades, e guarda-roupa abundante. Assim que elle dá tento de que o seu visinho, chamado espirito, cogita distrahido n'aquellas coisas vulgares, começa a infastiar-se, a franzer o sobr'olho, a estrocer-se a vêr por onde ha de fugir. O amor quer o monopolio das faculdades da alma. Se o intellecto o desdenha para se exercitar

em estudos graves, o caprichoso arrufa-se, e vinga-se dos sabios fugindo para os corações dos tolos, que, tal qual vez, se senhoream dos espiritos das mulheres dos sabios, desastre de que o sapientissimo Marco Aurelio se queixava n'uma carta á sua muito deshonesta mulher Faustina. Cito um imperador para consolação da gente mean, ignorante dos eminentes camaradas de infortunio, que a historia lhe offerece.

Quando este despeito se dá com as intelligencias absorvidas pela paixão do saber, que fará com os animos preoccupados do prozaismo da receita e despeza ?

Está este lameiral chamado terra infamado de miserias que fazem chorar. Mulheres sem honra nem pão; creancinhas sem mãe nem cama; homens sem coração nem remorsos; lages salpicadas de sangue de desesperados que se matam; bancas de amphitheatros cobertas de cabeças separadas dos troncos; hospitaes que sorvem podridão e revessam cadaveres. A gente vê isto, e passa. Não se inquirem causas. A philosophia viu tudo, e disse: «corrupção congenial da humanidade.» A religião viu, e disse: «Caridade e misericordia.» Os poetas viram e disseram: «Manon Lescaut, Claudio Gueux, Margarida Gauthier.» A philantropia viu e disse : «Não façamos nada a favor dos que pendem á miseria, mas dê-se-lhes asylos e pão, depois que tombarem no abysmo.»

Philosophos, religiosos, philantropos e poetas param em volta dos monturos sociaes a contempla-

rem as fezes. E, porque o aspecto da desgraça tem tal qual magnitude, embora repulsiva, os contempladores não esquadrinham de tamanhos effeitos uma causa, ao dizer, insignificante. Pois eu encaro em tudo isto, e lembra-me o que pensava Francisco da Cunha Noronha e Tavora, observando a sombra triste de Gaspar e as côres quebradas de Joaquina Eduarda: «É o amor que vai fugindo á vanguarda da pobresa.»

Estes pedaços esphacelados da humanidade, estas mulheres que se laceram e não choram, estas creancinhas acamadas na rua que acalentam a fome ao rugido nocturno das carruagens que rodam, tudo isto que está a pedir uma providencia melhor, são as ruinas d'umas galerias luxuosas d'onde o amor fugiu, quando a miseria assalteou os vestibulos. Tudo isto é uma agonia horrendissima de corações que amaram, de filhinhos que não acharam leite em seios onde os corações tinham morrido na garra do desespêro. Oh! que escarneo seria a dadiva do viver, se não viesse com a certeza da morte!

As caricias que Joaquina recebia do seu amado algoz eram já aquecidas pela memoria da paixão extincta. E não se illudia ella. Quem póde enganar a mulher que principia a desconfiar da felicidade no amor? Joaquina Eduarda de si mesma se espantava, sentindo-se transportada pela tristeza aos braços de uma saudade que a levava aos loureiraes do paçal de seu irmão, ás florestas solitarias e rumorosas das

margens do Cavado! Tinha dor e pejo d'este sentir. Calava-o, suffocava-o, e tão depressa olhava em fito os olhos tristes de Gaspar, que assim aquella amada e maldita saudade lhe tirava do peito ancias sem desafogo.

E passaram dois arrastados mezes n'esta mutua e afflictiva contemplação, raras horas cortadas de intermittentes alegrias, emprestadas pela esperança do bom successo da carta que Francisco da Cunha escrevera a Pedro de Vasconcellos.

O fidalgo bracharense, prestando homenagem aos heraldicos appellidos que assignavam a carta, respondeu. Apoz breves linhas, em que historiava o procedimento ingrato e ignobil do filho, trasladava o bilhete petulante com que elle respondera á proposta. Depois, acrescentara: «Diga-me V. Ex.ª que homem de bem consentiria que outro homem de bem lhe pedisse por tal filho?»

Francisco da Cunha occultara esta resposta de Gaspar, e replicou em mais pungitiva supplica.

Pedro de Vasconcellos não respondeu; mas o frade de Tibães, conhecedor d'esta correspondencia, enviou ao sobrinho vinte peças, havidas de emprestimo do dom abbade, e escreveu-lhe:

«Não contes com teu pai, nem se cance o hon-«rado Cunha. Tua prima vai casar. Os vinculos dos «Vasconcellos vão para teu primo Lopo de Villar de «Frades. Teu pai reserva os bens livres, e falla em «recolher-se a Tibães, depois das escripturas nu-

*

«peiaes. Hontem me disse elle : *Se esse desgraçado «voltar aqui um dia, e eu tiver fallecido, deixarei «em teu poder dinheiro com que elle possa dotar-se «e professar n'um convento. Ao menos que vá para «onde resgate a alma das penas eternas.* Que heide «eu fazer-te, infeliz? Já me lembrou ir fallar com o «irmão d'essa senhora; mas disseram-me que elle «sahira da reitoria, e se recolhera ao convento de «S. Domingos de Vianna, com o proposito de vestir «o habito. Vê tu, Gaspar, quantas mudanças, quan- «tas infelicidades, procedidas d'uma cegueira, que a «desgraça te arranca dos olhos agora com ferro em «brasa!... Se essa menina quizesse voltar para o «convento de Santa Clara, eu iria ao Porto intender- «me com a virtuosa tia, e moveria n'este negocio o «bispo D. Antonio de Sousa, que foi da minha crea- «ção n'este mosteiro. Quererás tu leval-a a essa gran- «de prova de juiso, e compaixão pela sorte de am- «bos? Responde-me...»

Joaquina Eduarda viu a carta, e disse:

— Porque me mostras esta carta, Gaspar?.. Queres que eu faça a vontade a teu tio?

— Não — respondeu o môço, com menos intimativa do que esperava Joaquina.

— Esse *não* dos labios — acudiu ella — é um *sim* do coração?!..

— Que suspeita essa tão injusta!.. — balbuciou Gaspar.

— Que grande desgraçada eu sou! — excla-

mou Joaquina soluçando nas palmas das mãos, com que tapava o rosto.

O moço abraçou-a com estremecida piedade, e não proferiu minima palavra consoladora.

— Diz a teu tio que não quero entrar no convento ! — exclamou ella de subito desatando-se-lhe dos braços.

— Direi...; mas porque te afflijes assim ? que culpa tenho eu d'esta proposta de meu tio?

— Nem eu te culpo! — tornou ella muito quebrada e quasi desfallecida — És tambem muito desgraçado, meu pobre Gaspar!... Sei avaliar as tormentas que vão em tua alma...

A chegada de Francisco da Cunha interrompeu este colloquio dilacerante. Joaquina levantou-se, e entrou no seu quarto. Chorou, em quanto a febre lhe não queimou os olhos. Quando Gaspar a procurou na alcôva, e a quiz tirar á sala onde o fidalgo desejava vêl-a, Joaquina Eduarda já não podia segurar-se em pé. A febre aturdia-lhe a cabeça e abrasava-lhe as faces.

XX

Se Gaspar necessitasse d'uma alma consoladora, e podesse com ella suavisar as reladoras consumições, Joaquina Eduarda não era certamente dotada da indole branda e paciente que santifica os anjos da bonança á beira das almas atormentadas. Sobejavamlhe a ella dores, saudades, remorsos, e presentimentos terriveis: carecia de paz e coragem para ser ameigadora de soffrimentos alheios. Logo que o homem, em cujos hombros a debil creatura se amparava, desfalleceu, natural é que Joaquina succumbisse com elle. Se Gaspar, fingidamente ao menos, sustentasse exteriores animados, ella, como todas as mulheres, faria milagres de força e conformidade. Na posição de Joaquina Eduarda, nenhuma mulher seria mais animosa, entrevendo já o abandono, a miseria, ou a

esmola recebida, n'um convento, de mão inimiga, que assim lhe pagava a deshonra e o silencio.

Iniquamente Gaspar intendia que a pobre menina devia de ser menos egoista do seu bem-estar, e condoer-se de quem por amor d'ella sacrificara tanto. O desvairádo môço não via alli n'aquelle leito a mulher que tantos maridos illustres desviára com o seu desdem para guardar-lhe para elle, e incondicionalmente, um coração com todas as fibras intactas; não via alli a esconder o rosto em lagrimas na dobra da coberta aquella mulher que parecia a divinisação da bellesa, e o galardão dos olhos que a fitavam, e por bem pagos se davam de que ella se deixasse contemplar. Não. O que elle via era a mulher que o fascinára e perdêra. E — oh baixissima villesa da alma do homem! — já elle se espantava de sua fascinação e da ceguelra com que se deixára perder!

E mais ainda. O desgraçado lembrava-se de sua prima Paulina. Amal-a não podia; mas ouvia uma estupida voz interior a dizer-lhe que devia conformar-se á vontade do pai, e aceitar uma esposa, que lhe não seria jámais na vida empêço aos gosos da mocidade.

E, no entanto, Joaquina enleiada tambem em seus pensamentos, recordava-se da infancia, das caricias maternaes, das barbas brancas de seu pai, do cadaver que lhe tiraram dos braços, da ternura do

irmão, dos silencios d'aquella aldeia que ella noite alta, quebrava com as melodias da sua voz.

E, ao cahir d'estes assomos onde a levantava a saudade, via-se n'um leito em alcôva triste, e aos pés d'esse leito via um homem com a fronte escondida entre as mãos.

— Gaspar!.. — dizia ella maviosamente.

— Que é, menina?

— Tens saudades do passado?

— E tu?..

— Tenho. Pois não heide ter?... Quando eramos ambos felizes... E mais tu pensavas que o não eras... Dizias-me que o inferno se te abrisse aos pés, se eu me desencontrasse do teu caminho... E que mal fizemos, meu amigo... Tanta gente a querer salvar-nos...

— Como o arrependimento te punge!... atalhou magoado o môço.

— E a ti, não, Gaspar?..Que silencio!..Então porque te offendes?!

— Tu não comprehendes a minha vida, Joaquina?! — perguntou elle de sobresalto e n'um tom de reprehensão.

— Comprehendo, comprehendo, Gaspar...Não te irrites.

— Parece que me queres fazer responsavel das más entranhas de meu pai!..

— Eu não...

— Vês que as minhas tristezas, o meu suppli-

cio incessante, é a falta de meios... e accusas-me por que eu não sei como se póde viver sem recursos...

— O que eu sei é que se póde morrer sem elles — disse Joaquina serenamente, abrindo um sorriso de sincera resignação.

— Ora!.. que resposta!.. — resmuneou elle acremente.

Joaquina suspirou, e expediu um ai mal abafado com a roupa que puchou para o rosto.

Condoeu-se penetrantemente Gaspar: acurvou-se sobre o leito, e beijou-lhe os olhos, proferindo supplicas de perdão com as mais vehementes expressões da alma que se confessa deshonrada e despresivel.

Joaquina sorriu-lhe cariciosamente, e murmurou:

— Não te afflijas com o futuro que eu morro cedo. Depois irás para teu pai, e elle te restituirá o amor e os bens. Espera mais algum tempo, que eu tenho a alma de minha mãe empenhada no meu resgate e no teu.

— E desejas morrer, Joaquina? — exclamou elle com immensa dôr.

— Desejo morrer, antes que me mates o coração. Quero morrer a amar-te... e presagio que, se viver alguns mezes, acabarei odiando-te.

— Porque?

— Porque me hasde abandonar, e hasde fazel-o sem motivo que te absolva. D'antes me dizias que te

não fazia medo o infortunio; desafiavas a desgraça a experimentar a tua dedicação. Tinhas valor, quando elle era desnecessario. Hoje, nem queres vêr se podemos descer devagar ao fundo do abysmo... atterras-te e precipitas-me comtigo!..

— Pois que heide eu fazer?! Diz-me o que heide eu fazer, Joaquina?—clamava elle com as mãos postas.

— Não sei... não sei...—murmurou ella anciadissima — Quem me dera morrer, meu Deus!

— Uma idêa feliz!—exclamou Gaspar de Vasconcellos com vehemente vivacidade—Uma inspiração!.. Nós podemos viver trabalhando; mas havemos de sahir de Sevilha. Aqui, onde representamos e convivemos com as primeiras familias, não faremos rir o mundo com a mudança de vida; mas iremos para outra cidade. Eu ensinarei a dansa, e tu piano e canto. Luctemos, Joaquina; sejamos nobres aos olhos um do outro, com tanto que a sociedade ignore os nossos appellidos. Tens coragem?

— Tenho! — disse ella com transporte — Reanima-te, meu amor, que a tua enfermidade é o unico impedimento que nos atalha.

— Eu estou boa d'aqui a horas. Olha... não te parece que estou menos febril?! E terás tu valor para prova tão cruel, Gaspar? Poderás soffrer os dissabores da dependencia... tu!... affeito ás pompas, á representação, á liberdade!...

— Tenho. Vou dar esta boa nova ao nosso amigo Cunha. Deixo-te menos infeliz?..

— Deixas-me alegre, meu Gaspar?.. Vejo que és um homem d'alma!..

Francisco da Cunha escutou o plano, que o enthusiasta expendia com jubilos de bom coração. Sorriu-se e disse:

— É mais um elo que a desgraça está forjando para a cadeia de duas nobres victimas. Não se illudam, pobres môços; não se illudam. A snr.ª D. Joaquina Eduarda ao quarto serviço que fizesse no solar d'alguma soberba hespanhola, e ao quarto menospreço que lhe fizessem os lacaios das educandas, preferia morrer. E o snr.? Pelo amor de Deus!.. o homem que escreveu a seu pai um bilhete, cujo traslado eu vi, poderá tolerar que o pagem d'algum degenerado neto de Gonçalo de Cordova lhe venha dizer que espere no pateo em quanto o aprendiz de dansa não acorda?! Não se enganem, meus desditosos amigos!..

Gaspar não replicou. Voltou com alma espedaçada ao leito de Joaquina Eduarda, e disse-lhe:

Francisco da Cunha despersuadiu-me. Pensemos n'outro expediente.

XXI

Nenhum expediente de servir premiou a laboriosa imaginação de Gaspar de Vasconcellos. Todavia, Francisco da Cunha, que não cogitava menos que o seu deploravel amigo, sahiu com o seguinte alvitre, communicado a Gaspar, a occultas de Joaquina Eduarda.

— É bom, dizia o fidalgo, que ella o ignore em quanto o meu amigo se não resolve a pratical-o. Cumpre-lhe, no extremo em que está, romper por um acto extremo, snr. Gaspar. Seu pai está muito offendido: V. S.ª justificou a severidade d'elle, ultrajando-o; e desarmou as pessoas que lhe quizessem agora irrogar a elle demasia de severidade. Beneficios de medianeiros é loucura esperal-os. Terceiras pessoas não vingam obra proveitosa n'este caso.

Resta um recurso: é ir o snr. Gaspar lançar-se aos pés de seu pai.

— Por motivos insignificantes, disse o môço, me quebrou elle nos braços uma bengala.

— E depois abraçou-o, e presou-o com mais ternura. Que tem que elle lhe quebre outra bengala nos braços, com a condição de o remir d'esta má posição?

— E que espera V. Ex.ª de meu pai?

— Que o deixe esposar esta menina, e os acolha em sua companhia.

— Não viu que elle deu a casa a um sobrinho, e vai recolher-se a Tibães, e reserva o preço do meu captiveiro n'um convento?

— Esses designios vai o meu amigo destruir com a sua presença.

— Respeito o seu alvitre; mas espero d'elle mais um lance miseravel da minha infernal vida.

— Se eu tivesse alguma confiança no seu juiso, replicou o velho, desistia do meu projecto; porém, como não tenho nenhuma, insisto em que o tente.

— Cumprirei, se Joaquina o não contrariar.

— Minha mulher é que se encarrega de o propor á snr.ª D. Joaquina Eduarda. A menina vem ser da minha familia, em quanto o snr. Gaspar estiver ausente. Nós a distrahiremos com as esperanças que já se me antolham realisadas prosperamente. Além de que, na hypothese de que o snr. Pedro de Vasconcellos é rebelde ás suas supplicas, V. S.ª lança

mão d'um recurso despresado. Commove seu optimo tio fr. João a que lhe dê ou lhe empreste recursos para concluir o seu curso juridico. Assim que o meu amigo obtiver o gráo, já póde ganhar pão mais ou menos abundante na patria. Se eu alguma hora lá tornar, e readquirir os amigos que tive, conte com a minha protecção para entrar na carreira da magistratura. Não se lhe aclaram mais bonançosos os horisontes do futuro? Diga lá.

— Meu pai perseguir-me-ha em quanto eu não abandonar esta pobre menina.

— Não ouso aconselhal-o a que minta a seu pai — disse pausada e reflexivamente Francisco da Cunha—senão dir-lhe-ia que a snr.ª D. Joaquina Eduarda teria um talher entre os de minhas filhas em quanto V. S.ª carecesse de meios para sustental-a indedependente de seu pai.

— Beijo-lhe as mãos, meu honrado amigo — exclamou Gaspar, abraçando-o com a effusão do reconhecimento.

— Vai a Braga, não vai? — atalhou animosamente o fidalgo.

— Se Joaquina consentir...

A esposa de Francisco da Cunha passou a manhã do dia immediato com a enferma. Empregou habilmente rodeios que modificassem a impressão da surpresa. Joaquina ouviu-a primeiro com sobresalto, depois com uma serenidade mais dorida que a inquietação. Escutou as ultimas expressões, e disse :

— Elle vai; mas não volta aqui.

— Jesus ! que idêa ! — exclamou a dama — A senhora tem receios muito injustos d'este cavalheiro !

— Não é d'elle que eu receio. . . é da fatalidade do meu destino. Mas que vá, que me diga, sem temor de magoar-me, que vai.

Entrou ao quarto depois Gaspar de Vasconcellos, com os olhos humidos, Joaquina accercou-o de si, e disse-lhe :

— Vais fazer um enorme sacrificio : pões debaixo dos pés de teu pai o nosso pobre orgulho. Não importa. Se tens força, eu a terei para soffrer em minha alma as dores humilhantes da tua. Eu queria dizer-te que por amor de mim não te aviltasses até haveres pejo de tua quéda ; mas temo magoar-te, Gaspar. . . temo, senão dizia-te : «se a tua felicidade está em me abandonares, abandona-me ; obedece a teu pai.»

— Vê que me apunhalas o coração ! — interrompeu Gaspar, beijando-lhe as mãos.

— Então perdoa-me. Vai, e cumpre o que a tua alma te mandar. . . Mas eu fico doente, meu querido amigo; fico doente, e muito só n'este mundo. . . Tornarei eu a vêr-te, Gaspar?. . Terei eu morrido, quando voltares ?!. .

E, sentando-se afflicta na cama, rompeu n'um chorar que lhe cortava os fios da vida.

E o consternado môço de joelhos sobre o leito,

com a face d'ella estreitada ao seio, articulava umas vozes que os soluços entrecortavam.

O primeiro homem e a primeira mulher, que soffreram aquellas angustias, que perguntas fariam ao creador?

Provavelmente estas, que são d'um santo:

«Porque não morri eu dentro do ventre de minha mãe? Porque não pereci tanto que sahi d'elle?

«Porque foi concedida luz ao miseravel, e vida aos que estão em amargura de animo?

«Acaso tens tu olhos de carne? ou vês tu as cousas como os homens? *

* Job Cap. III, v. 11 e 20. C. X, v. 4.

XXII

Chegou á portaria do convento de Tibães Gaspar de Vasconcellos, e perguntou por fr. João. O frade da portaria reconheceu-o, e disse-lhe :

— Seja bem vindo o filho prodigo.

— Queira vossa reverendissima chamar...

— Seu tio ou seu pai?

— Meu pai está aqui?! — exclamou Gaspar.

— Ha seis dias entrou para aliviar aos pés da cruz o fardo das angustias... Deus perdôe a quem lhe encheu a medida do soffrimento... Qual d'elles avisarei?

— Meu tio, se me faz o favor.

— Pois espere que vai abrir-se.

Sahiu o frade, e Gaspar entrou no pateo interior da portaria.

Passados minutos, desceu fr. João. Gaspar abraçou-se-lhe nos joelhos, sem desatar palavra dos labios convulsos. O frade alevantou-o, e levou-o comsigo para a sua cella, silencioso como as imagens dos santos que pendiam em paineis nas paredes dos longos dormitorios.

Entrados á cella, disse fr. João:

— Já sabes que teu pai está aqui. As escripturas fizeram-se ha nove dias para o casamento de tua prima. Quando, porém, avisaram Paulina de que estava marcado o dia das bençãos, ella respondeu que não casava. Teu pai cobrou d'isto grandissimo desgosto, e para logo mandou preparar aqui a sua aposentadoria para o restante da vida. Encontras, pois, o pobre velho no acume das afflicções, que lhe preparaste. Agora diz-me tu se lhe trazes alguma nova dôr. Queres fallar-lhe? Elle ignora que estás aqui.

— E falla de mim? — perguntou Gaspar.

— Pouco e terrivelmente. Chama-te o azorrague da Providencia divina, o abutre que elle creou no coração para lh'o dilacerares fêbra a fêbra. Vê, pois, n'estas circumstancias, o que vens dizer a este moribundo.

— Venho pedir-lhe perdão — balbuciou Gaspar, trespassado do terror que as expressões e gestos do venerando monge incutiam.

— E depois?.. Tu não vinhas aqui simplesmente pedir perdão a teu pai. Vens pedir-lhe recur sos? Falla verdade, que a deves á amisade de teu tio.

— Sim, meu santo protector, eu venho pedir a meu pai perdão, recursos, e misericordia, porque a fome já bateu á minha porta.

— Que fizeste á irman de Sebastião Godim?

— Está em Sevilha.

— Recolhida?

— Em casa de Francisco da Cunha, d'aquelle nobre sugeito que escreveu a meu pai.

— Vens, por tanto, pedir recursos para voltar a Sevilha?

— Que heide eu fazer áquella desditosa senhora meu tio?

— Não m'o perguntes, desgraçado. O que te eu direi é que não queiras vêr teu pai, se lhe não podes dar uma nova consoladora.

— Mas eu quero vêl-o, embora seja expulso de sua presença — exclamou Gaspar.

— Verás... Mas não sei se o previna, se o surprehenda. Espera aqui: eu vou ao quarto de teu pai.

Voltou, pouco depois, fr. João, e disse:

— Dorme.

— Poderei vêl-o? — acudiu Gaspar.

— Podes, e até quero que elle, ao despertar, te veja.

Entraram pé ante pé na cella.

O velho dormia encostado a travesseiras altas socegadamente com os braços cruzados. Uma das mãos segurava umas folhas de papel manuscripto. Gaspar avisinhou-se subtilmente, e reconheceu a car-

ta supplicante, a primeira que lhe escrevêra de Sevilha.

Foi-lhe de bom agouro este encontro.

Contemplou as cavadas feições do pai, que, em dois annos, tinham precocemente envelhecido. As alvissimas barbas cobriam-lhe o peito. As costas das mãos descarnadas, com os tendões incorreados sobre os ossos, eram cadavericas. As lagrimas derivavam a quatro nas faces do filho. E a consciencia dizia-lhe: «O que tu fizeste de teu pai, e d'aquella mulher feliz e pura, e do irmão virtuoso e extremoso d'aquella mulher... e o que fizeste de ti, algoz de quatro existencias!»

Descerrou Pedro de Vasconcellos os olhos: encarou Gaspar; estremeceu; espancou da fronte a visão d'aquelle sonho; seguiu os menores gestos do irmão e do filho; viu este que ajoelhava, e o outro que estendia o braço e abria a mão sobre a cabeça do sobrinho.

— Que é?.. que vejo eu?..—exclamou Pedro, sentando-se de salto na borda do leito.

— É o nosso Gaspar — disse com alegre sombra fr. João.

E Gaspar, aproximando-se do pai, ia a tomarlhe a mão. O velho saltou ao pavimento, desviou-se, e recuou ao filho que o perseguia de joelhos.

— Alto ahi! — bradou o velho, alongando contra elle os braços. — Que quer este monstro? que vem aqui fazer este parricida? — Proseguiu Pedro,

interrogando fr. João, e outros frades que tinham entrado, attrahidos pelos brados.

— Pedro ! — disse o benedictino — Jesus Christo não repulsava assim os peccadores...

— Snr. Vasconcellos, pois que é isto ? — Perguntava um dos monges, postando-se á direita do môço ajoelhado.

Outro monge pegou da mão do velho, e disse:

— Esta mão não fere, abençôa : na casa do Senhor as tempestades da ira são sacrilegios.

— Deixem-me por caridade ! — exclamou o fidalgo — João, pela boa sorte da tua alma te peço que me não percas a minha... Leva-me d'aqui esta infernal tentação. Eu não posso perdoar ao filho que me chamou arvore infame. Fóra dos meus olhos !

Fr. João tomou do braço do sobrinho, empuchou-o a si, e disse-lhe : «vem.»

E, no dormitorio, continuou :

— Isto esperava eu ; mas era inevitavel a explusão ; agora esperaremos outro lanço.

Entraram na cella. Gaspar sentia em sua alma o brigar de dois sentimentos avessos : compaixão de seu allucinado pai, e colera de se vêr tão rancorosamente expulso. Excruciava-o já o arrependimento de sahir de Sevilha. Alli, n'aquelle horrente silencio do mosteiro, e tristeza do cubiculo em que o tio o deixou, é que as saudades de Joaquina Eduarda lhe alanceavam o coração. Figurava-se-lhe mudada para imprevisto inferno a sua vida, e já acorrentado ao

poste de um carcere. Temia-se de algum tyranno procedimento do pai, fazendo-o lançar em ferros. Ao par d'estes sobresaltos, lampejava-lhe ante os olhos a imagem de Joaquina, enferma, attribulada, e carecida da commiseração da familia que lhe dera abrigo.

N'este trance de incomportavel angustia, entrou fr. João de Vasconcellos, dizendo:

— Lá deixei o dom abbade com teu pai. É um santo varão que tem instincto do céo nas palavras que diz. Entretanto, conversemos, Gaspar. Ainda não percebi bem o teu intento n'esta vinda. Tu que queres, filho? Pensas em te reconciliar com teu pai?

— Pois decerto... se eu o conseguisse...

— Mas... essa senhora... que parte ainda tem ou terá na tua vida? Falla-me verdade como a Deus: estás solteiro?

— Como a Deus, lhe juro que estou.

— E pensas em casar com ella?

— Se o pai m'o consentir...

— Ora ahi está! Justo seria que o consentisse; mas não falles em tal... Se teu pai te dissesse: «recolhe-te á minha casa de Braga; estás perdoado» que farias tu?

— Que faria eu?.. que faria?..—repetiu Gaspar sem poder estremar resposta das confusas idêas.

— Sim: pergunto — insistiu o frade — se voltarias para Espanha, ou chamarias a tua desgraçada companheira para Portugal.

— Pois que poderia eu fazer senão uma d'essas cousas? — perguntou o môço afflictivamente.

— Em tal caso, a reconciliação seria de má fé por tua parte, e o odio depois recrudeceria. Dou-te um conselho, infeliz môço: vai-te nas boas horas: não caves mais na sepultura de teu pai.

— Mas eu careço de subsistencia! — bradou Gaspar com a ousadia que dão as torturas — Tenho fome, tenho direito a pedir a este homem, que me deu o nascimento, que não me deixe morrer de fome e vergonha!

— Falla menos rijo, sobrinho — atalhou brandamente o frade — Tu és réo, e assumes catadura de juiz. Humildade, humildade, senão está tudo entornado. Continuemos a conversar placidamente: senta-te, e não chores. Guarda as lagrimas para melhor azo. Ora, diz-me: essa senhora não está fatigada de ser infeliz? A Providencia ainda lhe não abalaria o animo para desandar d'este máo caminho em que de mãos dadas vocês se lançaram? Nunca te mostrou desejo de recolher-se n'um convento com a sua subsistencia segura, como tantas damas illustres hão feito, como o fez em nossos dias aquella snr.ª D. Marianna de Sousa, que houve dois filhos do infante D. Francisco, e morreu nas ruinas da sua cella de Sant'Anna de Lisboa, quando foi do terramoto?

— Eu não sou o infante D. Francisco, meu tio — contrariou Gaspar — Sou um homem igual em nascimento a D. Joaquina Eduarda Cazado Godim,

e valho menos do que ella, porque não tenho appellido de mãe...

— Eu não estou debatendo genealogias, rapaz — retorquiu fr. João com apostolica serenidade — O sabido é que não desistes de casar com ella...

— É um dever, um preceito de Deus.

— É. E mais te digo, filho, que se eu podesse remediar as tuas necessidades, dizia-te: «casa com a senhora a quem deves reparação.» Mas tu que já sabes minha pobresa fradesca, e por ventura saberás que devo o pouco com que te remediei as mais urgentes faltas, não é para mim que vens, é para teu pai. Em verdade te digo que não sei artes nem eloquencia com que possamos trazêl-o da braveza, em que o viste, aos teus interesses, e desejos, aliás louvaveis. Farei sentir ao prelado o teu intento; elle que se empenhe em tiral-o a limpo, que eu de mim não sei nem valho para tanto. Volto a teu pai, e dedepois aqui. Olha lá: queres tu jantar, homem?

— Não me falle em comer, meu tio.

— Tu comerás, filho. O estomago é despota entranha que protesta contra as paixões das outras.

XXIII

— O dom abbade ordenou que fosses agasalhado na hospedaria do convento—disse fr. João, quando voltou — O prelado quer que vás á sua casa. Vem comigo.

— Já sei o que vou ouvir, meu tio — observou Gaspar —Venham todas as angustias! Vamos.

— Ouvirás, e farás o que intenderes. A ordem não é dominicana. Espero que te não ponham no potro da tortura... — redarguiu fr. João sorrindo, sem descompor a gravidade do aspeito.

Acolhido benignamente pelo dom abbade, que o conhecia desde menino, Gaspar, beijando-lhe a mão, disse:

— Espero que V. reverendissima não esteja do lado dos meus inimigos.

— Quem são os teus inimigos, pateta? Anda para aqui, senta-te ahi, e conversa comigo em quanto fr. João vai para junto de teu pai. Vamos a saber: a desgraça apalpou-te deveras, não é verdade?

— Sou muito infeliz...

— Pois então basta de o ser. Entendes tu que a tua felicidade está em casar com a mulher que seduziste ou te seduziu? Responde.

— Devo fazêl-o...

— E queres fazêl-o?

— Certamente.

— Pois então eu me responsabiliso pela inteira indifferença de teu pai n'este casamento. Casa quando quizeres. Eu mesmo faço saber ao serenissimo D. Gaspar que teu pai não impede, nem quer saber que impedimentos possam existir. Se vieste ao conseguimento d'isto, venceste a demanda.

— Mas, snr. D. Theotonio...—balbuciou Gaspar.

— Que é, menino?

— Eu sou pobre como V. reverendissima sabe...

— E então?

— Esperava que meu pai se condoesse d'esta situação, e me désse as migalhas que lhe sobejam.

— São, por tanto, duas as pretensões com que vieste: licença para casar, e dinheiro para subsistir. É isto?

— Sim, senhor.

— O segundo requerimento é indeferido. Teu pai não te dá nada.

— Positivamente?

— Positivamente nada.

— Bem! — disse Gaspar erguendo-se de golpe — Não tenho que fazer aqui. Desejava despedir-me de meu tio, e retirar-me.

— Senta-te.

Gaspar hesitou: o dom abbade puchou-o pelo braço, e sentou-o.

— Teu pai não póde viver muito — continuou o prelado — Engana-o, que eu absolvo-te, homem. Diz-lhe que esqueceste essa creatura, contemporisa em quanto elle vive; e, fallecido teu pai, casa, porque terás grandes haveres, com que premiar a dedicação e o sacrificio da senhora. Sacrificio digo, por que é mister que ella, no entanto, esteja recolhida em convento. Se lhe faltam meios, têl-os-has abundantes que lhe dês. Entras na administração dos bens de teu pai; sobejar-te-hão recursos com que a tenhas mimosa em convento de primeira ordem. Que me dizes?

— Mentirei a meu pai — respondeu sem espaçar meditações.

— É a mentira louvavel, d'onde promanam tres boas acções: restauras a tal qual alegria de teu progenitor; sanas a chaga do remorso que te deve lavrar nas intranhas; e, dando desde já posição honesta á senhora que amas, asseguras-lhe um porvir hon-

rado, considerado, e abundante dos bens da fortuna. Estás, pois, resolvido?

— Estou, snr. D. Theotonio; mas necessito que a vontade de minha pobre amiga se não revolte contra este alvitre.

— Se se revoltar, não te ama: quer perder-se e perder-te.

— Não é assim, perdoe-me V. reverendissima.

— É assim, perdoe-me vossa toleima. E, se te quer perder, tem tu dignidade que te salve. Escreve-lhe. Disse-me teu tio fr. João que está muito na vossa intimidade um honrado e sizudo fidalgo. Dá-lhe procuração para que elle corra lá com as despezas do raciocinio se fôr necessario convencêl-a em juiso de que o não tem.

— Respeite o infortunio, senhor! — clamou com fidalga altivez o môço — As suas palavras são facetas de mais quando se tracta de uma mulher para cuja morte eu estou conjurando.

— A isso não respondo — redarguiu severamente o dom abbade.

— Mas perdôa — tornou brandamente Gaspar.

— Perdôo. Se eu podesse rir-me dos infelizes, não sahia de minha casa a negociar estas transacções quo destoam do meu officio.

— O officio dos virtuosos é baixarem a todos os abysmos d'onde sahem gemidos — disse Gaspar, abraçando-o.

— Ámanhã espero conseguir que teu pai te re-

ceba. Gaspar, fita-me bem!.. Olha que eu vou mentir áquelle ancião. Faz que Deus me não puna o crime, pondo tu a virtude nos effeitos d'elle... Vai para a cella de fr. João. Escreve. Tens o teu quarto na hospedaria. Até ámanhã.

Gaspar escreveu até noite alta.

XXIV

Na vinda para Portugal, o saudoso viandante escrevera de todas as paragens a Joaquina Eduarda e a Francisco da Cunha.

Sem embargo da vehemencia amorosa das phrazes, Joaquina, de cada carta que lia, murmurava sempre:

— Elle não volta cá.

O fidalgo beirão argumentava com as rasões tiradas do contexto mesmo das cartas.

— Não volta cá! — recalcitrava a pobresinha, com os olhos de vidente cravados n'uma visão hórrida que lhe vasava n'alma as feses da desesperança, esta quinta-essencia dos tormentos dos condemnados.

Raros dias se levantava do leito, onde a rodeavam as filhas de Francisco da Cunha. Joaquina, contemplando-as uma vez, disse:

— Que immensa caridade !.. O poder da religião !.. Como estes anjos de pureza se avisinham de mim... da mulher....

E sentiu-se como estrangulada.

As meninas Cunhas inclinaram-se-lhe sobre o seio, e enchugaram-lhe as lagrimas.

Contava ella os dias em que já podia ter a primeira carta de Braga. Chegaram duas muito volumosas. O prudente fidalgo leu primeiro a sua, e exultou. O plano do Gaspar, ideado pelo dom abbade, pareceu-lhe excellente. Era pensamento que elle, pouco mais ou menos, já tinha aventado. Correu alegre a entregar a Joaquina Eduarda, que n'esse dia se erguêra menos alquebrada, a sua carta.

Joaquina leu, e disse:

— Prophetisei ! Não volta cá. Não me enganei, meu Deus, não me enganei!

Esta exclamação, com os braços estendidos ao céo, foi seguida d'um subito accésso de phrenesi.

E então bradava :

— Convento !.. convento !.. a esmola do convento !.. Não quero ! já disse que não quero !.. Atira-se com uma mulher para dentro d'umas grades com uma ração de pão !.. Para que ? Para esquecêl-a !.. Infame piedade !..

— Oh senhora !.. — exclamou o velho, sahindo-lhe de frente nas voltas vertiginosas que ella dava — Attenda-me, snr.ª D. Joaquina !..

— Eu sabia... sabia isto !.. —proseguiu ella,

como surda e cega ás vozes e movimentos do espavorecido fidalgo — São os costumes da fidalguia!.. Fecham-se na clausura as mulheres que estorvam os planos da riqueza e da representação!.. Isto é atroz!.. Mas eu não accito a morte de agonias mais prolongadas. Morrer é um instante. E, morrer sem o ferrete d'uma vil dependencia, é morrer nobremente, é morrer como elle, o ingrato, não póde viver!.. Não lh'o disse eu, snr. Francisco da Cunha?.. não lh'o disse eu?.. O meu Gaspar não volta cá!..

E lançou-se ao seio do velho debulhada em lagrimas.

Francisco da Cunha expendeu convencido quantas rasões favoreciam o projecto de Gaspar. Leu-lhe a sua carta que, mais logica e concludentemente, esclarecia as vantagens de esperarem, pouquissimo tempo, uma felicidade segura. No tocante ao convento, dizia o môço que faria muito por que fosse Vairão, onde, todos os dias, se podiam trocar as cartas, e talvez fallarem-se.

Joaquina Eduarda, ouvidas com apparente serenidade a carta e commentarios do velho, disse com ar de zombaria:

— Tudo isso que ahi está escripto é uma miseravel embuscada á minha crença. Pois eu não dei direitos a ninguem de julgar-me nescia... Snr. Cunha, Gaspar respirou o ar da antiga liberdade, sentiu estremecer o coração ás reminiscencias da sua mocidade... vê-me aqui ás suas sôpas, meu bemfeitor, e

tem piedade, e talvez sente o desaire de me deixar assim...No auge da sua magnanimidade, dá-me um convento, como Pedro de Vasconcellos dera ha vinte annos um convento á pobre seduzida, mãe d'aquelle filho. Aqui tem o exemplo da virtude paternal! É o que é!.. Mas eu não sou Maria Pereira: sou Joaquina Eduarda, filha de Fernão Cazado Godim!..

— Que deliramento, menina! — atalhou Francisco da Cunha — Eu começo a duvidar da sua rasão!

— Não duvide, por quem é! — replicou a desvairada — Eu só aceito a piedade dos meus. Vou escrever a meu irmão, a minha irman, a meu cunhado e a minha tia. Elles que se combinem todos para me darem uma enxerga e um caldo...Mas não! — bradou ella com exaltado exaspêro — Não peço nada a ninguem, não quero nada de ninguem! Quero morrer, porque a minha vingança é morrer!..

As filhas e esposa de Francisco da Cunha seguravam-na n'aquelles impetos em que os cabellos lhe saiam arrancados entre os dedos. Consideravam-na já atacada de loucura, e ora faziam pé atraz de atemorisadas, ora com meiguices de muito amigas e impulsos de compaixão a tomavam nos braços. Ao cabo de infreniziado debater-se, Joaquina Eduarda cahia desfallecida para o seio d'ellas.

Esperavam as intermittencias de socêgo para lhe abrirem o intendimento ás rasões plausiveis de Gaspar. Pediam-lhe que animasse o seu extremoso

amigo a não desistir do intento. Que não entrasse no convento, e vivesse em companhia d'ellas, até á hora em que a Providencia lhe recompensasse as dores da ausencia.

Joaquina beijava as faces e mãos das condoídas senhoras, e murmurava:

— Não me demoro n'este mundo. A desgraça não hade gosar-se muito tempo da sua victima. Resignam-se com o abandono as infelizes que perderam pouco; mas eu perdi meu irmão...aquelle santo!.. Que escura vida lhe deixei!.. Em que desamparo!.. Lá está amortalhado no convento, d'onde vê as janellas da casa onde nascemos. Vê a varanda em que nosso pai se assentava olhando sobre o mar, contando das suas batalhas aos amigos e aos filhos. Vê de lá a gelosia do quarto em que elle expirou. Fui eu que o fechei alli n'aquelle sepulcro ao meu pobre Sebastião... E porque, meu Deus? porque me perdi eu assim!..

A pertinaz surdez de Joaquina Eduarda a reflexões e alivios seria motivo de enfado para Francisco da Cunha, se n'elle o condoimento não excedesse á pauta ordinaria da commiseração.

XXV

Voltemos ao mosteiro de S. Martinho.

Gaspar de Vasconcellos atirara-se vestido sobre o cátre ao romper da manhã, pontualmente quando os proverbiaes sinos de Tibães principiavam a dobrar a finados. N'aquella noite passára d'esta vida um monge.

Triste alvorada aquella! O coração em trevas, o espirito quebrantado da prostração corporal, e aquelle pungentissimo ulular do bronze, e a toada lugubre dos monges no sahimento ao longo dos dormitorios !

Gaspar abriu a janella da sua alcova, e sorveu ar com o peito em arquejos, como se o ambiente do quarto lhe empestasse os pulmões. O céo estava nubloso, e o vento suão regelava-lhe as faces, sem lhe

*

refrigerar o ardor da cabeça. A hospedaria tinha sahida para a cêrca, e lá pelas clareiras do arvoredo se tinham passado alegres dias da meninice de Gaspar, quando o tio o levára a estudar humanidades n'aquelle colmeal de sciencias. O môço discorreu por entre as arvores, sem attentar nos logares conhecidos, ou fugindo-os instinctivamente. Figurava-se-lhe desterro, e paradeiro de condemnados aquelle ermo contemplativo do qual fr. Bartholomeu dos Martyres dizia que alli era o logar de respirar e beber vida, louvando o creador de tudo.

O creador, n'aquella hora, para Gaspar de Vasconcellos, era um principio de ironia barbara, um arbitro de caprichosa flagellação.

Já o frio lhe coava aos ossos. Era de dezembro a manhã, e o vento ramalhava nos esgalhos desfolhados da mata. Fr. João entrára de manso á casa hospedeira, para não despertar o sobrinho. Como o não visse, mandou-o procurar na cêrca. Encontraram-no tiritando e encolhido no ôco de uma arvore, onde, vinte annos depois, Francisco Justiniano Saraiva, que o leitor melhor conhece por fr. Francisco de S. Luiz, ministro, patriarcha, e cardeal, se comprasia de sestiar nas tardes de Julho. Emerso do seu turpor, Gaspar foi conduzido á cella do tio que se espantou do rosto macerado do môço.

— Que olhar é esse, Gaspar?! Não dormiste? — perguntou o frade.

— Não dormi... Quem adormeceu docemente

foi o frade que está sobre terra... Tomára eu tambem cahir n'aquelle somno...

— Pois eu não, rapaz — disse fr. João — apesar da monotonia da minha já muito comprida vigilia em redor das lages da claustra... Já fui saber de teu pai: encontrei lá o dom abbade; deixe-os ficar. O semblante do teu juiz pareceu-me de bom agouro. A nossa batalha é apagar o feixe de raios que tu accendeste com aquella maldita carta!.. Que demonio te inspirou aquillo?.. Abriste a ferro o coração do velho, e verteste-lhe a peçonha do remorso na chaga! Para que lhe fallaste da tua mãe, cuja morte elle tanto chorou, e por tanto chorar te amava a ti como doudo!.? Valha-te Deus!.. Aquillo não se escrevia a um ancião de setenta annos, que muitas vezes acordava lavado em lagrimas, de sonhar com tua mãe, seu affecto unico n'este mundo!..

— E, ainda assim, não me perfilhou!.. — interrompeu Gaspar.

— E não sabes porque, homem? Eu t'o digo: não foi a philaucia do nascimento nem a transmissão dos vinculos que motivou essa apparente desconsideração para comtigo. Foi persuadir-se teu pai que, não te legitimando, te dominava mais e tinha debaixo da mão, e assim evitava que a tua mocidade se desbaratasse em paixões ruinosas da alma e remordentes da consciencia na velhice. Esta foi a mal pensada precaução de teu pai. Oh! tu não sabes como elle te quiz e quer! Poupa este resto de vida ao lastima-

vel velho. Não sacrifiques tudo á mulher, que amas; dá a teu pai um pouquinho do teu coração. Ella é nova, e elle está á beira da sepultura. Essa senhora que espere, em quanto o ancião se encosta ao teu seio filial!

Os olhos de fr. João reviam lagrimas. Gaspar não chorava; mas o abalo interno impellia-o a ajoelhar com sincera dôr diante do pai. Joaquina Eduarda figurava-se-lhe victima muitissimo menos credora de lastima, defrontada com o velho, em fins de vida, sem hora de contentamento, esperando a morte debaixo d'aquellas abobadas, cercado de homens já amortalhados. N'estas cogitações, afervoradas pelo dizer pungente de fr. João, o encontrou o recado do dom abbade que o chamava ao quarto do snr. Pedro de Vasconcellos.

— Optimo! — exclamou o frade contentissimo — Optimo! Viva a natureza e o dom abbade que fizeram o milagre! Vamos, Gaspar.

Abeirou-se o môço do leito do pai, que o fitava serenamente. Ajoelhou, beijou-lhe a mão, e balbuciou muito commovido:

— Meu pai, se póde perdoar-me....

— Posso — disse o velho — O que eu não posso é padecer por mais tempo. Se vens assistir ao meu trespasse com pena d'este cadaver que estás vendo, o Senhor te abençôe; se me reservas mais outro golpe, Deus te leve para longe da minha agonia.

— Juro-lhe, meu querido pai, que serei digno do seu perdão ! exclamou sentida e conscienciosamente Gaspar.

— Sobre este Christo ! — disse solemnemente fr. João tomando o crucifixo do oratorio.

— Juro ! — proferiu Gaspar, pondo a mão sobre a imagem.

E, n'este lance, a imagem de Joaquina Eduarda figurou-se-lhe ao lado da imagem do Salvador. Foi visão que lhe traspassou o seio, e nublou de negro a vista.

— Ajudai-me a vestir — disse Pedro de Vasconcellos.

Sahiu do leito, sentou-se anciado, e chamou para junto d'elle o filho, que o abraçou pela cintura, ajoelhando-se. O velho inclinou o rosto á fronte do filho, e chorou.

Assomou o dom abbade com mesurado e solemne passo, e disse :

— Ireis hoje para vossa casa, meus amigos. Já mandei apparelhar a minha carruagem. Não vos quero hoje aqui, porque é dia triste ; os responsorios e os sinos é coisa importuna em Tibães. Lá para a primavera vinde aqui passar uma temporada, se quizerdes, com vosso irmão e tio, e com toda esta fradaria que vos presa. Toca a vestir, snr. Pedro de Vasconcellos, que, vai o almoço para a meza.

XXVI

Recolhidos á casa de Braga, ao segundo dia da desejada reconciliação, Pedro de Vasconcellos fallou ao filho d'esta fórma:

— Gaspar, eu sei que a irman de Sebastião Godim está em Sevilha, favorecida pelo expatriado Francisco da Cunha, cujas virtudes admiro. Não approvo que essa senhora continue a viver na dependencia d'um estranho. O bom abbade disse-me que ella, aconselhada por ti, se recolheria n'um convento de Espanha ou de Portugal. Deixo á tua escolha o convento, com tanto que não seja em Braga. Dize o dinheiro que queres remetter a Francisco da Cunha para assegurar boa casa e tença abundante a essa senhora.

— Não tenho-a certeza, meu pai, de que ella aceite a proposta do convento — disse Gaspar.

— Mal faz, se a regeita—volveu o velho — E, regeitando-a, que farás tu?

— Não posso responder-lhe, meu pai... Farei o que a sua boa alma me disser que faça. Esperemos a resposta.

A resposta de Joaquina Eduarda eram quatro linhas incluidas na longa carta do fidalgo beirão. Diziam:

«Agradeço a piedade dos teus. Não entro na clau-«sura. Não tenho coração que dar a Deus. Como «não sou estorvo á felicidade de ninguem, deixem-me «chorar livremente fóra de ferros, e esqueçam-me. «A mim, para te esquecer, basta-me a separação d'uma «pedra, que é a porta da eternidade. Adeus, Gaspar.»

Alguns periodos da carta de Francisco da Cunha explicavam o laconismo acre de Joaquina. Resavam assim:

«.... A primeira impressão da sua judiciosa pro-«posta foi irritante: nem podia ser outra. O tempo «e a reflexão espero eu que suavisem o espirito da «snr.ª D. Joaquina Eduarda. Não cesso de aprovei-«tar o ensejo de advogar a causa de ambos. No «proximo correio póde ser que eu lhe dê melhores «novas. Não desanime V. S.ª no seu salutar projecto. «Eu não vejo caminho mais desabafado por onde fu-«jam d'esta angustiada situação.

«A snr.ª D. Joaquina, a meu vêr, escreve-lhe

«palavras afflictivas. Tenha paciencia: desconte-as na «vehemencia da paixão, e espere que os ventos caiam, «e o coração acalme.

«Faz-me grande dó vel-a tão quebrada de côres, «e recolhida n'um scismar que d'antes lhe não via; «isto, porém, é dôr passageira. As minhas filhas pro-«mettem arrancal-a da tristeza.

«Hoje tive animadoras noticias de Lisboa. O «marquez de Pombal mostra-se inclinado a ouvir os «defensores da minha innocencia. Se os acreditar, «mandará levantar o sequestro dos meus bens. Acon-«tecendo isto, pedir-lhe-hei ao meu amigo que esco-«lha o convento em Vizeu, porque a snr.ª D. Joa-«quina será alli frequentemente visitada por minha «familia. Se assim tivesse acontecido, V. S.ª e ella te-«riam em minha casa, depois de legitimarem a sua «união, logar de filhos......»

Gaspar mostrou lealmente as duas cartas ao pai. Leu Pedro de Vasconcellos as linhas de D. Joaquina Eduarda, e disse:

— É caprichosa esta menina!.. As mulheres que devéras amam costumam sacrificar-se mais. Pouco ou nada se lhe dava a ella que a pobresa e a ignominia te despenhassem!

Gaspar não proferiu um monossilabo.

D'ahi a pouco, o velho, que estivera lendo reflectidamente a carta, continuou:

— Eram muito mais sinceras as minhas lagrimas e saudades, filho!.. Que tom de orgulho!..

Como não sou estorvo á felicidade de ninguem, deixem-me chorar livremente fóra de ferros, e esqueçam-me. Digna de ser esquecida é a mulher que prefere chorar onde a vejam... fóra de ferros. Que amor tão avaro da paz, da honra, da felicidade do homem amado!..

E o môço não contradizia nem com o gesto ás reflexões algum tanto injustas do pai.

Leu Vasconcellos a carta do expatriado, e confirmou o bom conceito que o fidalgo lhe merecia, lastimando não obstante que um pai de familia, protegendo tão affectuosamente uma menina fugitiva com um filho desobediente, estivesse dando um ruim exemplo de tolerancia a suas filhas.

Já Gaspar ouvia desagradavelmente as considerações do velho, bem que preferidas com brandura e delicadesa, como se desconfiasse da cura radical do filho.

Passaram alguns dias sem notavel successo. Veio nova carta de Sevilha, volvida uma semana. Francisco da Cunha lastimava-se de não poder arrancar Joaquina da solidão do seu quarto, e receava desmancho no juiso da pobre senhora. Referia alguns dizeres disparatados d'ella, e accessos de raiva contra as proprias meninas que a rodeavam de caricias e disvelos, descahindo depois da exaltação, em ternuras e chôro, pedindo de mãos postas que lhe perdoassem.

Gaspar não mostrou esta carta ao pai. Assalta-

ram-no ancias de fugir para Sevilha. Chegou a meditar no furto de porção grande de dobroens, que deviam existir nos contadores do velho.

Subjugou-lhe a reflexão os impetos, a reflexão que já póde subjugar corações apoz dois annos de amor e de infortunio. Cogitou em lançar-se aos pés do pai, supplicando-lhe licença para casar com Joaquina Eduarda. Foi a Tibães, e confessou ao tio o seu intento. Fr. João levou-o ao quarto onde estivera o pai, tirou o crucifixo do santuario, e disse-lhe:

— Juraste sobre este Christo!

— Qual Christo?—bradou blasphemando, Gaspar — Não ha Deus! Este horror da minha vida é a negação da Providencia!..

Fr. João poz-lhe a mão na bocca, e disse com solemnidade magestosa; realçada pelo habito:

— Essas impiedades nunca sahiram de bocca de homem debaixo d'estas abobadas! Cala, cala, miseravel, que és o mais eloquente testemunho de que ha Deus! Cuspiste nas cans de teu pai, perdeste uma mulher, envenenaste a vida inteira do irmão d'essa mulher... e querias ser feliz? Ha Deus, ha Deus, blasphemo! verme insultador! atomo de lama que ousas chegar á face do Altissimo! Ajoelha, covarde nos infortunios que voltaste contra ti, ajoelha, e immudece a lingua impia! Resistes? não te prostras, alma embrutecida por paixões baixas? Eu peço a Deus que se digne perdoar-te!

E ajoelhou fr. João com o Christo n'as mãos, e

os labios inclinados sobre a face ensanguentada da divina imagem.

Bagas de suor frio ressumbravam do rosto de Gaspar.

Foram cinco pavorosos minutos de sua vida aquelles !

O môço achegou-se do tio, e quiz levantal-o nos braços. Parecia extasis o olhar contemplativo do monge no rosto de Jesus. Não cedeu ao impulso, nem aos rogos. Gaspar retrahiu-se um pouco transido de religioso terror. Passados minutos, ergueu-se o frade, e disse:

— Eu pedi a Jesus redemptor que te resgatasse d'esse captiveiro da alma, ou t'a separasse do corpo que t'a quer perder.

— Não, meu tio! — exclamou Gaspar — Eu quero salval-a! quero honrar a mulher que perdi...

— Mas matas teu pai...

— A responsabilidade d'este delicto involuntario não me faria réo diante do tribunal divino.

— Então os parricidas são laureados no reino da gloria ? E os trangressores dos juramentos podem jámais nobilitar-se n'este mundo?

A argumentação do monge claudicava n'estas duas interrogações enfaticas. Fr. João era mais sublime na oração que admiravel na dialectica.

XXVII

O dom abbade, ouvindo ler as cartas vindas de Sevilha, aconselhou friamente, obrigando o môço ao cumprimento da sua palavra. Presava-se elle de conhecer bastante o coração dos homens, e alguma cousa o coração das mulheres; rasão de ter entrado no mosteiro aos trinta annos, para não vêr mais no mundo uma perfida alma que vestia peregrinas fórmas, e fizera barato d'ellas ás seducções d'outro homem.

Claro é que o sexo das delicias e das perfidias não podia contar com um estrenuo defensor na pessoa monastica e avelhentada de D. Theotonio Moniz Barreto. Mulheres mortas de paixão, dizia elle que não conhecia nenhuma, tendo vivido dez annos na côrte e na roda mais susceptivel de morrer d'amores por não ter objecto serio para distracção. «Que esta dou-

dice dos amores — dizia elle, citando Sá de Miranda — nasce da ociosidade e n'ella se mantém. »

— Olha, Gaspar amigo—continuava o dom abbade, sacudindo a piparotes o tabaco da manga — Eu entrei aqui n'este mosteiro com uma cara de inforcado ao sahir do oratorio. Cuidei e todos cuidaram que vinha largar quatro ossos que trazia a carregarem-me sobre a alma. Os primeiros quinze dias passei-os a caldos temperados com lagrimas. Ao cabo do primeiro mez, em vez das lagrimas, tomava a galinha com o caldo. No fim de tres mezes fez-se-me uma pelle nova e elastica, ao ponto de se me avolumar esta barriga, que vês, no fim do noviciado. Quando professei, rapaz, vivia tão alegre que a minha vontade era subir ao minarete da torre, e gritar de lá *urbi et orbi* que se fizesse toda a gente frade bento se queria ser feliz. Dir-te-hei mais que eu era litteralmente um asno. Fazia versos á imitação dos do padre Chagas de infausta memoria como poeta, e de eterna veneração como santo. Diliciava-me de o ouvir encarecer o pé d'uma mulher com aquelles versinhos, que eu achava invejaveis e bastantes a crear a reputação d'um Camões epico de pés pequenos. Olha que ainda me recordo !.. Por mais que tenhas dito d'um pequenino pé, hasde ficar envergonhado d'isto :

Instante de jasmim, conceito breve,
Átomo de assucena presumido,
. . . .
Suspeita de crystal, susto de neve. [1]

Já chamaste a um pé *suspeita de crystal*? e *susto de neve*? e *instante de jasmim*? Pois eu meu homem, sou do tempo em que se amavam mulheres que tinham assim os pés, e pude esquecêl-as todas, e correr-me de pejo das parvoiçadas que escrevi talhadas por estes moldes da *Fenix renascida*. Cheguei aqui abarrotado de estupidez, e encontrei grandes lettrados, sabios herdeiros dos thesouros do grande seculo de D. Manoel e João 3.º Comecei a estudar as sciencias desde o alphabeto; e, se não vinguei dar pela barba aos mestres, consegui renovar o coração em amor á sabedoria, e olhar do outeirinho onde se alteou a minha alma instruida para as mesquinharias que deixei lá em baixo na lama dos caminhos trilhados pelo commum dos homens. Não vás tu cuidar, môço, que eu te estou convidando a ser frade. Em tempo aconselhei teu pai a que te deixasse crear

[1] Declara-se em honra do varatojano Antonio das Chagas que estes e outros versos escreveu elle, quando se chamava Antonio da Fonseca, e apalpava *as suspeitas de crystal*, e não tinha ainda lido a vida de St.ª Gertrudes, que lhe alumiou algum tanto o espirito escurentado pelos galhardos vicios do capitão de cavalos, com seus *fumos de Marte*, como diz o seu biographo Manoel Godinho.

e crescer muito entre nós, a vêr se te affeiçoavas a estes costumes; porém, assim que te demos prompto de humanidades, parecias melro de bico amarello que pilhou a porta da gaiola aberta. Bom foi que te revelasses a tempo, e máo foi que o tributo ao mundo tão cedo e usurariamente o recebesse o desengano!.. Ora pois, meu Gaspar, isto redunda em dizer que a snr.ª D. Joaquina não morre de saudade. É a minha opinião. Se tão cedo recomeças a mortificar teu pai com lastimas, eu não te quero vêr mais, porque és máo homem, e mentiste-me. Não sei que mais te diga, a não ser que esperes, e cuides em procurar alguma diversão. Tens tu livros? Vai á bibliotheca, e escolhe por lá. Sobre receitas para curar o amor relê o Ovidio, que é cathedratico na materia, e o bispo Guevara que cita em abono das suas optimas doutrinas Samocracio e Nigidio, que não escreveram nada, que se conheça. Se queres consultar os casos funestos do amor, estuda Hercules e Mitrida, Meneláo e Dorta, Pirro e Helena, Alcibiades e Dorbeta, Demofonte e Philis, Annibal e Sabina, Roderico e Florinda, Antonio e Cleopatra, Gaspar de Vasconcellos e Joaquina Eduarda. Emfim, menino, *disce puer*. Estuda nos livros, e em ti. E, se ainda te lembra o teu Virgilio, applica ás mulheres o que o mantuano diz dos ramos da arvore consagrada á Juno infernal: *Primo avulso non deficit alter*.

Gaspar sorriu-se, e disse:

— Obrigado a V. reverendissima, snr. D. Theotonio. Se não vou feliz da presença de V. reverendissima, vou instruido!

— Então vmc. joga-me ironias, seu ingrato! — acudiu de boa sombra o prelado. Ora venha merendar comigo e com seu tio fr. João na minha cella.

— Graças, snr. dom abbade. Meu pai espera-me com o jantar. Eu perdi o habito de merendar em janeiro.

— Isso é epigramma ao estomago dos frades? — tornou o jovial D. Theotonio—Pois vai com Deus, e volta com santa Maria, quando quizeres... Agora muito serio: juiso!..

Seguiram-se-lhe ao desamparado môço dias de abafadora tristeza, e noites de cruelissima insomnia. Difficil lhe era já trasladar ao papel as negruras da alma. Era um atormentar-se que lhe infernava todas as horas, e nem sequer lhe deixava uma com o preciso socego para escrever. As noites, sobretudo, eram-lhe incomportaveis, as noites infinitas, no seu quarto, sem voz humana que piedosamente lhe abrisse d'alma torrentes de lagrimas, o sangue d'ella. Ouvia, apenas, no quarto proximo, o suspirar e gemer do pai, que tambem velava as noites, como todos os velhos, e mormente os tristes, que parecem estar esperando alvoroçados o arraiar do dia eterno. Nas vigilias de Pedro de Vasconcellos era grande parte o vêr elle augmentar-se a tristeza do filho, o refugiar-se nas solidões da casa, e o desmedrar cada

dia a olhos vistos, passando alguns em que nem de leve provava alimentos.

E compadecia-se.

Mas não tinha o céo um anjo que baixasse ao coração d'aquelle homem? Não seria tão de Deus o toque, a inspiração que o levasse a dizer ao filho: «da-me essa pobre menina como filha! Vai trazel-a, como sol da tua alma, ás trevas d'esta casa e d'este viver! Que eu não morra, sem que vos veja a estudar no meu rosto a alegria reflectida da vossa, a consciencia radiosa da felicidade que vos dei!»

Não: o anjo não desceu. Aquelle homem devia contas a Deus, e precisava do supplicio de duas creaturas para saldal-as. A expiação d'um que delinquiu arrasta victimas, que o exemplo despenhou. Altos segredos!

XXVIII

Joaquina Eduarda recebia cartas breves, mas successivas. Transluzia n'ellas froixa luz de esperança, porque, em verdade, no sentimento de Gaspar pouquinha luz vasquejava. A morte do pai era um lampejo que, a intercadencias, lhe alumiava futuros. Mas moderadamente exultava o môço ao vêl-os a tão incerto e rapido clarão. Já se lhe haviam esfriado n'alma os enthusiasmos. Quebrara-o a desgraça, e póde ser que tambem a insoffrida, unica, e injusta carta de Joaquina. O infortunio não vingára totalmente acalcanhar-lhe o orgulho, que a desconsideração da infeliz lhe ferira. Não obstante, escrevia-lhe com a verdade e angustia da saudade e do remorso.

As suspeitas de Francisco da Cunha eram acertadas. Joaquina desvairava por visualidades e deli-

ramentos de conversações com as filhas. Algumas vezes desatava em risadas convulsas, referindo casos jocosos do convento de Santa Clara, principalmente o da sova que levaram os frades no rio Douro, e outros episodios irrisorios dos amores das freiras. De subito, passava á descripção da sua fuga, e aos sustos da jornada por atalhos e fragoêdos. Depois, pedia á imagem do irmão que a não perseguisse, e a deixasse morrer encostada ao seio d'elle. Ria-se-lhe em seguida o semblante, e cantava as seguidilhas da Gitana do Cervantes. Por ultimo, cahia em syncope, e adormecia anciada. Ao despertar, tinha recobrado o juiso, e conversava com serenidade não menos temerosa que a excitação da loucura.

A medicina contemplava o espectaculo miserando, e dava aos hombros confessando-se inefficaz. «Só póde restaural-a a presença do homem que a reduziu a isto» diziam os medicos.

— As novas são excellentes, snr.ª D. Joaquina — disse-lhe o fidalgo — Seu futuro sogro está doente, e é de presumir que não dure muito. Brevemente aqui nos apparece Gaspar.

— Não volta aqui ! — disse ella — Porque não vem elle ?

— Se viesse já, ficavam sem recompensa os sacrificios que ambos teem feito ! Que é uma demora de dois ou tres mezes ? Eu não julgo necessario que a menina entre em convento. O melhor é esperar em nossa companhia que elle venha. Provavelmente es-

taremos em Vizeu, quando os estorvos desapparecerem. Robusteça-se para irmos embora. Os meus negocios em Lisboa vão decidir-se favoravelmente.

— Deus permitta! — acudiu Joaquina — Eu queria deixal-os muito felizes, quando morresse. São tão dignos de o serem!

— E sel-o-hemos todos. Gaspar hade mudar a sua residencia para Vizeu. Conviveremos lá como convivemos aqui.

— E eu heide cantar muito—interrompeu ella, tirando alegres notas da voz sempre clara e forte, como no vigor da saude. Eram as trevas da demencia que lhe cahiam na alma.

E então choravam as senhoras, e o velho fugia com o coração lanhado, já resolvido a pedir a Gaspar que, a todo o custo, viesse salval-a.

N'um d'estes trances, bateu á porta de Francisco da Cunha um frade dominicano. Conduzido á sala, disse:

— É em casa de V. S.ª que está uma senhora portugueza chamada Joaquina Eduarda Cazado Godim?

— É aqui onde está essa senhora. Vejo que vossa reverencia é portuguez.

— Sou portuguez, senhor. Ser-me-ha permittido vêr Joaquina Eduarda, minha irman?

— Sua irman! — exclamou Francisco da Cunha — É o irmão d'ella! o chorado d'aquella afflicta ma!..

— Pois ella sabe que eu vivo?.. Não me terá ella já ouvido para me correr aos braços?

A esta pergunta respondeu o cantico das seguilhas.

E fr. Sebastião, com assombro, disse:

— Muito feliz é ella que póde cantar!.. Cuidei que a viria encontrar muito quebrantada pela desdita!..

— Sua irman tem intervallos de demencia, senhor; agora está n'uma d'essas horas negras.

— Demencia! — clamou o frade, com as mãos postas — Posso vêl-a, snr. Cunha?

— Sim, senhor. Vamos.

Avisinhou-se da alcova fr. Sebastião. A douda encarou n'elle com os olhos cravados, e um geito de afastar a cabeça. Aproximou-se mais o irmão, e ella fugia-lhe até encostar-se á parede. Sebastião apenas disse:

— Minha irman! — e cahiu sobre uma cadeira, murmurando muito baixinho: — Mataram-m'a, está morta... já não é ella!

— Minha irman! — repetiu Joaquina — Que voz!.. que som de voz!...

Levantou-se o frade, tomou-lhe as mãos ambas, e, por entre soluços, balbuciou:

— É a voz do teu Sebastião! Joaquina, olha bem para mim... Eu sou teu irmão, o teu querido amigo, o teu eterno amigo, o teu segundo pai, a voz mise-

ricordiosa do Senhor que te falla pela minha bocca! Joaquina!..

E ella, expedindo um grito estridente, atirou-se ao seio do irmão, arrancando vozes inarticuladas.

Seguiu-se o habitual desfallecimento. Sebastião transportou-a ao leito, e sentou-se á beira do travesseiro, com a barba ajustada ao peito, e as mãos nas fontes.

As senhoras olhavam-no com religioso respeito. Francisco da Cunha hesitava de espertal-o d'aquella lethargia.

Volvida a si, Joaquina encontrou os olhos do irmão. Saltou do leito, e ajoelhou-se-lhe aos pés inclinando a face ao pavimento. Sebastião levantou-a, sahiu com ella do quarto, sorriu com muitissima brandura, e disse-lhe:

— Aqui me tens, minha pobre menina. Queres voltar ás nossas arvores do Minho? Vamos. Vem recomeçar a vida no teu paraiso, que eu despirei este habito para tornar comtigo ás solidões onde fomos felizes.

— Pois, sim: vamos... — murmurou ella com olhar spasmodico, e um sorriso pouco menos de idiota.

Sebastião olhava fitamente n'ella com indisivel assombro. Aquelles gestos e ar de sua irman não tinham que vêr com os espiritos, vida e graças d'outro tempo.

Poucas mais palavras se trocaram os dois des-

aventurados. Fr. Sebastião sahiu a hospedar-se no convento dos dominicanos, promettendo voltar no dia seguinte para combinarem o dia da partida. Joaquina ouviu isto insensivelmente, e já quando o irmão descia as escadas, foi depoz elle para lhe beijar soffregamente as mãos.

Á tarde, Francisco da Cunha procurou o frade no convento, e disse-lhe:

— Venho visital-o; mas um objecto mais importante que a cerimoniosa urbanidade me traz aqui. Peço licença para intervir nas suas deliberações, respeito a levar para Portugal sua irman. Não cuide V. reverencia que a snr.ª D. Joaquina Eduarda esqueceu Gaspar de Vasconcellos...

— Não?! — interrompeu o frade — Fui enganado então... E eu refiro a V. S.ª o que ha passado. O prior do meu convento de Vianna recebeu recado do dom abbade de Tibães, para que eu lhe fallasse em um determinado dia. Muito longe de conjecturar esta chamada extraordinaria, fui a Tibães, e ahi soube da exposição do prelado que minha irman estava em Sevilha e Gaspar em Braga; que a fome os tinha separado, e tão sómente uma maior desgraça os reuniria; e acrescentou que eu christanmente devia estender mão piedosa a minha irman — conselho que eu dispensava. Ouvido isto, voltei a Vianna a pedir licença ao meu prior para esta jornada, e aqui estou.

— O dom abbade — disse Cunha — não men-

tiu, a meu vêr. Foi omisso em explicações, e V. reverencia prompto em interpretar o mais natural, quando estes desenlaces se fazem. Sua irman está, segundo o juiso dos medicos, a descahir em completa loucura; todavia, se Gaspar de Vasconcellos aqui viesse, a infeliz restaurava-se. Supponho que V. reverencia a conduz para o Minho, ha grande perigo na reincidencia dos passados desatinos, porque, repito, não se separaram inimigos: houve uma convenção a que não faltou Gaspar; e da parte de sua irman uma suspeita que a reduziu á lastima em que a vê. Claro é, penso eu, que ella ainda o ama muitissimo, e que o avisinharem-se um do outro n'esta occasião é avisinhal-os ambos de mais fundo abysmo. Além de que, sua mana está em muito melindroso estado de saude; não a considero capaz de jornadear, nem V. reverencia está, julgo eu, nas especiaes circumstancias de velar a convalescença d'uma louca, não fallando no deperecimento das forças, e grave achaque de peito que se vai declarando. Venho, pois, instar com o snr. fr. Sebastião a fim de que permitta o demorar-se mais algum tempo sua mana em companhia de minha mulher e filhas. Brevemente vamos todos para a minha casa de Vizeu, porque muito proximo espero sentença que me restitue a patria e bens. Logo que a snr.ª D. Joaquina Eduarda se recupere, eu e alguma de minhas filhas vamos acompanhal-a onde V. reverencia ordenar. Isto lhe

peço em nome da rasão e do melindre que requer o curativo d'esta senhora.

— Condescendo muito agradecido á sublime caridade de V. S.ª — disse o frade — Não ha duvidar: aproximal-os é grave erro; minha irman ficaria a tres pequenas leguas distante de Braga. Forra-me V. S.ª a mortificações maiores, e á pobresinha dá-lhe uma familia que a defende nos seus caridosos braços. Em virtude d'isto, snr. Cunha, irei ámanhã receber as ordens de V. S.ª, e despedir-me de minha irman.

— E não dispensaria V. reverencia despedir-se?... — perguntou o fidalgo — São afflicções inuteis. Eu lhe direi a ella que seu irmão voltou a Portugal a preparar-lhe acommodações, visto que as antigas já não existem. Esta esperança póde converter-se-lhe em pensamento fixo, e, como tal, divertir-lhe o animo da lembrança de Gaspar. Quem sabe se o melhor comêço de cura é este? Experimentemos, snr. fr. Sebastião.

— Pois sim, meu respeitavel senhor; — obtemperou o frade — eu não irei despedir-me d'ella; mas V. S.ª terá a bondade de lhe entregar este pouquinho dinheiro, que me é desnecessario na jornada e no convento — E, dizendo, offerecia-lhe um embrulho de moedas d'ouro.

— De que lhe serve o dinheiro a ella? — atalhou o fidalgo, recusando aceital-o — Talvez dissessem a V. reverencia que eu vivia pobremente?... É certo: apenas livrei do sequestro uns bens insigni-

ficantes que minha mulher herdara em S. Thiago, e d'elles temos vivido com severissima economia, e relativa miseria. Sem embargo, os amigos de Lisboa ao verem aproximar-se a restauração dos meus haveres, offereceram-me dinheiro, e eu já fiz os saques, por maneira que ouso pedir a V. reverencia que me não prive da satisfação de ter sua irman por hospeda.

Sebastião Godim inclinou a cabeça, e apertou ao seio o magnanimo beirão, o typo que ainda se não perdeu dos lusitanissimos fidalgos d'aquellas montanhas, gente d'um coração tão á flor dos labios e tão lavada alma, que não os vêdes sem estranhesa, nem os deixaes sem saudade.

XXIX

Gaspar de Vasconcellos recebia esta carta dias depois:

«Meu amigo. Aqui veio fr. Sebastião Godim, «no proposito de levar sua irman. Annunciaram-lhe «o desamparo em que ella estava, e desligação de «V. S.ª Consegui que o excellente homem deixasse «ficar sua irman em nossa companhia até convalecer «da enfermidade d'alma e corpo. Obtive o consenti- «mento, e fr. Sebastião voltou ao seu mosteiro de «Vianna.

«Agora, snr. Gaspar, corre-me obrigação rigo- «rosa de lhe dizer que, em quanto o futuro se não «prosperar, é da honra de V. S.ª não perturbar o «socego que por ventura os meus cuidados possam «restituir aos atribulados espiritos d'esta infeliz.

«Qualquer passo que V. S.ª dê, que não seja «legitimado pelo casamento, é inconvenientissimo, e «despropositado. Causar o meu amigo a morte de «seu pai, sem com isso ganhar o melhoramento de «sua fortuna e da snr.ª D. Joaquina, será uma cruel«dade das que se não podem desculpar com a pala«vra amor. Pouco sei do coração dos homens, to«davia, offerece-se-me cuidar que V. S.ª já não está «cego d'esta paixão, porque a desgraça lhe alumiou «os olhos. E, por tanto, conforme-se, e triumphe, «como homem, dos seus instinctos de piedade, que, «no caso sujeito, são nocivos. Não roube terceira «vez a esta senhora o mais sagrado esteio, unico e «só que ella tem — o esteio fraternal.

«Breve iremos para Vianna. As suas cartas em «toda a parte as prezarei devéras, e mais gratas «hão de ser-me quando V. S.ª me disser que é feliz, «sem causar dissabores a ninguem. Que a felicidade, «á custa de lagrimas alheias, é uma traição aos nos«sos gosos: é um licor saboroso em taça de prata, «com as feses no fundo, feses que a final somos obri«gados a tragar. Deus o guarde por muitos annos, «meu estimado amigo, e sou, etc.»

Foi n'uma d'aquellas horas de torvo desesperar, que esta carta passou fechada das mãos de Pedro de Vasconcellos ás do filho. Leu-a o môço, e impedreniu-se, cravando os olhos cegos de lagrimas no papel que não podia reler. O velho observava-o anciado.

— Que é?—perguntou o pai — Que é, filho? Deus não se compadecerá de ti?

— Compadeceu!—disse Gaspar—acabou tudo! Aqui tem...—E, dando-lhe a carta, passou a fecharse no seu quarto. Ahi se deteve alguns minutos, e sahiu de impeto, com o rosto abrasëado, em demanda do pai. Encontrou-o relendo a carta—digamol-o tristemente—com intimo contentamento. Pozse-lhe em joelhos o filho, e exclamou:

— Ainda é tempo, meu pai! ainda é tempo!... Deixe-me casar com essa desgraçadissima senhora.

Pedro de Vasconcellos encarou-o sem vislumbre de piedade, solevou-se da cadeira em tremuras, e bradou com voz desencavernada:

— Caza! Caza na capella d'este edificio porque lá está o meu jasigo. Quero que se abra a minha sepultura ao mesmo tempo!

— Oh! que entranhas!...—clamou Gaspar, e fugiu da presença do pai, bradando no interior do palacete:—Que entranhas!.. que coração de ferro!..

Por noite alta, Gaspar de Vasconcellos ainda não tinha recolhido ao seu quarto, e o ancião passeava na vasta sala dos retratos, monologando phrases incongruentes, e olhando como apavorado, para a sua sombra. A luz froixa d'um castiçal verberava lampejos tremulos no retrato de Simão de Vasconcellos, pai d'elle. Acaso, circumvagando a vista, Pedro encontrou os olhos coruscantes d'aquelle retrato, os quaes o seguiam sinistramente d'angulo para

angulo do salão. Parou, contérrito e transido, o velho, preso d'aquella fascinação dos olhos penetrantes de seu pai. Então lhe entraram como frecha na memoria da alma os padecimentos d'aquelle velho, nos seus ultimos annos, infligidos pela vida libertina do filho, pela deshonra a que elle victimara uma familia honesta, roubando-lhe a filha unica, a mãe do filho que lhe era agora amor e flagello. Fugiu d'alli, como a esconder-se no seu quarto, e na passagem, chamou para a sua beira o capellão, que pela primeira vez de sua vida fôra interrompido no somno das duas horas da manhã.

O padre estremunhado ouviu-o tres quartos de hora em silencio.

— Que diz a isto, padre Joaquim? — perguntou o velho:

Arregalou o padre os olhos piscos, e respondeu:

— Fidalgo, o melhor é deixal-os casar. É o que eu fazia no caso de V. S.ª

— Vá-se deitar! — replicou o colerico Vasconcellos. — O capellão levantou-se, fez uma cortezia, e foi-se deitar, murmurando:

— Tanto se me dá que casem como que os leve a breca! Já se não póde dormir n'esta casa!

XXX

Ao romper da manhã, Gaspar de Vasconcellos entrava na quinta de S. João de Rey, e escrevia ao pai estas linhas:

«Se meu pai consente que eu me recolha a um «quarto d'esta casa, aqui esperarei a morte. A mi-«nha presença é-lhe odiosa, porque eu não pude «ainda reduzir a cinzas o coração. Eu de mim tam-«bem me convenci de que meu pai é cruel, e não «posso amal-o. Reduza-me á fome, se quer. Da mi-«seria me não temo eu já, porque sou sósinho a sof-«frêl-a. A desgraçada achou um irmão, eu não achei «ninguem. Dizem-me que minha mãe tinha um ir-«mão, que fabricava chapéos; se me faltar valor para «soffrer a fome, irei pedir pão ao irmão de minha «mãe. Bejo-lhe as piedosas mãos, senhor, como filho «e escravo, *Gaspar.*»

Lida a carta, partiu, como era de esperar, um lacaio com a liteira para Tibães. Fr. João era o sem-

pre invocado nas tragedias da familia. De Braga, seguiu a liteira para S. João de Rey.

Gaspar tinha ido para a serra, e recolheu por noite. Encontrou o tio a cear a mais gorda gallinha da capoeira, e a lasca de presunto menos entreviado. Sentou-se a um canto da casa, e assistiu silencioso á silenciosa deglutição do monge.

Acabado o repasto homerico, e entoada a acção de graças, o frade disse ao sobrinho:

— Vamos lá, se estás para conversar.

Fecharam-se na sala. Fr. João disse, espivitando os dentes com um palito de marfim:

— Vi teu pai na cama, vi a carta do Cunha, e vi a tua carta. Teu pai está alli, está na sepultura. D. Joaquina, mais dia menos dia, está com o irmão. Saibamos agora o que vai ser de ti. A minha paciencia está quasi esgotada. Tu és o homem mais trabalhoso que veio a este globo!.. Que queres fazer?

— Quasi nada: morrer.

— Não se morre assim.

— Em Roma e Grecia morria-se por menos. Eu li Catão e Seneca.

— Cala-te, pagão! tu devias ler o Evangelho.

— Tambem li essa historia: acho-a menos verosimil que Seneca e Catão.

— És um burro! Quem te deu as *Cartas philosophicas* e as *Cartas inglezas* de Voltaire, que estão no teu quarto?

— Provavelmente comprei-as.

— Fizeste bem... Mata a fé, e veremos o que te fica, desgraçado!

— Fica-me a certeza.

— De que?

— Do nada.

— Isso é muito saudavel... Vamos, porém, á questão principal. Ficas aqui?

— Se meu pai me não manda expulsar...

— Não manda; pede-te, e não ordena, que vás para Braga.

— Se não ordena, fico aqui.

— E, se eu te peço que vás, Gaspar?

— Que vou eu fazer em Braga, meu tio? A vida lá é-me insupportavel. Aqui estou só, fatigo-me, despedaço-me de rochedo em rochedo, atiro-me aos fragoedos d'essas serras, e consigo 'adormecer de prostrado. Nem este desafogo me querem deixar?

— Fica, pobre rapaz! És digno de muitissima piedade!.. Fica: eu de madrugada irei com essa má nova a teu pai.

E decorreram seis mezes sem que Pedro de Vasconcellos avistasse o filho, com quanto lhe enviasse criados, cavallos, armas, e dinheiro superabundante.

Gaspar via com indifferença estes preciosos enfeites das vidas felizes. Ao abrir da manhã, com um pouco de pão e queijo na bolsa de caça, galgava aos visos dos montes, e por lá se ficava até noite. De volta, ceava outro pedaço de pão e queijo; recolhia-se ao seu gabinete, e dormia escassamente.

*

Longo espaço de tempo havia que não chorava. Um dia, porém, como encontrasse na serra o mendigo, que tres annos antes lhe trazia as cartas de Joaquina Eduarda, abraçou-se n'elle em pranto desfeito.

Perguntou o pobre se a senhora tinha morrido.

— Morreu! — disse Gaspar, e apertou o passo para embrenhar-se n'um matagal.

N'este tempo, Francisco da Cunha estava já redintegrado nos seus abastados haveres. O marquez-rei mandara-o recolher e cobrar do erario o rendimento dos bens sequestrados em 1758. Ainda assim, o contentamento d'aquella familia era agorentado pelo espectaculo d'uma senhora douda, sem remedio, sem esperanças ao parecer dos medicos. A demencia de Joaquina Eduarda subiu de ponto, desde que o irmão, visto n'uma hora lucida, desappareceu, e os dias, e mezes voltaram sem elle.

— Fez-lhe medo a minha desgraça! — exclamava ella.

A demasiada e indiscreta commiseração do fidalgo foi muito n'este desastre. Se a deixasse ir com o irmão, se a deixasse chorar e recordar-se nas margens do Cavado, por ventura aquella alma voltaria á luz; aquelles cruelissimos espinhos de sua vida reviçariam ainda alguma flor das que se criam e medram ao orvalho de Deus. Inexoravel desgraça a d'aquella mulher, que até nas boas almas se insinuava,

sob capa de caridade, para atiral-a á extrema balisa do seu imperio!

Singularidade que enchia de dôr quem ouvia cantar divinalmente a pobre louca! Dôr e espanto d'aquella formosura de cadaver, entoando, ora triste ora alegre, os cantares monasticos da semana da paixão, ou as seguidilhas voluptuosas de Espanha. As senhoras Cunhas entrajavam-na primorosamente; e ella deixava-se vestir com marmorea quietação. Ia com ellas á sala, sentava-se ao piano, erguia-se para sentar-se no canapé, e não respondia a pergunta nenhuma salvo ás da familia que ella denominava os seus cherubins.

E, no concurso de cavalheiros que affluiam a ouvil-a, havia um de appellido de Mello e Napoles que se entrou d'uma paixão invencivel d'aquella mulher morta, que tinha uma hora de resuscitada, quando as teclas do piano a galvanisavam. Este cavalheiro chorava na ausencia e na presença d'ella. Votou a Deus que lhe levantaria um templo, se alvorecesse luz de rasão n'aquella eterna noite.

Como Francisco da Cunha usava chamar-lhe a sua sereia, Joaquina era assim conhecida de fidalgos e humildes em Vizeu. Diziam: «a SEREIA appareceu hontem na sala; a SEREIA teve um accesso depois que cantou. «E o povo, na sua linguagem candida e pittoresca, dizia: «Vimos hoje a SEREIA n'uma janella do palacete: olhava para o céo que parecia uma santinha.»

XXXI

Soube Gaspar de Vasconcellos que Joaquina Eduarda estava perdida. Esta nova já lhe não achou coração vivo. Foi colôsso de ferro que lhe esmagou cabeça e peito.

Viram-no, uma noite sahir de casa, os criados. Era já no inverno de 1766. Rugia a tormenta fóra nos arvoredos. Os servos seguiram-no de longe, por que o temiam, e podiam seguil-o de perto, que a negridão do céo, o estridor do vento e das cachoeiras não os denunciavam. Viram-no subir uma encosta, ao cimo da qual se achava a lomba da serra, até descahir sobre um barrocal profundo. Estugaram o passo, receosos de que o amo se despenhasse. Elle presentiu-os, e aperrou uma clavina. Fizeram pé atraz, e proferiram palavras supplicantes. Gaspar arrojou a clavina, e despenhou-se.

— Está morto! — conclamaram todos, correndo á borda do precipicio. Alguns mergulhavam a vista nas trevas, em quanto outros desceram a quebrada para rodearem o outeiro até entrarem á garganta. Não o viram, nem ouviram gemidos.

Conjecturaram que o amo tinha ficado entre a penedia, que se interpunha a meio do alcantil, sobresahindo ao nivel da aresta. Desceram os mais corajosos retrocedendo e cravejando os dedos nos sargaços, e fendas das rochas. Encontraram o corpo de Gaspar entalado na cavidade aberta entre duas fragas. Ergueram-no elles, e sentiram-lhe o calor do bafo. Escorria-lhe sangue da cabeça e do pescoço. Uns correram a buscar cordas e escadas para guindarem o moribundo ou o cadaver, em quanto outros foram chamar cirurgião, e avisar o pai.

Foi custoso içar aquelle corpo inerte, que, a cada impuchão que lhe davam, arrancava um grito rouco, e reversava golphos de sangue.

Transportaram-no ao leito. O cirurgião curou-lhe as feridas principaes; declarou, porém, que se não morresse logo, pouco viveria, porque tinha, entre o queixo inferior e a clavicula uma saliencia, que o cirurgião denominou tumor sanguineo, e nós hoje denominariamos aneurysma. As fracturas da cabeça, com quanto profundas, não lhe amolgaram o cerebro.

Gaspar assistiu com os olhos abertos e silencioso á cura das feridas: não desprendeu sequer um suspiro, que parecesse gemido. Quando, porém, viu

entrar o pai offegante e quasi em braços dos lacaios, fechou os olhos, e murmurou palavras inintellegiveis. Em seguida ao pai entrou fr. João, e chamou-o. Gaspar encarou n'elle, e disse :

— A expiação é maior. O seu Deus não está ainda satisfeito...— E fechou novamente os olhos, quando o pai se aproximou.

Fr. João olhou para o espaldar do leito, e viu debaixo do travesseiro um livro, que tirou. Estava aberto, com uma pagina dobrada. Eram as cartas de Seneca. A pagina assignalada dizia :

Ha nada mais estupido que ser delicado no morrer? Digno e generoso é o homem, cujo acabar de sua mão está. Vêde-o com que bravura se imbebe um punhal! A coragem com que se elle despenha ás profundezas do mar, ou d'alto a baixo por sobre espantosos fragoedos! Quando todos os recursos lhe escasseavam, ainda tinha de seu com que dar-se a morte, para ensinar ao universo que o morrer está no querer. Pensem o que quizerem d'esta acção; mas concedam que a mais torpe morte é preferivel á mais brilhante servidão. [1]

O frade fechou o livro, e disse entre si :

— Tinha perdido a fé!.. E não teve mãe, cujas orações lhe lembrassem n'aquella hora!...

Pedro de Vasconcellos mandou sahir os creados

1 Epist. LXXI.

do quarto. Abeirou-se do filho, e disse-lhe: — Casa com Joaquina Eduarda, e vem com ella para a companhia de teu pai.

Gaspar, sem descerrar as palpebras roixas, disse:

— Não venha escarnecer sobre dois cadaveres!.. Joaquina Eduarda está morta, e eu vou morrer.

— Pois ella morreu?! — exclamou o velho voltado para o irmão.

— Doida sei eu que está... Verdadeiramente está morta... — respondeu o frade.

— E que me querem agora? — perguntou Gaspar exagitado, revolvendo a lingua pelos labios ressequidos — Que me querem agora?

— Salvar-te a alma, se não podermos mais — respondeu fr. João.

— A alma!.. — replicou o suicida, sorrindo ferozmente — a alma é este sangue maldito que me abrasa as arterias!... Eu queria uma pessoa que me ajudasse a morrer! Queria minha mãe!.. Onde está minha mãe, snr. Pedro de Vasconcellos?.. onde está a filha do chapelleiro?.. a Maria Pereira?!.. Unja-me o rosto com algumas das lagrimas que ella chorou aos seus pés!..

— Jesus, valei-me! — exclamou o velho.

— Gaspar! tem piedade!.. — supplicou fervorosamente o frade.

— Pois deixem-me! deixem-me, que eu quero

morrer desamparado como ella, sem pai, sem mãe, sem amigos !

Pedro de Vasconcellos estrebuchava na sala proxima prostrado sobre um escabello em ancias de morte.

Fr. João ajoelhára aos pés do leito do sobrinho, e orava com a face de rojo.

XXXII

Pedro de Vasconcellos e o irmão assentaram residencia em S. João de Rey. O pai escutava a respiração do enfermo; do limiar da porta, encoberta pelo reposteiro, não passava. Os medicos recommendaram-lhe a remoção de causas que excitassem o doente, sob pena de sobrevir uma febre thraumatica. Ora, o apparecimento do pai incendia-lhe o rosto, e exasperava-o em contursões e vertigens.

Fr. João era o enfermeiro, e o apostolo. Ministrava-lhe os linimentos do corpo e da alma. Os primeiros iam operando efficazmente; os outros pareciam a semente da parabola que cahiu sobre pedra. As chagas fecharam; mas o distendimento da arteria subclavia não se retrahiu. A aneurysma estava formada. Tinha alli a morte certa para uma hora im-

prevista. Poderia viver mezes, ou ainda annos, se o não sobreexcitasse alguma forte commoção phisica ou moral.

Ao fim de trinta dias, levantou-se. Fr. João, como lhe visse no semblante insolita serenidade, disse-lhe :

— Teu pai quer vêr-te.

— Aqui estou ás ordens de quem quizer vêrme — respondeu Gaspar.

— Não o tractes com desabrimento — observou o frade.

— Meu pai está castigado : é necessario que dois reus do mesmo crime se abracem, e não se dilacerem.

Sahiu o monge e voltou com o irmão.

Gaspar levantou-se da poltrona, e inclinou a cabeça diante do pai, que lhe incutiu dó. Era a decrepitude repulsiva. Já parece que as herpes lhe corroiam as faces.

— Venho despedir-me de ti, filho—disse muito commovido o ancião—É tempo de acabar. . . Deixo-te, e vou para Braga.

O filho apertou-lhe a mão compadecido, e murmurou :

— Adeus, meu pai. A tragedia está finda. Digamos agora como os auctores romanos : «applaudi, homens !» Se meu pai me antecipar na sahida d'este mundo, rogo-lhe, em nome de minha mãe, que

me deixe uma esmola com que eu possa recolher-me a um convento.

— Convento? — exclamou fr. João — Por ventura desceu um raio da graça divina á tua alma, Gaspar?

— Não desceu raio de coisa nenhuma — respondeu Gaspar — Escolho o mosteiro porque é lá a solidão e o esquecimento; porque não verei lá mais as testemunhas d'esta enorme clamidade, d'estes vestigios de sangue, que hão apagar-se á porta do mosteiro dos paulistas da serra d'Ossa.

— Serra d'Ossa! — contraveio o monge — Que idêa é essa? Convento pobre e austero...

— Que tenho eu com as riquezas dos outros conventos? Em quanto á austeridade, eu não tenho já liberdade que sacrificar.

— Essa idêa hade desvanecêl-a a supplica de teu pai. Quererás que eu ajoelhe a teus pés? — disse Pedro de Vasconcellos.

— Não, senhor: não me humilhe, nem me faça mais desgraçado com a sua humildade, meu pai. Porque me não hade consentir que eu viva só, e procure n'um mosteiro um pouco de socego para esta pobre alma?

— Embora o faças, meu filho; mas escolhe outra casa, e outro habito.

— Que faz a differença das mortalhas?.. Bem... eu tiro a partido que não seja Tibães, nem mosteiro em cidade.

— Irás para Grijó... serás conego regrante de S. Agostinho; mas enterra-me primeiro.

— Poupemo-nos, meu pai — redarguiu Gaspar. Irei para Grijó; e, se lá o raio divino me alumiar, pedirei a Deus que lhe alongue os dias, e lh'os doure de contentamentos.

Pedro fitou os olhos aguados no irmão. Fr. João, como inspirado a subitas, disse:

— Deixa-o ir, Pedro; deixa-o ir: é Deus que o encaminha.

E, com effeito, era Deus que o encaminhava... Em poucas horas se aviaram licenças para a entrada do noviço no mosteiro dos Cruzios de Grijó.

A fatal nova chegou á quinta de Villa Verde, onde uma menina de desenove annos, aquella Paulina Roberta, de tão alegre condição e exuberante saude, se definhava e ia como anjo corrido da desgraça a esconder-se na sepultura. Ninguem fallára d'ella a Gaspar, nem elle perguntára pela doce alma que regeitára o esposo eleito pelo tio. A mãe tinha-a entre os braços, e via de dia para dia o ir-se apagando a sua luz, a sua filha unica.

Chegou, pois, a nova do destino de Gaspar a Val-Verde.

Paulina pediu á mãe, que a levasse a despedir-se do primo. E ajuntou:

— Não lhe pedirei mais nada n'este mundo.

Entraram á casa de Vasconcellos, quando Gaspar se despedia do pai e do tio.

Fr. João, chamado fóra, voltou a dizer que estava na sala sua irman e Paulina, para se despedirem do primo e sobrinho.

Gaspar entrou na sala; e ao vêr Paulina Roberta, estremeceu.

— Espantou-se!..—disse a menina sorrindo — Admiras-te de me vêr assim, Gaspar!.. tambem tu estás muito mudado!

— Vejo que padeces, prima...Que é? — disse elle.

— Ha tres annos—respondeu a mãe—Ha tres annos que a vejo finar-se... Foste tu — rompeu a mãe em gritos e lagrimas — foste tu que mataste a minha filha!...

— Oh mãe! — exclamou a menina, impedindo-a de proseguir.

— Em que a matei, minha tia?...— objectou Gaspar—por ventura, Paulina...

— É minha mãe — acudiu a menina — que tem aquellas idêas... Que culpa tens tu na minha doença, primo? Mãe... pelo amor de Deus, não chore assim, que me faz peorar!

— Santo Deus! — exclamou Gaspar com as mãos agarradas na fronte—Santo Deus, que mal fiz eu á Providencia para perseguição tão incansavel!...

E, como delirante, fugiu da sala, afogado de soluços, e desceu ao pateo, onde o esperava a liteira, e dous lacaios com os machos á redea.

O esbofado fr. João de Vasconcellos seguiu-o, e ajudou-o a embarcar na liteira.

Quando sahiu á rua a locomotiva, abriu-se uma janella do palacete, e Gaspar ouviu a voz da prima, que lhe dizia:

— Primo, olha que eu vim para me despedir... E então... adeus! meu primo, adeus!..

E recolheu-se, amparada nos braços da mãe.

Sete dias depois d'este transe, o cadaver de Paulina Roberta descia ao jazigo da familia, situado na capella d'aquelle palacio. A mãe conseguiu do irmão que lhe cedesse um quarto, com porta para o interior do coreto d'onde os fidalgos assistiam á missa. Duas vezes cada dia foi ella vêr do rotulo do côro o marmore que fechava os ossos de Paulina; mas, ao fecharem-se tres mezes de saudade, a pobre mãe mudou do quarto para o leito glacial da filha.

XXXIII

Fr. Sebastião Godim, no correr do anno de 1767, passou em Vizeu duas temporadas, hospedado em casa de Francisco da Cunha. Eram sensiveis as melhoras de Joaquina Eduarda. Os desvairamentos d'aquella abrasada fronte applacavam-se quando a mão do frade lhe tocava; as syncopes eram menos espaçosas, se a enferma cahia extenuada nos braços do irmão.

Esperançou-se a medicina, aconselhando fr. Sebastião a permanecer o mais tempo que podesse junto da irman.

Quizera elle transferil-a para a casa paterna de Vianna; mas a familia Cunha contradizia o intento allegando, com o beneplacito dos medicos, que a desconvivencia d'uma familia carinhosa lhe seria no-

civa ao progredimento da cura, e que a posição captiva do irmão a forçaria á soledade, e, pelo conseguinte, ás reminiscencias aggravadoras da loucura.

Como disse, voltou segunda vez a Vizeu o frade. Mais sensivel se manifestou a cura de Joaquina. Exultaram todos, quando ella, depois de estar-se recordando attentivamente com dois dedos ajustados aos labios, perguntou de golpe:

— Mano Sebastião, que é feito de Maria Amalia?! Ha muito tempo que não sei nada de minha irman...

— Está em Pernambuco, para onde nosso cunhado foi despachado corregedor.

— Nunca te escreve?

— Tive uma carta.

— Pergunta por mim?

— Pergunta...

O frade mentira discretamente. Maria Amalia, conscia da fuga da irman, recebeu ordem do marido para não mais fallar d'ella, nem consentir que lhe fallassem. Este requinte de honra não contrariou a esposa. Maria cumpria á lettra as ordens do marido, e apagára de sua alma os derradeiros vislumbres de amizade e piedade da irman.

Começou Joaquina, depois que o irmão a enganou, a recordar a bellesa de Maria Amalia, o donaire da sua presença, as alegrias de sua vida, bem que tivesse um marido muito mais idoso. Notou os defeitos que maculavam algumas excellentes qualida-

des d'ella, e observou que a soberba de ser formosa a cegava a ponto de cuidar que as outras mulheres eram tão soberbas como ella.

Estas reflexões justas indicavam inteireza e claridade de juiso. Fr. Sebastião deliciava-se, escutando-a.

É verdade que, n'algumas conversações, passava bruscamente do acêrto ao disparate; ainda assim, as nevoas eram passageiras, e o espirito desnublava-se assim que o irmão a espertava d'aquelle adormecer-se d'alma em escuridade subita.

Decorridos dezoito mezes, depois que Joaquina Eduarda passara de Sevilha para Vizeu, fr. Sebastião, confiado na quasi completa cura de sua irman, tractou com Francisco da Cunha ir ao Minho, a fim de secularisar-se, reassumir a posse da sua reitoria, recompor como n'outro tempo o interior da residencia, e levar a irman para si. O fidalgo accedeu, vencido pelas rasões terminantes de fr. Sebastião, tirando a partido que iria elle e uma sua filha acompanhal-a, segundo estava promettido.

Deliberado assim, por assentimento de Joaquina Eduarda, o frade despediu-se alegremente da irman, e foi ao Minho diligenciar as coisas que se retardaram tres mezes.

Em fevereiro de 1768 avisou elle Francisco da Cunha de estar tudo a ponto de receber os seus presados hospedes e a sua pobre irmansinha.

Escrevendo a Joaquina dizia elle «..... O tempo

«está agreste; mas d'aqui a pouco florecem as tuas «arvores. Mandei alimpar os canteiros que estavam a «monte. Lá encontrei ainda as raizes que tu semeas-«te ha seis annos. Novamente as enterrei: quero que «ellas te festejem ainda, e te reconheçam n'esta pri-«mavera. Anda-se agora em construcção d'aquelle «tanque entre os loureiros, com que tu andavas sem-«pre a fantasiar delicias. Lá para Junho já has de «tel-o rodeado de escabellos de cortiça e coberto de «maracujás. Já sacudi o pó do teu piano, que o rei-«tor meu substituto guardou, e respeitou com tal «excesso de milindre que as aranhas urdiram pa-«cificamente as suas teias em volta d'elle.......»

Leu Joaquina, com lagrimas, estas cariciosas amizades do irmão, e sentiu ancias de se vêr no seu ermo, a sós com o amparador, com o enviado do Senhor misericordioso.

Preparou-se para a partida, com promessa de voltar a Vizeu no inverno seguinte.

Alguns cavalheiros concorreram a despedir-se de D. Joaquina Eduarda desde a ante-vespera da sahida. Entre estes, faltou o mais assiduo nos saráos de Francisco da Cunha, aquelle Mello e Napoles em cujo seio flammejara o primeiro amor á formosa cantora, á donda divina, que fazia chorar com os threnos de Jeremias, e rir com as seguidilhas de Miguel Cervantes. Perguntou Joaquina Eduarda por elle, em cujos olhos tantas vezes se vira espelhada nas lagri-

mas. Disseram-lhe que vivia muito incerrado na sua camara, e muito dessaboreado da vida.

— Pois diga-lhe — rogou ella ao cavalheiro interrogado — que eu nunca me heide esquecer de que o vi chorar por mim.

— E de que foi amada por elle como ninguem mais o será nem foi n'este mundo — ajuntou o cavalheiro.

Joaquina spasmou os olhos no semblante do sujeito, e desatou uma casquinada de riso arripiador, e logo exclamou:

— Amada! amada eu!... Eu! Fallarem-me a mim em amor!.. Pois eu não me perdi?!.. eu não fui atirada ao asco da lama por aquelle môço gentil que não voltou mais.....

O delirio proseguia. Recahira a infeliz nos accessos desde muito apasiugados. Seguiram-se dias terriveis, e tornaram as desesperanças da cura. Dilatou-se a partida para mais tarde. Já o padre Sebastião Godim se dispunha a voltar a Vizeu, quando recebeu a fausta nova das melhoras da irman, bem que os medicos davam como impossivel a perfeição da cura, conjecturando lesão cerebral irremediavel.

XXXIV

O noviço de Grijó passára o anno do noviciado, entre os companheiros e os mestres, com a reputação e respeitos d'um grande desgraçado. O arcebispo bracharense D. Gaspar recommendára ao dom abbade de Grijó que se houvesse mui singularmente com aquelle noviço, não o compellindo a resas e ceremonias. Acrescentava que era prudencia e caridade esperar que a divina Providencia influisse no animo de Gaspar de Vasconcellos o amor ás coisas de Deus e á vida propriamente.

Com recommendação de tal porte, o noviço nem levemente era espertado de seu turpor e abstrahimento.

Concluido o praso do noviciado, Gaspar vestiu o habito, com a indifferença de quem muda de tra-

jo. Acolheu-se outra vez á sua cella D. Gaspar, conego regrante de Santo Agostinho.

Depois de professo, poucos dias decorridos, recebeu carta de fr. João de Vasconcellos, pedindo-lhe que acudisse ao chamamento do pai que estava em perigo de morte, com um terceiro insulto apopletico. O frade cruzio, no mesmo ponto, pediu licença ao prelado, mostrando-lhe a carta do tio. Aprestou-se a liteira do mosteiro, e partiu.

Aproximou-se do leito da agonia do pai, e ajoelhou, beijando-lhe a fronte. Ergueu-se, tomou da mão de um frade carmelita um livro chamado o *Director funebre*, e folheou até achar a página intitulada: *Do modo de ajudar a bem morrer*. E leu, voltado para o crucifixo, que dois castiçaes alumiavam:

Delicta juventutis, et ignorantias ejus, quæsumus, ne memineris, Domine: sed secúndùm magnam misericordiam tuam memor esto illius in gloria claritatis tuæ. [1] E proseguiu, até ao final do psalmo: *Retribue servo tuo.*

Pedro cerrára as palpebras como para arrancar da vida. D. Gaspar aspergiu agua-benta sobre o leito e sobre os circumstantes. Os sinos dobraram á agonia na egreja proxima, e logo em todas. O mo-

[1] Não te lembres, ó Senhor, dos delictos e cegueiras da mocidade d'elle. Antes, conforme á tua grande misericordia, lembra-te d'elle para o acolher ao esplendor de tua gloria.

ribundo já não podia dizer a palavra *Jesus*, que o filho proferiu tres vezes. Aqui falleceu a coragem ao môço. Dobraram-se-lhe os joelhos, e inclinou-se com os labios sobre os do pai que já não bafejavam. Ajoelharam todos, e fr. João de Vasconcellos, com a voz convulsa entoou os formidaveis versos do *Responsorio*:

Subvenite sancti Dei, occurrite Angeli Domini, suscipientes animam ejus. Offerentes eam in conspectu Altissimi... [1]

Cessou o troar da agonia nas torres, e começou o dobre a finados.

[1] Vinde, santos de Deus, correi anjos do Senhor, a receber esta alma, e a depôl-a na presença do Altissimo.

XXXV

Quinze dias volvidos depois d'este successo, sahiram de Vizeu, em direitura a Barcellos, D. Joaquina Eduarda, Francisco da Cunha, e uma filha.

A enferma cobrára muita lucidez de espirito na semana ultima e anterior á jornada. O fidalgo sahiu animado pelos medicos, e mais ainda pela quietação e judiciosas idêas de D. Joaquina.

Ao terceiro dia de jornada anoiteceu-lhes nos Carvalhos; e, como chegassem por volta das dez horas a Villa Nova de Gaya, resolveram pernoitar na estalagem da terra, como coisa indifferente a viandantes que não tinham demora no Porto.

Joaquina Eduarda reconheceu, logo á entrada, a hospedaria em que pernoitara na primeira noite da fuga. Mostrou certa hesitação em subir as escadas,

e um revolvêr temeroso de olhos, em que reparou a filha do fidalgo, que a levava pelo braço, ao lado da lanterna do estalajadeiro.

Subiram ao sobrado da estalagem. Joaquina dispensou-se de cear, e recolheu-se ao seu quarto com uns ares de conturbação ou medo, cuja explicação ella não deu ás reiteradas perguntas de Francisco de Cunha.

Ora, o quarto que lhe deram, aconteceu ser pontualmente o mesmo em que tinha passado a primeira noite da fuga. Assim que entrou, e deu d'olhos no leito, cobriu-os com as mãos, e esteve assim quieta, immovel, largo espaço n'aquella postura. Sentou-se, quando se sentia vergar ao chão desamparada, deixou pender os braços, e logo o rosto se lhe cobriu de gotas de suor frio. Os olhos não ousava ella erguel-os sobre o leito; mas, relanceando-os temerosa, aos angulos da parede, viu um painel da Senhora das Dores. Ajoelhou; e, como não podesse orar,. abateu o rosto até ao pavimento, e abafou os gemidos collando os labios á tabua. Esforçou-se para levantar-se e fugir d'aquelle quarto. Erguida, sentiu um vágado que a fez cahir sobre o leito. Resaltou vertiginosamente como se a mordesse a farpa d'uma vibora, e foi de encontro ao castiçal, que se apagou no roçar do vestido. Palpando as paredes, e proferindo já palavras desatinadas, esbarrou com as mãos no espaldar do leito, e refugiu gritando, até bater de costas na porta, que facilmente cedeu ao empuchão.

Acudiram ao ruido e aos gritos o fidalgo, a filha, e a gente da estalagem. Encontraram-na cahida no corredor, com a face ensanguentada: ferirase na chave de uma porta, quando a syncope a derrubou.

Tomaram-na em braços a senhora Cunha com as mulheres da casa, e trasladaram-na para sobre o leito de que ella fugira. Com breve demora de lethargo. Joaquina, espertando, circumvagou os olhos pavidos; e, como reconhecesse o local, escabujou nos braços d'amiga, exclamando:

— Morro, morro aqui!..

Não na intendiam; por que ella cessava de gritar e revolver-se, e dizia extravagancias com o seu timbre de voz natural, e cantava as seguidilhas gesticulando com os braços á feição de bailarina sevilhana.

Francisco da Cunha, prevenido pelos medicos, sahiu a comprar uma poção opiada, e ministrou-lh'a em chá. Joaquina Eduarda bebeu cantarolando, e ficou d'ahi a pouco, prostrada.

A senhora Cunha passou a noite á beira do leito, e o pai a passear no proximo corredor.

Ahi, pelo romper da manhan, Joaquina levantou um alto chôro, exclamando:

— E Gaspar nunca mais voltou!.. O meu amor, por que não quizeste mais saber de mim? Ó maldito de Deus, e amado da minha alma, que não morreste de remorsos e piedade!

Fez estranhesa a Francisco da Cunha esta angustiadissima invocação ao homem de quem ella, raras vezes, articulava o nome, nos deliramentos.

— Ella ainda o ama! — disse a menina, quasi em segredo ao pai.

Joaquina sorriu-se, e disse:

— Se eu ainda o amo!.. amo, amo! é o amor da mulher que deseja vêr morto o seu algoz!

Como o pensamento era absurdo, o fidalgo intendeu que o delirio continuava.

Sobreveio uma febre ardentissima. O medico chamado ordenou uma copiosa sangria. Executou-se a sentença. Copiosamente desangrada, Joaquina esvahiu-se tão mortalmente ao parecer, que Francisco da Cunha gritou que a tinham assassinado. E não havia espertal-a d'aquella modorra. Chorava o velho, julgando-a a trespassar; a filha, abraçada n'ella, chamava-a a gritos, levantando-a para si.

Os reagentes vitaes deram-lhe symptomas de vida. Joaquina abriu os olhos, e murmurou baixinho:

— Estou melhor... Vamos embora, vamos para meu irmão.

— E terá vigor para a jornada? — perguntou o Cunha.

— Heide ter: os meus queridos anjos hãode ajudar-me a entrar na liteira... Depois...

E, quando fazia um geito de sentar-se, recahiu muito cortada de alentos, dizendo:

— Não posso... Morrerei aqui?..

Os mais habeis medicos do Porto, chamados pelo fidalgo, foram de parecer que a enferma não podia jornadear sem perigo certo. Contradizia o Cunha argumentando com dois annos de soffrimentos iguaes, sem todavia seguir-se tamanho quebranto de forças.

— Foi a sangria que a reduziu a isto! — exclamava o velho.

— Seria, não duvidamos—diziam os medicos—mas o certo é que a vida foge-lhe do pulso, e nós não temos outro indicador da força vital. Deixe-a estar alguns dias...

— Mas ella quer partir já.

— Não lhe faça V. S.ª a vontade.

De Villa Nova de Gaya, sahiu um portador para Barcellos a chamar o padre Sebastião Godim. E, no entanto, Joaquina Eduarda pedia a brados que a tirassem d'aquella estalagem.

Por volta do meio-dia, repetiu-se um mais longo dèliquio, peorado em symptomas de morte.

— E morrerá sem confissão nem sacramentos esta senhora?—perguntou a estalajadeira ao fidalgo.

— Eu não me posso convencer de que ella está perigosa; — disse Francisco da Cunha — porém, bom será que se lhe ministrem os soccorros da egreja...

— Que fazem bem, e não mal—concluiu a mulher, e desceu ao pateo no proposito de mandar chamar o reitor.

N'este comenos, parou á porta da hospedaria

uma liteira, com um passageiro em habitos de frade cruzio. Os liteireiros pediram pão e vinho para os machos. O frade não queria apear, e pareceu á estalajadeira que elle escondia o rosto entre os braços, cobrindo a cabeça com as mãos.

Perguntou ella a um creado se sua reverendissima era cruzio, e como se chamava.

— É o snr. D. Gaspar de Vasconcellos — respondeu o criado.

Accercou-se da liteira, e disse-lhe :

— V. reverendissima vai doente ?

— Não, mulher, não vou.

A estalajadeira disse de si para comsigo : «Eu já vi muitas vezes esta cara !»

— Se V. reverendissima fizesse a esmola de apear um instantinho para absolver uma creatura que está em artigos de morte...—continuou ella.

— Aonde ? — perguntou o conego.

— Lá em cima n'um quarto. Vou mandar chamar o snr. reitor; mas afigura-se-me que elle foi para a cidade.

— Eu vou — disse D. Gaspar.

— Pois venha com a graça de Deus !.. que pena me faz aquella senhora! ir-se tão nova d'este mundo!..

Subiram.

E o frade, ao avisinhar-se do quarto fatal, tremia como o condemnado em presença do patibulo.

A estalajadeira entrou adiante a annunciar a vinda d'um snr. frade cruzio de Grijó.

Francisco da Cunha sahiu á porta a recebel-o com as honras devidas a monge d'aquella cathegoria.

É indiscriptivel o lance! Gaspar reconhece o fidalgo, e vibra dos labios uma expressão, um som, uma conglobação de gritos inexprimiveis n'um só grito. Francisco da Cunha reconhece-o, e estende-lhe os braços, clamando:

— Não entre, não entre, por quem é!

— Pois que? — tartamudeou Gaspar — a minha suspeita é certa?.. Quem está a morrer, snr. Cunha?

N'isto, Joaquina Eduarda resalta do leito como se um ferro ardente a trespassasse dos colchões até ao seio. A horrorisada amiga quer segural-a, chamando o pai. Gaspar rompe ao quarto, levando diante de si o velho. Joaquina com os olhos a saltaremlhe das orbitas, os braços estirados e trementes, a bocca rasgada e aberta na expressão pavorosa do terror, corre para elle, exclamando:

— Acode-me!.. acode-me, Gaspar!

O frade recua; cinge-se hirto com a parede; arranca um rugido sotturno que devia ser o nome d'aquella visão; carrega com as mãos ambas sobre o coração, e resvala morto nos braços de Francisco da Cunha.

Rompera-se a ultima membrana do saco aneurysmatico: foi a onda de sangue represado que o afogou.

XXXVI

Joaquina Eduarda foi arrancada de sobre o cadaver, no qual enroscara os braços, e fixava os olhos com uma fixidez horrivel. Transferiram-na a outra alcôva, inteiriçada, rigida e fria como morta. O povo, alarmado pelos gritos da estalajadeira, entrava em chusmas até ao interior dos quartos. Ao convento de cruzios da serra chegou a nova da morte do frade, e ao Porto o boato de um suicidio ou assassinio.

Concorreram os cruzios o os magistrados simultaneamente. Averiguada a morte instantanea de D. Gaspar de Vasconcellos, o cadaver foi trasladado á egreja do mosteiro da Serra.

O corregedor, ouvindo a exposição de Francisco da Cunha ácêrca das antecedencias que prepararam aquella catastrophe, disse que mais felizes teriam

sido os dois criminosos e já punidos amantes se elle os tivesse capturado alli n'aquella estalagem quatro annos antes; e que o não fizera por commiseração de D. Joaquina Eduarda que elle tinha conhecido e admirado em casa do seu collega o corregedor de Pernambuco Silva Pereira.

Um respeitavel cidadão de Villa Nova, conhecedor da tragedia corrida na estalagem, e da curiosidade importuna da populaça, que não desistia de vêr a senhora douda, por amor de quem morrera o frade, procurou Francisco da Cunha, e rogou-lhe que sem demora se passasse para a casa d'elle, que partia com os muros do convento das religiosas de Corpus-Christi sobre o rio Douro. Acceitou o Cunha este valioso serviço, e fez entrar Joaquina em uma cadeirinha de mão. O attribulado fidalgo alimpava o suor da fronte, e dizia: «Estas enormes desgraças acabam-me com a vida! Depois de sete annos de expatriação, venho gosar na patria estas delicias!...»

Joaquina Eduarda sahira da cadeira como entrara: um authomato impassivel. Rodearam-na de compassivos affagos muitas familias de Villa Nova, porque o infortunio, aos olhos das pessoas mais superciliosas em pontos de honra, tinham santificado aquella mulher.

A demente circumvagava os olhos por todas as phisionomias estranhas com um ar de desconfiança e susto; se, porém, encontrava os da menina Cunha, abria um sorriso de consolada segurança.

Os medicos recommendaram que a deixassem deitar e socegar. Levaram-na a um quarto cujas janellas abriam sobre a praia. Lançaram-na sobre o leito, e ficou a sós com ella a filha de Francisco da Cunha.

Cuidava esta senhora que a sua amiga recahira em profundo dormir; escutou-lhe a respiração serena e regular; e abriu subtilmente a porta da alcôva para dizer ao pai que Joaquina adormecêra. Voltou de novo ao alcance da respiração, e viu-lhe os olhos abertos.

— Estás melhor, filhinha?—perguntou a menina.

— Que horrendo sonho!..—murmurou Joaquina.

— Sonhaste?..

— Sonhei que o via morrer diante de mim.

— A quem?

— Gaspar... Sonhei que o via morrer n'aquelle quarto em que me elle disse: «fulmine-me o céo, na hora em que eu me esquecer do que te devo.» Sonhei que o vi morrer n'aquelle quarto!.. Como elle estava vestido!.. que horrivel visão!.. que rosto o d'elle!.. estava velho!.. eu ia para abraçal-o, e a dizer-lhe: «acode-me, acode-me,» e então... cahiu, cahiu... morto!.. fulminado!.. Que sonho, meu Deus!..

E aqui expediu um grito estridulo que incutiu pavor na senhora que a escutava lavada em lagrimas.

Concorreu muita gente á porta do quarto: as senhoras da casa entraram, e Joaquina exclamou:

— Que é?... que me querem?.. eu não o matei... Eu queria salva-o!..

Mostrou vontade de levantar-se, encarando sinistramente nas pessoas que se abeiraram do leito. Ajudou-a a menina Cunha. Avisinhou-se da janella que dava sobre o rio. Encostou a face á vidraça; e começou a cantar uma das lamentações da Paixão de Christo, como se ellas entoavam no convento de St.ª Clara.

N'este momento, viu ella um homem parado em frente da janella. Fixou-o, acenou-lhe com a mão, correspondendo á cortezia do chapéo. Voltou-se para dentro, e disse :

— É aquelle cavalheiro de Vizeu que chorava por mim...

Francisco da Cunha chegou á vidraça, e conheceu o Mello e Napoles, o homem que faz lembrar aquelle convencional que se apaixonou por Carlota Corday, quando as pranchas do patibulo se pregavam.

— Outro infeliz ! — disse entre si o fidalgo, e perguntou a Joaquina Eduarda :

— Quer que o chame ?

— Não, que elle chora por mim, e faz-me compaixão... — disse ella commovida.

Voltou-se de salto para as damas que se agrupavam no quarto, e perguntou :

— São visitas ? ha hoje baile ?... Eu vou cantar as seguidilhas todas que sei ; mas a minha é a mais graciosa. Gaspar gostava muito de ouvil-a... Ah!

Esta exclamação fez pavor: foi o estalar derradeiro d'aquelle peito ! O coração devia diluir-se n'esse instante, porque em seguida os olhos de Joaqui-

na pareciam nadar em sangue. Correu de encontro á porta, que Francisco da Cunha lhe impediu encostando-se, e affastando-a com gestos e palavras supplicantes. Retrocedeu para o leito a demente alumiada, como todos os loucos, á luz da alvorada eterna. Debruçou-se no leito, cravou os dentes na coberta, e gemeu em gritos longo tempo, até esmorecer extenuada e inerte.

Deitaram-na. Cerrou os olhos, e disse mansinho :

— Quero dormir.

A senhora Cunha sentou-se ao pé do leito. Joaquina chamou-a; deu-lhe um beijo; beijou-a mais tres vezes, e murmurou :

— São tres beijos para tua mãe e irmans. Nunca me chorem... O tempo de me chorarem... acabou.

— Filha... por que fallas assim?!—exclamou a menina — tu não morres...

— Ai!.. meu anjo do céo... morro, morro... Agora queria socegar...

E voltando-se para a parede, fechou os olhos, e fingiu um profundo dormir. A lagrimosa enfermeira acreditou-a.

Era ao cahir da noite. Decorreram duas horas, e Joaquina Eduarda ainda dormia. Chegaram-lhe a luz perto do rosto, viram-lhe a humidade das lagrimas, e cuidaram que ella chorava sonhando.

Uma das senhoras da casa disse á hospeda que fosse tomar uma chavena de chá, em quanto ella fi-

cava velando a sua querida enferma. Hesitou a menina Cunha; porém, muito rogada, obedeceu.

Instantes depois, Joaquina Eduarda ergueu-se de subito. A senhora, que a vigiava, espavoriu-se, e correu á sala a chamar Francisco da Cunha e a filha.

Quando entraram, viram aberta a janella que dava sobre o areal, e descobriram na escuridão de fóra um indeciso vulto correndo para o caes.

— Vai afogar-se! acudamos!—exclamou Francisco da Cunha.

Como a janella era baixa, o velho e o dono da casa saltaram por ella; mas, ao chegarem á borda do caes, ouviram um estrugido de ondas, e divisaram um vulto estrebuchando á flor d'agua.

Mas, já perto d'aquelle vulto, enxergaram elles outro, cortando as ondas com velocidade espantosa.

— Vai alguem salval-a?.. Dou tudo que tenho a quem a salvar!..—exclamava Francisco da Cunha, ao tempo que das janellas da casa hospedeira sahia um temeroso alarido de brados.

Volvido um quarto de hora de horrivel anciedade, viram avisinhar-se do caes o nadador, com Joaquina Eduarda segura pelos braços em volta do pescoço. Vieram muitas luzes. Rodearam o corajoso homem que sahia da agua com a suicida apertada ao seio. O salvador era João de Mello e Napoles; mas Joaquina Eduarda estava morta.

CONCLUSÃO

Ao fim da tarde do dia seguinte, o padre Sebastião Godim chegou ao Porto com o coração a desbordar de contentamento.

Apeou á entrada da ponte das barcas, para levar o cavallo á redea, e viu do lado d'alem uma fileira de tochas, ao tempo que dobravam os sinos. Perguntou a um grupo de homens que estavam olhando na direcção das luzes, se havia morrido alguem de consideração em Villa Nova.

Um dos interrogados respondeu :

— Foi uma senhora que se atirou ao rio.

— Quem era ? — perguntou o padre ainda insuspeitoso.

— Era uma senhora do Minho, e pelos modos fidalga, que amava um frade de Grijó, que hoje de manhã morreu de repente no quarto d'ella na estalagem da Michaela de Gaya.

Padre Sebastião perdeu a consciencia de sua individualidade n'aquelle instante e em cinco minutos seguidos; todavia, maquinalmente, foi atravessando a ponte; e guiado pelo clarão das tochas, parou á porta da egreja.

Entròu; encostou-se a um recanto do templo; ouviu os officios funebres, e proferiu as palavras do ritual. Terminados os responsos, avisinhou-se do esquife, que se levantava em eça pouco alta, descobriu o rosto da irman, beijou-lhe a fronte, cobriu-lhe o rosto; e murmurou :

— Dai-lhe, senhor, eterno descanço.

Indagou da residencia de Francisco da Cunha, e soube que elle partira para Vizeu, logo que a defuncta foi amortalhada, e pagas as despezas do sahimento.

Não tenho precisos esclarecimentos do destino de Sebastião Godim. Sei, porém, que em 1778, dez annos depois, morreu no Bussaco um eremita com aquelle nome e apellido.

D'outros personagens, que mais ou menos entram na urdidura d'estas paginas torvas, não merecia a pena indagação. É crivel que fr. João de Vasconcellos se finasse muito velho, por que tinha contra a desgraça dos seus e desgostos proprios dois admiraveis escudos : um era um leal e laborioso estomago; o outro era uma fé solida na bem-aventurança dos que soffrem com paciencia e esperam em Deus.

D. Maria Amalia voltou viuva de Pernambuco, e casou em segundas nupcias com um desembargador da Supplicação, e em terceiras nupcias com outro desembargador da Supplicação. Dizia-se em Lisboa que D. Maria Amalia era um cabido de garnachas.

Quando lhe fallavam pessoas indiscretas das desgraças de sua irman, respondia :

— Consequencias inevitaves dos erros. Eu, de mim, tenho-me sujeitado a viver esposa de velhos, para ter juiso e consideração.

Era tolo o raciocinio; mas os corollarios judiciosos. Maria Amalia quando enviuvou pela terceira vez, estava considerada e rica. Não sei em que anno se foi para o céo aquella virtuosa matrona.

Ora, João de Mello e Napoles, o salvador do cadaver de Joaquina Eduarda, morreu na flor dos annos, depois de haver escripto os apontamentos essenciaes d'esta historia, que foram encontrados na livraria do barão de Prime, fidalgo de Vizeu, fallecido ha poucos annos.

FIM.

NOTAS

Pag. 10..... *Festejos d'um casamento que nunca se realisou.*

"Chegou no entanto (1682) a comitiva do Duque de Saboia a Lisboa, e foi esta occasião a primeira, que se ouviu em Lisboa musica italiana, devendo então tanto escarneo, como hoje apreço." *Memorias da Serenissima princeza D. Isabel por Pedro Norberto d'Aucourte e Padilha.*

Parece que, decorridos quatro annos, alguns fidalgos portuguezes, enviados á corte do principe Filippe Guilherme, a fim de conduzirem para Portugal a Rainha Maria Sophia Isabel, segunda mulher de Pedro segundo, soffreram na cidade de Heidelberg uma indigestão d'opera, a qual indigestão o secretario do conde de Vilar-Maior delicadamente argue na seguinte narrativa: "A comedia foi cantada ao modo de Italia com muitas apparencias, em que se ostentou tudo o que comprehendem os limites do esplendor, e da magnificencia. Era o titulo da comedia Ulyssea, e o argumento a fundação de Lisboa, em que a formosura da nympha Calypso, e os affectos de Ulysses davam materia ao poeta para allegorisar a acção presente, concluindo sempre com faustas acclamações á felicida-

de d'este real consorcio; e como a comedia era grande, e a musica com que se representava a fazia maior, occupou a sua representação duas tardes, rematando-se o acto com um bailete, em que entraram os principes varões mascarados..." *Embaixada que fez o Exm.º Sr. Conde de Vilar-Maior, etc.*

Pag. 11. *Ó Schiatini, infeliz tenor que pedias nas árias que te pagassem e os emprezarios offendidos te levavam, no fim de cada récita para o Hospital dos doudos!*

Em uma já bastante vulgarisada nota do poema heroi-comico de Dinis, vem graciosamente contado o caso pelo theor, seguinte: "Zamperini comica cantora, Venesiana, que veio a Lisboa em 1770, com a qualidade de prima donna, e á testa de uma companhia de comicos italianos, ajustados e trazidos da Italia pelo Sr. Galli, notario apostolico da Nunciatura, e banqueiro em negocios da Curia Romana.

Entregou-se a essa *virtuosa* sociedade o theatro da rua dos Condes. Como havia tempos que não se ouvira opera italiana em Lisboa, foi grande o alvoroço que causou esta chegada de tantos *virtuosos*, mormente da senhora Zamperini, que logo com sua familia foi grandissamente alojada. Esta familia Zamperini compunha-se de tres irmans, e de um pai, homem robusto e bem apessoado que, apesar d'uma enorme cabelleira com que debalde pretendia dar quináo aos espertos alvidradores de idades, mostrava todavia no semblante poder exigir da snr.ª Zamperini menos alguma coisa, que piedoso e filial respeito, ou dever-lhe outorgar alguma coisa mais que a sua paternal benção.

Sendo forçoso custear esta especulação theatral, os agentes interessados n'ella, lembraram-se de recorrer ao filho do Marquez de Pombal, o conde d'Oeiras, então presidente do senado da camara de Lisboa, que, já preso e pendente da encantadora voz da Sirea Zam-

perini, annuiu sem difficuldade ao plano que lhe foi proposto. Sob os seus auspicios, ideou-se uma sociedade, com o fundo de 100 mil cruzados, repartidos em 100 acções de 400 mil reis cada uma. Para alcance prompto d'esta quantia, lançou-se uma finta sobre alguns negociantes nacionaes e estrangeiros que, em dia assignalado e a horas fixas, sendo juntos no senado, sem saberem a que eram chamados, ouviram da boca do conde presidente as condições d'essa nova sociedade theatral. N'uns, o receio de serem malvistos do Governo, n'outros, a vontade de agradar ao filho do primeiro Ministro, foram as poderosas considerações que os arrastaram a todos assignar as ditas condições, das quaes a mais penosa era a da somma, que logo preencheram.

Parece que os agentes e inventores d'esta sociedade tiveram por alvo singular, o de mulctar a austera sizudesa de alguns negociantes velhos; pois no rol dos assignantes, a maior parte dos nomes era de pessoas idosas, que nunca haviam sido vistas em publicos divertimentos. N'essa mesma junta foram logo nomeados quatro administradores inspectores do theatro, os quaes, com o maior desinteresse, regeitando commissão e ordenado, se deram por pagos e satisfeitos com a simples e modica retribuição de um camarote commum a todos quatro. Ignacio Pedro Quintella, provedor da companhia do Gran-Pará e Maranhão, e tio do Illm.º Barão de Quintella, Alberto Meyer, Joaquim José Estolano de Faria, e Theotonio Gomes de Carvalho foram os nomeados Inspectores administradores, *nemine discrepante*.

Poucos mezes depois da abertura d'este theatro, assim montado e administrado, morreu o já indicado pai da snr.ª Zamperini: a administração fez-lhe um sumptuoso funeral, e no trigessimo dia apoz o obito, magnificas exequias na igreja do Loreto, onde fora

sepultado. Alguns criticos de má lingua haviam espalhado o boato de que, n'essas exequias, havia de recitar a oração funebre o padre *Macedo*, a esse tempo muito bom, e justamente acreditado pregador, e poeta que já comprimentára a Zamperini com varios sonetos, odes, etc. O Patriarcha D. Francisco de Saldanha, receando que assim succedesse, mandou vir á sua presença o padre Macedo, prohibiu-lhe de orar em taes exequias; de ir á Opera; de fazer versos á Zamperini; e ordenou-lhe de substituir por uma cabelleira o cabello que trazia, á italiana, bem penteado, e muito apolvilhado. Em vão allegou o padre Macedo com o exemplo dos clerigos da Nunciatura, que todos usavam de pomada e pós; e que a cabelleira offendia os canones: pois até os padres, que d'ella usavam por causa de molestia, eram obrigados a impetrar breve de Roma, que na nunciatura era taxado em um quartinho, por tempo d'um anno de indulto. O Patriarcha foi inexoravel sobre este ponto da cabelleira, e sómente moderou a ordem de não ir á opera, com o preceito unico de não apparecer na platea, e com a faculdade de acantoar-se em fundo de algum camarote, ou em frisura pouco apparente,como a do auditor da nunciatura, *Antonini*, e do secretario do Card. *Conti*, o P. *Carlos Bacher*, e outros PP. italianos que, como elle, frequentavam a opera, e a casa de Zamperini.

Não foi o P. Macedo o unico apaixonado admirador da Zamperini; muitos poetas nacionaes e estrangeiros tributaram-lhe obsequiosas inspirações de suas musas. Entre elles destinguiu-se o encarregado dos negocios de França, o *Chevalier de Montigni*, cujos lindos versos ainda são lembrados. Em todos os estados, e em toda a idade, encontrou essa Sirea rendidos e rendosos adoradores. Em dias santos, á ultima missa, a que ella costumava assistir, na igreja do Loreto,

era o concurso que apoz si chamava, numeroso e lusidissimo.

Antes de findos dois annos, e logo depois da morte do administrador Ig. P. Quintella, o fundo da sociedade theatral achava-se exhausto, e as receitas montando a tão pouco, que mal cobriam as despezas indispensaveis do serviço mais ordinario, os administradores deixaram de pagar os salarios dos comicos e dos musicos da orchestra. Entre os primeiros havia um chamado Schiattini, tenor acontraltado, homem jovial, e poeta que, por haver pedido o que lhe era devido, em estylo que não agradou aos administradores, foi por estes aquartelado na casa dos orates, d'onde era conduzido ao theatro, todas as vezes que havia opera. Schiattini valendo-se então do privilegio analogo á residencia a que fora condemnado, vingava-se em parodiar sobre a scena a parte que no drama lhe tocava, com satyras recitadas e cantadas que divertiam os expectadores á custa dos agentes da administração. Recresceu a provocada raiva d'estes, e o pobre Schiattini vendo-se em maior aperto, recorreu a El-Rei D. José que, informado da injustiça com que era tratado, o admittiu na sua capella.

Escusado é, parece-me, dizer que esta negociação theatral apenas durou até meado de 1774, que o Marquez de Pombal fez sahir de Lisboa a Zamperini; e ainda mais escusado relatar as causas d'esta ordem do Governo; direi sómente que os accionistas não colheram coisa alguma d'essa empresa; pois achando-se empenhada e devedora a infinitos credores, não tiveram outro beneficio, que o que lhes resultava do privilegio especial de não serem obrigados a mais do que o fundo, que cada um julgou perdido, logo que com elle contribuiu.

Pag. 13. *O patriarcha dos folhetinistas em Por-*

tugal, P. Francisco Bernardo de Lima que então escrevia a Gazeta Litteraria, *obra de tal cunho, que daria hoje em dia, nome e honra a quem assim a escrevesse.*

Como specimen de vernaculidade, illustração, e atilado espirito, extractamos um fragmento do folhetim que o P. Lima escreveu ácerca d'esta opera. É tão raro o livro d'onde o trasladamos que para a maioria dos leitores será o extracto uma agradavel novidade.

Diz assim: "Que a musica geralmente fallando, é mais efficaz do que a declamação, e que dá mais força aos versos do que esta, é uma verdade, que só póde negar o que tem o ouvido muito longe do coração ou não tem absolutamente instincto algum. Assim como o pintor imita as cores da natureza, da mesma sorte o musico imita os tons, os accentos, os suspiros, as inflexões de voz, e todos os sons, com que a natureza exprime os sentimentos, e as paixões. A mesma natureza nos mostra os cantos que são proprios para exprimir os sentimentos, de sorte que, quando recitamos uma poesia terna insensivelmente lhe vamos dando certos tons, accentos, e suspiros proprios, á porporção de cada sentimento. Todos estes sons ou vozes inarticuladas tem uma força maravilhosa para nos mover, porque são os signaes das paixões instituidos pela natureza, de que aquelles receberam a sua energia, e se conhecem em todo o mundo, ao mesmo tempo que as palavras articuladas são signaes arbitrarios das paixões, instituidos pelos homens, e conhecidos em um só paiz. Os signaes naturaes das paixões, que a musica ajunta, e emprega com arte para augmentar a energia das palavras, tem uma força maravilhosa para nos mover; e esta, que é derivada da mesma natureza, faz que o recreio do ouvido venha a ser receio do coração, como já advertiu Cicero, um dos maiores observadores dos affectos humanos.

As paixões dos homens naturalmente se exprimem pela acção, pela voz, e pelos sons articulados. Nos seculos incultos parece que o gesto seria grosseiro, e horrivel, a voz só bramidos, e a lingua ou sons articulados seriam á semelhança do grasnar dos patos, como ainda hoje vêmos na lingua dos Hotentotes, que não admittiu cultura alguma.

Pelo decurso do tempo, em que se foi observando o mais agradavel, pela natural inclinação que temos á melodia, mudou-se a voz em som, o gesto em dança, e a falla em verso, seguindo-se naturalmente por frequentes experiencias os instrumentos musicos á imitação da voz humana. Tal é a origem, e união da musica, dança e poesia, que achamos ainda ha poucos seculos continuada nas tribus selvagens de todos os climas, como nos Iroquezes, nos Hurões, nos habitantes do Perú, etc., e o mesmo vemos na Grecia, se examinarmos bem esta origem. O judicioso Browne, que fez uma enumeração das consequencias naturaes de uma supposta civilisação entre as nações selvagens quando entrassem a cultivar as artes, diz que os seus legiladores seriam os principaes musicos, que os seus mais antigos heroes, e deidados seriam louvados por serem iminentes na musica e dança, e que as suas primeiras historias seriam compostas em verso, e cantadas, assim como as suas maximas, proverbios, leis e ritos religiosos. Estas deducções se realisam mostrando-se que taes consequencias se seguiram de facto na antiga Grecia; e se provam com o testemunho de Platão, Luciano, Strabão, Plutarco, Homero, Hesiodo, e outros antigos escriptores."

Pag. 13. *Quinze litteratos de maior polpa.*

Offerecemos, como subsidio, para a Historia litteraria do Porto os nomes dos quinze poetas e prosadores portuenses, coevos e panegeristas do governador

João d'Almada e Mello. N'este nosso tempo de academias a cada esquina, e illustração a rodo a cada canto, procurem quinze litteratos no Porto...

Eis-aqui nomes que não devem extinguir-se com o folheto que faz hoje cem annos ao justo que sahiu da *Officina portuense*:

Alvaro Leite Pereira do Lago Vasconcellos [1]
Francisco Joseph de Sales
Francisco Maria de Andrade Corvo Palhares e Mello [2]
Fr. Joaquim Rebello de Santa Anna [3]
Manoel Pedroso de Lima [4]
Luiz de Santa Angela de Fulgino Fiuza [5]
Sebastião José de Godoy Moreira
Francisco Dias de Oliveira
Luiz Manoel Guedes d'Oliveira da Silva
Bento Gomes Delgado [6]
Antonio José de Brito Sousa Abreu de Lima
Joaquim José Lino de Sá Camello
João Xavier Moreira da Silva
Manoel Guedes de Santos Oliveira da Silva [7]
Antonio da Costa Correia de Sá.

[1] Fidalgo, e abbade de Santo Ildefonso, *extra-muros*.
[2] Fidalgo.
[3] Frade de S. Jeronymo.
[4] Oppositor ás cadeiras da Universidade.
[5] Frade *Poetou em latim virgiliano*.
[6] Guarda-mór da Alfandega.
[7] D. Prior da collegiada de Cedofeita

Pag. 16. *O elegante prosador José Gomes Monteiro.*

É extrahido o chistoso folhetim do *Nacional* de 11 d'abril de 1851.

O theatro italiano no Porto em 1762

Se eu me propozesse a fallar da polvora na batalha do campo d'Ourique, não causaria isso talvez mais estranheza a muitos de meus leitores, do que fallando-lhes do theatro italiano no Porto, ha noventa annos! E comtudo é este capitulo da Chronica portuense extrahido de documentos coevos e tão authenticos, que assim os tivesse o milagre operado n'aquella famosa jornada. De facto nós os portuenses, em que pêz a nossos detractores, já somos europeus ha muito mais tempo do que geralmente se cuida. Ha quasi um seculo, já os nossos antepassados conheciam a bernarda patriotica, e a opera italiana; duas cousas, sem as quaes não ha europeiismo, nem progressismo possivel.

Politica e theatro são o sangue venenoso e arteriso que vivificam uma cidade civilisada. Que seria das plateas, do Café, do salão, do pasmatorio, se á risca se executassem a lei das rolhas e os editaes policiaes sobre os espectaculos publicos? De todas as artes e sciencias, a musica e a politica são sem duvida as que mais contribuem para a obra da civilisação. Amphion fazendo mover as pedras dos muros de Thebas sem outro guindaste mais que os sons da sua gaita, não é a meu vêr menos progressista do que Lycurgo e Solon dando constituições aos povos, ou Bruto proclamando a republica por meio de uma bernarda. É por isso que eu sou de voto que esta invicta cidade deve levantar estatuas colossaes ao grande João d'Almada, e aos não somenos heroes *Chêta, Cozido e Tatevitate.* Quasi pelo

mesmo tempo foram estes benemeritos cidadãos os inauguradores d'estes elementos de civilisação e progresso;—o primeiro creando o theatro italiano; os tres, pondo nas ruas do Porto em 1757 a primeira bernarda, ou, como elles diziam, a primeira *léria* de vulto, que viu esta nobre cidade.

O magnifico Sargento-mór de batalha e governador general da provincia e cidade do Porto João d'Almada e Mello, tinha, é verdade, comprimido a léria a golpes de espadão; mas não deixava por isso de ser um bom progressista a seu modo—sem léria. O governador era do partido do absolutismo illustrado, pois segundo se exprime um seu panegirista e protegido, elle odiava as "subtilezas que a ociosidade inventa para destruir e confundir o juiso da mocidade com o pretexto de o apurar"; mas amava apaixonadamente a illustração, as sciencias, as artes uteis e agradaveis. D'ahi a protecção aos homens de lettras e aos artistas; a creação de um jornal litterario de bastante merecimento; a instituição de uma academia de artes e sciencias em seu proprio palacio, d'ahi os grandes edificios, o luzimento de sua casa, e finalmente o theatro italiano.

Era pois por um dia do mez de maio de 1762, quando os lacaios, pagens e escudeiros de s. exc.ª andavam avisando pela rua Chã, rua das Flores, rua Nova (dos Inglezes), Bainharia, Praça Nova das Hortas, e em geral pelas moradas da nobreza rica burguezia da cidade, que se tinha definitivamente marcado o dia seguinte para se pôr em scena a formosa opera de Pargholesi *Il Trascurato*. Já se vê que o cartaz, levado hoje á perfeição pelo nosso amigo G., era ainda um progresso por conquistar.

Desde logo começam a chover os recados para a calçada do Corpo da Guarda, quasi toda habitada pela então importantissima classe dos cabelleireiros. Estes

sahem aos bandos, embrulhados em amplos capotes, sob os quaes levam a competente caixa de lata, de prevenção. Digo de prevenção, porque em geral os freguezes de ambos os sexos tinham este indispensavel estojo d'empolvilhar, que continha, além dos polvilhos e cosmeticos, um par de pentes, e uma borla de volatil e subtilissima penugem, que sacudida com exquesita dexteridade pelo mestre cabelleireiro, tornava de neve uns bellos cabellos de ébano e ouro, penteados á Marraffi.

A hora da partida aproxima-se, e as bellas, ataviadas e penteadas, pedem uma ultima approvação ao espelho e á sua aia. "Eufrazia, diz uma, estas anquinhas ficam-me horrivelmente, que ridicularia de volume. E esta marrafa ! se isto é marrafa que se apresente na comedia ! Olhem que bello feitio eu heide fazer ao pé das filhas do Almada e do Chanceller? E os *sinais*... só tres e tão pequenos... Que raiva !.." E n'isto de chorar, dava raiva, como ella dizia.—"Anjo bento, dizia a lepida lacaia, a menina escusa de chorar por tão pouco. Eu lhe avolumarei as anquinhas e o topete, que até não caiba pela porta da comedia. E por falta de sinais não hade parecer mal ao pé d'essas senhoras. Alli está ainda um covado de tafetá e goma arabia que farte, para lhe sarapintar a cara, que a fallar a verdade era melhor ir lisa, como Deus lh'a deu, tão galantinha."

Similhantes scenas se passavam em differentes mansões do *beau monde* portuense; e, diga-se a verdade, não eram os peralvilhos menos impertinentes em seus atavios e penteados.

A final os *dilletanti* d'ambos os sexos começam a pôr-se em movimento para o largo do Corpo da Guarda, local do primeiro theatro lyrico que teve esta cidade. A noite era escura, e como as necessidades publicas ainda não tinham reclamado a illuminação da cidade, n'esta occasião extraordinaria o archote era o

sol electrico d'aquelle tempo. E confessemos que, ainda hoje, quem não quizer expôr-se a quebrar as pernas nos traiçoeiros barrancos que a exc.^{ma} camara manda abrir por essas ruas, o archote é uma cousa indispensavel.

Banhados pois pelo immenso clarão de archotes, empunhados por escravos negros, caminhavam os differentes grupos de pedestres burguezes, que hoje tomariamos por bandos de mascaras em noite de Carnaval. A fina flor da aristocracia, e a burguezia aristocratisada rodavam soberbos por estes grupos em velezes carruagens, tiradas por bellas parelhas de muares bem ajaesados, e muitas tambem por bellissimos cavallos. Tal era a *magnifica Estufa ou Faetonte* do faustoso governador, tirada por quatro bisarros frisões, a que, em dias solemnes, costumava juntar mais uma parelha.

A cadeirinha transportada pelo subdito hespanhol com tanta firmeza como serenidade, tambem foi posta em movimento. Um só vehiculo deixava de contribuir para a animada scena que se passava nas ruas da cidade. Já meus leitores sabem que fallo do carroção—do corroção-omnibus — emblema do passado e reflectido progresso portuense —*festim lente*. A verdade é que este capacissimo vehiculo, a que o nosso engenho inventivo se lembrou de applicar a força motriz do boi, ao mesmo tempo que os inglezes applicavam o vapor ás carruagens; estas commodas arcas de Noé que transportam para o theatro e para a Foz os amos, as crianças, as criadas, os cães e os gatos, o papagaio e o cochixo—este vehiculo, digo, era invenção mui superior ao desenvolvimento intellectual de nossos antepassados de ha cem annos.

Mas eis a companhia reunida na casa da opera. Os camarotes estavam radiantes de formosura e de riqueza. Magnificos vestidos de cabaia, elegantes enfeites de diamantes, scintillando em alvos seios, e alvis-

simas cabeças, davam uma brilhante apparencia ás duas ordens de camarotes de que a sala se compunha. Se estas não tinham que invejar ás quatro ordens de que hoje se compõe o theatro de S. João, é justo confessar que a platea do seculo XVIII era infinitamente mais picturesca do que a nossa. O costume de nossos avós, ou tataravós, para fallar com mais precisão, rivalisava em luxo e variedade com o do bello sexo. As casacas de seda de vividas e variadas côres, os punhos de finas rendas, a prata que resplandecia nas guardas de seus fains, o fio d'ouro que serpeava nas bordaduras de seus colletes e calções; tudo dava um brilhantismo áquella reunião, que contrasta profundamente com a nossa moderna platea. Lá brilhava a seda, o ouro, a prata; aqui, n'uma massa compacta de luctuosos pannos pretos, só brilham as luzidias calvas dos nossos dilettantes.

Mas os leitores estão impacientes por assistir a esta curiosa representação de 1762. Tambem não era menos a impaciencia do respeitavel publico d'aquella noite. Porém o magnifico governador ainda não tinha chegado, e sem chegar s. exc.ª seria um desacato começar uma funcção, que era toda sua.

De passagem advertirei que supposto eu désse ao publico o titulo de *respeitavel*, a que hoje elle tem tão bom direito como o consciencioso deputado ao titulo de *illustre*; fil-o por mera cortezia para com os nossos honrados avós, e não porque o publico d'então soubesse fazer-se *respeitar* como o de agora. O tacão estava ainda longe de ser um dos poderes sociaes, e um meirinho do Chanceller Crasbeeck com a terrivel rosca de junco a sahir-lhe pela portinhola da casaca, era capaz de prover de paciencia os mais insoffridos peraltas d'aquelle bom e chorado tempo.

Mas emfim s. exc.ª appareceu na frente de seu espaçoso camarote. Toda a companhia, damas e cava-

lheiros, se levantou e fez um respeitoso salamalek ao poderoso e magnifico visir. A um nuto seu a orchestra rompeu a symphonia, e os espectadores, e das espectadoras as que sabiam ler, abriram o *libreto* do *Trascurato*.

O *libreto*? Pois acaso o nosso amigo G. não é tambem o introductor d'este genero de litteratura n'esta cidade? Não, meus senhores, o libreto data já de 1762. Eis-aqui o seu titulo por extenso. Il TRASCURATO, *dramma grazioso per musica da representarsi nel Teatro della moelta illustre citá del Porto. Na officina do capitão Manoel Pedroso*, 1762. D'este titulo parece inferir-se que esta opera fôra composta expressamente para o theatro do Corpo da Guarda, circumstancia que lhe daria uma decidida superioridade sobre o nosso moderno theatro. Diz-se que o respeitavel publico d'agora é exigente em demasia; mas sinceramente creio que elle tem dado uma grande prova de moderação, em não bradar ao estrondo de martellos, mascotos, estalos e apitos, — queremos doze peças novas, e duas pelo menos compostas expressamente para o nosso theatro! E com razão. Porque seremos nós eternamente condemnados a ouvir essas peças que tem feito o giro do mundo, e que nos chegam cantaroladas pelo rapasío de toda a Europa! Os nossos nove patacos, que, ao fim de seis mezes theatraes, sobem a uma somma enorme de contos de reis, não valerão, por serem de bronze, tanto como o dinheiro dos estrangeiros! Na verdade temos retrogradado em *dilettantismo*; mas é de esperar que a publicação d'esta importante antigualha desperte em nossos tacões uma nobre emulação, que nos colloque a par de Paris, Londres e Milão.

O panno de boca subiu vagorosamente, e os espectadores ficaram extaticos e boqui-abertos admirando o bellissimo, scenario que acabava de descortinar-se a

seus olhos. Compunha-se elle de dois bastidores por lado e um panno de fundo, representando tudo um peristilo ou columnata de ordem corinthia. Esta vista de *sala regia*, segundo o technismo dos entendedores, foi immutavel durante os tres actos da peça, ainda que ella pedia differentes mutações, de jardim, bosque, praça, etc.

A columnata foi enthusiasticamente applaudida, e pelos camarotes se fizeram os maiores elogios ao artista. Uma dama espirituosa, conversando com um entendido cavalheiro, fazia as mais engenhosas observações sobre aquelle *chefe d'obra*. "Na verdade, snr. D. Paschoal, é até onde póde chegar o genio: parecem mesmo umas columnas!"—Exactamente, minha senhora; columnas sem tirar nem pôr; columnas *ogivaes*. Mas porque dinheiro não estão ahi essas columnas.—Oh! isso de certo.—Faça idêa, minha senhora, que foi preciso que o nosso empresario roubasse ao theatro da Escala o seu primeiro pintor. Emfim minha senhora, ordenado, muleta paga ao theatro de Milão pela quebra do contracto despezas de viagem, etc., etc., custa o tal pintor ao nosso empresario entre 40 a 50 mil francos!—Isso snr. D. Paschoal, tambem é de mais. Eu não estou agora certa de quantas moedas fazem 50 mil francos; mas sempre me parece um desproposito só por estas columnas, ainda que admiraveis.—Assim parece, minha senhora; mas por isso o snr. Almada que tem tomado a peito pôr o nosso theatro a par dos primeiros da Europa em luxo, elegancia e conforto; para aproveitar esta occasião unica, ordenou ao insigne artista que pintasse por conta de s. exc.ª mais um par d'estas mesmas columnatas para nos ficarem de reserva—S. exc.ª é d'um gosto admiravel, snr. D. Paschoal."

As columnas agradaram geralmente; não faltou porém quem pela boca pequena dissesse nos corredores

que o famigerado artista era apenas um moedor de tintas do primeiro pintor do theatro da Escala, e que tinha vindo a Portugal por pouco mais de uma duzia de moedas. Alguem tambem embirrou com a estafermidade das taes columnas durante toda a representação; e com quanto não fosse isento de perigo criticar um espectaculo debaixo da immediata protecção do omnipotente governador, o rev. folhetinista *P. Francisco Bernardo de Lima* disse na sua *Gazetta litteraria*:

"Como o senado do Porto não concorre hoje com a menor despeza para este necessario divertimento, que póde interter os cidadãos na mais viva alegria, livrando-os, quando menos *d'quellas indiscretas reflexões sobre materias que só tendem a procurar-lhes a sua ruina*; diziam os amantes das representações theatraes que a opera publica é por esta falta defeituosa; porque, sem embargo de serem imperfeitas as primeiras pantomimas, até estas se supprimiram por falta de meios, e que por este mesmo motivo as vistas do theatro apenas são duas de columnatas, ou a scena da opera se finja em uma cidade, ou em uma praça, ou em um jardim, ou em um bosque, ou em uma sala, ou nas margens do mar, etc."

Este precioso trecho dava para graves considerações ácerca do espirito portuense no seculo passado; por agora contento-me com lembrar aos nossos brilhantes folhetinistas modernos, que o primeiro folhetim theatral portuguez foi escripto, ha noventa annos, n'esta nossa boa cidade do Porto, a qual, em boa consciencia, não é tão exclusivamente dada ás idolatrias utilitarias do arroz e da manteiga como alguns tem pretendido. Mas tornemos ao espectaculo.

A celebre *Giuntini* appareceu em scena. A Giuntini era uma d'essas mulheres adoraveis que fascinam, subjugam, embriagam uma platea, sem, excepção de classes ou idades. A extremada formosura de seu ros-

to, o voluptuoso desenho de suas fórmas, a elegancia do pisar, os ademanes, sem affectação apparente, e producto comtudo de uma arte consumada; este complexo de graças produziu um effeito maravilhoso sobre uma platea ainda não gasta pela saciedade dos prazeres theatraes. Não houve peralvilha que mentalmente não fizesse infidelidade á dama de seus pensamentos. *Ellas*, coitadas, aperceberam-se facilmente d'esta tacita preferencia, e sentiram-se humilhadas com a presença da encantadora sylphide. Os mesmos *pés-de-boi*, que com muita reluctancia e só por *ordem superior* tinham ficado com a sua cadeira de platea, sentiram um estremecimento, um choque electrico, que os despertou do somno que quotidianamente os costumava visitar áquella hora. Algum houve que levou maquinalmente á testa o pollegar da mão direita como para esconjurar um pensamento menos puro.

A *Giuntini* cantou divinamente. Os applausos foram geraes. Os proprios moradores de Sant' Anna, de que acabei de fallar, acharam que o snr. João d'Almada fizera bem em os compellir a ser philarmonicos, e sustentaram o applauso com pezadas e retumbantes palmas. Estes applausos férvidos e sinceros, pelo menos por parte do batalhão da cidade velha foram dados ao andante da aria que a divina *Giuntini* cantára com indizivel expressão, mimo e suavidade. Os nossos antepassados menos gastos, ou de uma organisação mais delicada do que a nossa, davam largas á expansão de seu enthusiasmo na primeira opportunidade que se lhes offerecia. Nós hoje aguardamos, com toda a nossa fleugmatica gravidade, que as notas finaes dos timbales venham exaltar a nossa sensibilidade, para rompermos, quando isso acontece, em parcas e compassadas palmas.

Seguio-se o *alegro*, que foi executado n'um estylo verdadeiramente extraordinario.

Enthusiasmada pelos applausos colhidos no andante, a *Giuntini* olhou para o regente da orchestra com uma expressão que o maestro comprehendeu perfeitamente. Este, alçando o arco do violino, fez um signal aos seus subordinados, que foi igualmente comprehendido. Era um duello a todo o transe rapidamente proposto e acceite entre a musica vocal e a instrumental.

Só a magnifica descripção virgiliana dos ventos saindo impetuosos de suas cavernas á voz do padre Eolo, nos póde auxiliar a imaginação, para fazermos uma pequena idêa d'esta lucta extraordinaria. Um turbilhão de fusas e semifusas se desatou d'ambos os lados, e adquirindo cada vez mais velocidade e violencia, mugindo e bramando, formavam rodemoinhos, em que centenares das esfusiadas notas vinham cair aos pés dos azafamados instrumentalistas. Os pobres rebecas, com os cabellos estacados, já não podiam dedelhar sua difficil escala. Os contrabassos com as faces sulcadas de grossas bagas de suor, luctavam arca por arca com seus monstruosos instrumentos. Os trompas, os serpentões, não *inchando á tuba o brnzeo ventre,* como diz Filinto; mas enchendo as afogueadas bochechas com toda a valentia dos pulmões. e esbugalhando horrivelmente os olhos, chegavam a causar horror. Foi por elles que principiou a manifestar-se a derrota da orchestra. Com effeito já ella estava em pleno charivari. Ainda a gloriosa *Giuntini* soltava um niagara de notas, quando os pobres instrumentalistas se renderam á sublime cantarina. Então os applausos foram estrepitosos, freneticos, delirantes. As corôas, as flôres cahiam ás canastras e *a prumo* sobre a cabeça da triunfnate actriz; os pombos arrastavam a aza por entre os bastidores, d'onde tinham sahido, e os sonetos *improvisados* directamente para o

componedor, cahiam copiosos como foleca sobre as gafurinas do respeitavel e escandecido publico.

"Que bello triunfo,—dizia uma senhora para um cavalheiro que a fôra visitar no entre-acto;—que merecidos applausos! No andante andou bem; mas no alegro foi prodigiosa. Que corda de voz! que mimo! que expressão! Não reparou, snr. Adolfo, com que pureza subia aos mais altos pontos da escala chromatica, e que volume de diapasão apresentou aos baixos? —Pois não havia de reparar, minha senhora, se eu era todo olhos e ouvidos. Confesso o meu fraco, se o é; quem me quizer vêr esquecido de tudo n'este mundo é dar-me um bocadinho de musica. Era capaz de estar dois dias e duas noites, sem comer nem beber, a ouvir este admiravel *alegro*. — Exactamente como eu, snr. Adolfo. E aquelles pobres musicos, como ella os poz fóra de combate. Coitados, cheguei a ter pena d'elles; parecia que queriam arrebentar. — Parecia, diz V. exc.? pois não sabe ainda o que aconteceu? — O que? e que? snr. Adolfo? — Um dos contrabassos deslocou um braço, e um desgraçado trompa arrebentou, no sentido litteral da palavra. — De véras? é possivel? Pobre homem, que falta não fará á sua familia. Mas tambem quem mette estes pobres velhos, a maior parte d'elles homens d'officio, a acompanhar uma actriz d'esta força? —Minha senhora, não é a primeira vez que isto acontece. A famosa *Salvaia*, em uma lucta similhante, fez arrebentar o melhor trompa siciliano do rei da Sardenha, e foi esta victoria que tornou o seu nome immortal nos faustos da *melodia*.

Esta rajada historica, que o peralvilho pilhára ao padre Lima, que depois a reproduzio na *Gazeta Litteraria*, fortaleceu o coração da gentil donzella, que se ia sensibilisando com o tragico successo do trompa. O peralvilho disse ainda algumas palavras sobre o me-

recimento da partitura, que elle clasificou de musica scientifica, e fazendo com toda a elegancia a sua despedida, foi tomar o seu logar na platea.

O segundo acto passou sem novidade notavel, a não ser que a fascinante *Giuntini* não foi acolhida com o mesmo enthusiasmo pela cohorte dos peralvilhos, em quanto que o primeiro basso fez numerosos e ferventes admiradores n'essa porção da platea. E é preciso confessar que os applausos dados a este artista eram merecidos; pois, segundo diz o antigo folhetinista, *bufam era dos melhores da Europa*. Parece que n'esse tempo a Italia ainda tinha bastantes bufões de primeira ordem para si, para a Europa e até para nós. Hoje é contentar com *lo che... donna dio.*

No 3.° acto o arrefecimento para com a prima donna foi mais pronunciado. A fascinante *Giuntini* cantou como no andante do 1.° acto, com mimo e frescura; mas a platea guardou um silencio sepulchral, e mortificador para a bella actriz. O batalhão de Sant'Anna quiz applaudir, mas um *ciu* estridente lhe fez metter a viola no sacco, ou antes as mãos nos bolsos dos calções. Durante os entre-actos se tinha espalhado que o filho de S. exc.ª, aquelle Francisco d'Almada, que depois veio a adquirir tão grande nome, tinha recebido umas leves demonstrações de referencia da formosa *Giuntini*. Os peralvilhos não o levaram a bem, d'ahi a sua pouca generosa frieza e a decidida predilecção pelo bufão, que no 1.° acto tinha sido ouvido com immerecida indifferença.

Assim acabou, com menos animação do que tinha principiado, esta memoravel representação do *Trascurato*, n'esta nobre e antiga cidade em 1762.

Bibliophilo Joseph.

Pag. 31. ... *bailado, arte em que portuguezes não primavam.*

Refere o já citado Antonio Rodrigues da Costa nas suas memorias da *Embaixada* ao principe palatino, que "a snr.ª eleitriz... tirou por varias vezes a dançar a João Gomes da Silva filho do conde embaixador (depois marquez de Alegrete) e ao visconde de Barbacena, que supposto pretendera escusar-se com o pouco uso que d'aquella arte havia em Portugal, foi forçoso obedecer aos soberanos rogos de sua Alteza..."